



ACADEMIA MILITAR

DIRECÇÃO DE ENSINO

Mestrado em Ciências Militares – Especialidade Segurança

Trabalho de Investigação Aplicada

**A ACÇÃO DA GUARDA NAS GRANDES CRISES
NACIONAIS**

AUTOR: Aspirante de GNR/INF Daniel José Bessa Jorge

ORIENTADOR: Tenente GNR/QTPS António Joaquim Pinto Cardoso

Lisboa, Março de 2009



ACADEMIA MILITAR

DIRECÇÃO DE ENSINO

Mestrado em Ciências Militares – Especialidade Segurança

Trabalho de Investigação Aplicada

**A ACÇÃO DA GUARDA NAS GRANDES CRISES
NACIONAIS**

AUTOR: Aspirante de GNR/INF Daniel José Bessa Jorge

ORIENTADOR: Tenente GNR/QTPS António Joaquim Pinto Cardoso

Lisboa, Março de 2009

DEDICATÓRIA

Aos meus pais e à minha namorada.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado com o contributo de várias pessoas, sem o qual não teria sido possível a sua realização. Agradecer constitui sempre uma situação ingrata, na medida em que, na ânsia de mostrar a estima pelo apoio prestado, existe sempre a perplexidade de que caia em esquecimento alguém a quem deveríamos ter agradecido e não o fizemos.

Tendo consciência desta realidade, gostaria de agradecer a todos aqueles que me ajudaram directa ou indirectamente na realização deste trabalho.

Ao meu orientador, Tenente António Cardoso, pela disponibilidade, pela preocupação e por toda a ajuda e apoio que me deu na realização deste trabalho.

Ao Major Nuno Andrade, oficial com vasto conhecimento no tema deste trabalho, com muitas horas de pesquisa de campo em factos históricos, pelos conselhos úteis que me deu e pelos contactos que me facultou.

Gostaria também de agradecer ao General Mansilha Assunção, ao Coronel Sanches Osório, ao Coronel Bélico Velasco, ao Coronel Vasco Lourenço, ao Coronel Loureiro Pinto, ao Coronel Santos Silva, ao Coronel Maia Loureiro, ao Tenente-Coronel Otelo de Carvalho, Tenente-Coronel Andrade Sousa e ao Professor Doutor Fernando Rosas não só pelos seus preciosos contributos enquanto entrevistados, mas também pelos esclarecimentos facultados, pelo tempo dispendido, pelo modo excepcional como fui recebido e pelo material facultado.

Agradeço ao Exmo. Comandante da Escola da Guarda, Major-General Melo Gomes, pelos recursos colocados à disposição e pela preocupação demonstrada.

À minha namorada, pelo auxílio na pesquisa bibliográfica, pelo contributo na redacção do trabalho, pela compreensão e pelo valioso encorajamento em momentos mais difíceis.

À Professora Isabel Oliveira pelo auxílio na revisão do trabalho.

Aos camaradas do meu curso que contribuíram (na) para a prossecução dos meus objectivos ao longo dos últimos cinco anos, pela camaradagem nos bons e maus momentos.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer aos meus pais, pela compreensão nas alturas mais complicadas, em que o tempo de trabalho se sobrepôs ao tempo destinado a estar com eles.

A todos o meu Obrigado.

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA.....	i
AGRADECIMENTOS.....	ii
ÍNDICE GERAL.....	iii
ÍNDICE DE FIGURAS.....	vi
ÍNDICE DE QUADROS.....	vii
LISTA DE ABREVIATURAS.....	viii
LISTA DE SIGLAS.....	ix
RESUMO.....	x
ABSTRACT.....	xi
EPÍGRAFE.....	xii
CAPÍTULO 1 - APRESENTAÇÃO DO TRABALHO.....	1
1.1 INTRODUÇÃO.....	1
1.1.1 FINALIDADE.....	1
1.1.2 ESCOLHA E JUSTIFICAÇÃO DO TEMA.....	1
1.1.3 DELIMITAÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO.....	1
1.1.4 OBJECTIVOS.....	2
1.2 METODOLOGIA UTILIZADA.....	3
1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	4
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	5
CAPÍTULO 2 – A CRISE.....	5
2.1 DEFINIÇÃO.....	5
2.2 TIPOS DE CRISE.....	6
CAPÍTULO 3 - O PAPEL DA GNR NO 25 DE ABRIL DE 1974.....	8
3.1 ANTECEDENTES.....	8
3.1.1 A GUERRA NAS COLÓNIAS.....	8
3.1.2 INTERIORIZAÇÃO DE UMA INTERVENÇÃO MILITAR.....	9
3.1.3 O 16 DE MARÇO DE 1974.....	9
3.1.4 O PAPEL DA GNR NO PLANEAMENTO DO 25 DE ABRIL.....	10
3.2 O 25 DE ABRIL DE 1974.....	11
3.3 IMPLICAÇÕES NA GNR.....	16

PARTE II – TRABALHO DE CAMPO	18
CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA.....	18
4.1 O PLANO DE INVESTIGAÇÃO	18
4.2 HIPÓTESES	19
4.3 UNIVERSO DE ANÁLISE E ESCOLHA DA AMOSTRA	20
4.4 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS	22
CAPÍTULO 5 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS	23
5.1 QUADROS SINÓPTICOS	23
CAPÍTULO 6 – DISCUSSÃO DE RESULTADOS	35
6.1 DISCUSSÃO DE RESULTADOS DA PERGUNTA Nº 1	35
6.2 DISCUSSÃO DE RESULTADOS DA PERGUNTA Nº 2	35
6.3 DISCUSSÃO DE RESULTADOS DA PERGUNTA Nº 3	36
6.4 DISCUSSÃO DE RESULTADOS DA PERGUNTA Nº 4	36
6.5 DISCUSSÃO DE RESULTADOS DA PERGUNTA Nº 5	37
6.6 DISCUSSÃO DE RESULTADOS DA PERGUNTA Nº 6	37
6.7 DISCUSSÃO DE RESULTADOS DA PERGUNTA Nº 7	38
6.8 DISCUSSÃO DE RESULTADOS DA PERGUNTA Nº 8	38
6.9 DISCUSSÃO DE RESULTADOS DA PERGUNTA Nº 9	39
6.10 DISCUSSÃO DE RESULTADOS DA PERGUNTA Nº 10	39
6.11 DISCUSSÃO DE RESULTADOS DA PERGUNTA Nº 11	40
6.12 DISCUSSÃO DE RESULTADOS DA PERGUNTA Nº 12	40
CAPÍTULO 7 – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	41
7.1 SÍNTESE CONCLUSIVA.....	41
7.2 VERIFICAÇÃO DE HIPÓTESES	43
7.3 RECOMENDAÇÕES	44
7.4 LIMITAÇÕES ENCONTRADAS	45
7.5 INVESTIGAÇÕES FUTURAS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
METEDOLOGIA CIENTÍFICA	46
LIVROS E REVISTAS	46
LEGISLAÇÃO	47
TESES E TRABALHOS.....	47
DOCUMENTOS	47

APÊNDICES.....	48
APÊNDICE A – TIPOS DE CRISE	49
APÊNDICE B – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO.....	51
APÊNDICE C - GUIÃO DE ENTREVISTA.....	53
APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 1	54
APÊNDICE E - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 2	57
APÊNDICE F - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 3	60
APÊNDICE G - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 4.....	63
APÊNDICE H - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 5.....	70
APÊNDICE I - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 6	75
APÊNDICE J - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 7.....	84
APÊNDICE K - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 8	90
APÊNDICE L - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 9.....	93
APÊNDICE M - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 10	98
 ANEXOS	 115
ANEXO N - RELATÓRIO DA OPERAÇÃO “FIM-REGIME”	116
ANEXO O - PERCURSO DA EPC ATÉ AO LARGO DO CARMO.....	128

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura N.1: Relatório da Operação “Fim – Regime”	116
Figura N.2: Relatório da Operação “Fim – Regime”	117
Figura N.3: Relatório da Operação “Fim – Regime”	118
Figura N.4: Relatório da Operação “Fim – Regime”	119
Figura N.5: Relatório da Operação “Fim – Regime”	120
Figura N.6: Relatório da Operação “Fim – Regime”	121
Figura N.7: Relatório da Operação “Fim – Regime”	122
Figura N.8: Relatório da Operação “Fim – Regime”	123
Figura N.9: Relatório da Operação “Fim – Regime”	124
Figura N.10: Relatório da Operação “Fim – Regime”	125
Figura N.11: Relatório da Operação “Fim – Regime”	126
Figura N.12: Relatório da Operação “Fim – Regime”	127
 Figura O.1: Percurso da EPC até ao Largo do Carmo	 128

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 2.1: Matriz Tipológica das Crises	7
Quadro 2.2: Matriz Tipológica das Crises	7
Quadro 5.1: Análise de Resultados da Questão Nº 1	23
Quadro 5.2: Análise de Resultados da Questão Nº 2	24
Quadro 5.3: Análise de Resultados da Questão Nº 3	25
Quadro 5.4: Análise de Resultados da Questão Nº 4	26
Quadro 5.5: Análise de Resultados da Questão Nº 5	27
Quadro 5.6: Análise de Resultados da Questão Nº 6	28
Quadro 5.7: Análise de Resultados da Questão Nº 7	29
Quadro 5.8: Análise de Resultados da Questão Nº 8	30
Quadro 5.9: Análise de Resultados da Questão Nº 9	31
Quadro 5.10: Análise de Resultados da Questão Nº 10	32
Quadro 5.11: Análise de Resultados da Questão Nº 11	33
Quadro 5.12: Análise de Resultados da Questão Nº 12	34

LISTA DE ABREVIATURAS

apud	citado em
Cmdt.	Comandante
ed.	edição
et.al.	<i>et aliae</i> (e outros - para pessoas)
etc	<i>et cetera</i> (e outros - para coisas)
Exmo.	Excelentíssimo
Ibid.	Ibidem (o mesmo)
nº	número
s.d.	sem data
s.l.	sem local
Vol.	Volume
V. Ex. ^a	Vossa Excelência

LISTA DE SIGLAS

AM	Academia Militar
BT	Brigada de Trânsito
CEM/GNR	Chefe de Estado Maior da GNR
CIOE	Centro de Instrução de Operações Especiais
DGS	Direcção Geral de Segurança
EPA	Escola Prática de Artilharia
EPC	Escola Prática de Cavalaria
EPI	Escola Prática de Infantaria
FA	Forças Armadas
GCG/GNR	Comandante Geral
GNR	Guarda Nacional Republicana
MFA	Movimento das Forças Armadas
PC	Posto de Comando
PCM	Presidente do Conselho de Ministros
PSP	Polícia de Segurança Pública
QC	Quadro de Complemento
QG	Quartel General
QP	Quadro Permanente
RC	Regimento de Cavalaria
RC7	Regimento de Cavalaria Nº 7
RI1	Regimento de Infantaria Nº 1
RL2	Regimento de Lanceiros 2
TIA	Trabalho de Investigação Aplicada
TPO	Tirocínio para Oficiais
2ª GGM	Segunda Grande Guerra Mundial

RESUMO

O presente trabalho está subordinado ao tema: “A Acção da Guarda nas Grandes Crises Nacionais”.

Este tema pode ser abordado em vários sentidos, não fosse a definição de Crise tão ambígua, pois até hoje, apesar da imensidão de definições existentes e seus estudiosos, não há um consenso.

Neste trabalho, será abordada uma Crise do tipo Fundamental, pois é o pior tipo de Crise e foi das Crises que mais fez estremecer o país: o 25 de Abril de 1974.

Neste contexto, desenvolve-se um estudo a partir da pergunta de partida “Qual a Acção da Guarda no 25 de Abril de 1974?”. Os principais objectivos são responder à mesma, bem como identificar o tipo Crise, a capacidade de gestão, verificar se foram retirados ensinamentos da mesma e observar a postura da Guarda perante os acontecimentos.

O trabalho iniciou-se com uma fase exploratória, clarificando o estado da questão. Posteriormente, procedeu-se a uma pesquisa bibliográfica com particular incidência em obras sobre a Crise e o 25 de Abril de 1974, em busca de conceitos teóricos para sustentar o trabalho de campo. A investigação de campo baseou-se na recolha de dados através da aplicação de entrevistas semi-directivas a um conjunto de especialistas seleccionados em função da experiência e/ou conhecimento sobre o tema. Os conceitos expostos na parte teórica são relacionados com a análise qualitativa dos resultados obtidos nas entrevistas, o que permitiu dar resposta às perguntas de investigação e verificar as hipóteses formuladas.

A Guarda Nacional Republicana (GNR) manteve-se fiel ao Regime que defendeu até à sua queda, mas teve o bom senso, sem faltar às suas obrigações, de ter uma atitude passiva, evitando assim um desfecho sangrento para esta Crise que culminou num Golpe de Estado. Por isso, não se pode considerar que a GNR tenha saído derrotada, pelo contrário, foi bastante importante para o desenlace que se obteve e pelo bonito nome pelo qual esta Crise ficou conhecida, “A Revolução dos Cravos”.

O presente trabalho foi realizado entre Janeiro e Março de 2009.

Palavras-chave: GNR, CRISE, 25 DE ABRIL DE 1974, REVOLUÇÃO, GOLPE DE ESTADO.

ABSTRACT

The present thesis is focused on the subject “Guard’s Action in Great National Crises”.

This subject can be addressed in several ways, given the ambiguity of the definition of Crisis, for until now, despite the number of existing definitions, there is no general agreement on it.

This thesis will deal with a Fundamental Crisis, because this is the most serious type of Crisis and it was this kind of Crisis that more affected the country: the 25th April, 1974.

In this context, a study will be developed around the starting question “What was the Guard’s Action in the 25th April 1974?” The main goals are to answer this question, as well as to identify the type of Crisis, the management ability, to verify if there was any lesson learned from it and to observe the Guard’s position towards the events.

At the beginning of the work, there was an exploratory phase, where the state of the question was clarified. Subsequently, a bibliographic research was made with a particular focus on works about the Crisis and the 25th April 1974, seeking theoretical concepts to support the field work. The field research was based on collecting data through the application of semi-directive interviews to a set of specialists selected by their experience and/or knowledge on the subject. The concepts exposed in the theoretical section are then associated with the qualitative analysis of the results obtained from the interviews, which allowed to answer the research questions and to confirm the formulated hypotheses.

The National Republican Guard (GNR) kept itself loyal to the system of government it defended until its fall, but, without neglecting its obligations, had the good sense to have a passive attitude, preventing, therefore, a bloody end for the Crisis, which culminated in a coup d’état.

Hence, one can not consider that the GNR came out defeated. On the contrary, its action was very important to the upshot of the Crisis and it contributed to the lovely name by which this Crisis became known, the “Revolução dos Cravos” (Carnation Revolution).

The present thesis was developed from January to March, 2009.

Keywords: GNR, CRISIS, 25TH APRIL 1974, REVOLUTION, COUP D’ETAT.

EPÍGRAFE

“CRISE... é o que acontece aos outros!

Não! Crise é o que pode, a qualquer momento, acontecer a qualquer um de nós, a qualquer empresa, a qualquer organização. E é bom que estejamos bem preparados. Que tenhamos pensado no assunto antes, que nos tenhamos organizado e apetrechado. Que saibamos bem como responder perante a adversidade, o que fazer e, sobretudo, o que não fazer.”

Carlos Braga

“ (...) Lidar com uma Crise é lidar com um pesadelo e um pesadelo torna-se menos assustador quando alguém acende uma luz (...) ”

Stephan Gundel

CAPÍTULO 1 - APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

1.1 INTRODUÇÃO

1.1.1 FINALIDADE

O presente Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) surge como parte da estrutura curricular dos cursos ministrados na Academia Militar (AM), subordinado ao tema “A Acção da Guarda nas Grandes Crises Nacionais”, para obtenção do grau de Mestre em Ciências Militares na especialidade de Segurança.

Este trabalho é uma avaliação do Tirocínio Para Oficiais (TPO) e é um factor determinante para o aproveitamento e culminar do aluno no referido curso.

O TIA visa desenvolver diversas competências essenciais ao oficial da GNR, tais como a capacidade de compreensão de situações novas e complexas, que permite realizar investigação e estudo científico. Conciliado ao desenvolvimento dessas competências está a possibilidade de tratar um assunto de interesse para a GNR, que pode retirar ensinamentos com as conclusões do relatório final deste trabalho, se achar oportuno.

Um trabalho neste âmbito visa, principalmente, a valorização pessoal do futuro oficial da GNR, mas também tem em conta a mais-valia que os resultados de tal estudo podem trazer para a instituição.

1.1.2 ESCOLHA E JUSTIFICAÇÃO DO TEMA

Este trabalho está subordinado ao tema “*A Acção da Guarda nas Grandes Crises Nacionais*”.

A escolha do tema teve por base o interesse do autor sobre acontecimentos históricos. Esse interesse surge aliado ao facto de um trabalho desta natureza permitir uma aproximação à organização, através de um estudo de carácter exploratório. Trata-se de um tema completamente novo e bastante pertinente, pois tem-se escrito muito sobre esses acontecimentos, mas a acção da Guarda é muito pouco focada. Este facto justifica uma abordagem à sua acção nessas Crises, identificando realidades que a caracterizem e verificando se está de acordo com a sua missão.

1.1.3 DELIMITAÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO

A fase conceptual é a primeira fase de três fases que o processo de investigação comporta, caracterizando-se pela definição de um tema ou um domínio de investigação,

logo, tem início quando o investigador trabalha uma ideia no sentido de orientar a sua investigação. Essa ideia pode resultar de uma observação, da literatura, de uma inquietação pessoal, ou mesmo de um conceito. Contudo, para que o estudo seja realizável, o seu domínio deverá ser delimitado.

Para Fortin (1999: 39), conceptualizar refere-se, então, a “um processo, a uma forma ordenada de formular ideias, de as documentar em torno de um assunto preciso, com vista a chegar a uma concepção clara e organizada do objecto em estudo”.

Desta forma, a fase conceptual mostra-se de extrema importância, uma vez que fornece à investigação as suas bases, a sua perspectiva e a sua força, e consiste no desenrolar das quatro seguintes etapas: escolher e formular um problema de investigação; rever a literatura pertinente; elaborar um quadro de referência; enumerar o objectivo e as questões de investigação ou as hipóteses (Fortin, 1999).

Ao iniciar um trabalho de investigação, o investigador deverá estabelecer um ponto de partida de forma a ter um fio condutor claro e preciso do trabalho que pretende desenvolver, surgindo assim a pergunta de partida “através da qual o investigador tenta exprimir o mais exactamente possível o que procura saber, elucidar, compreender melhor” (Quivy e Campenhoudt, 2008: 32).

A elaboração da pergunta de partida tem, então, que obedecer a algumas regras para que desempenhe correctamente a sua função. Assim, deve evidenciar: clareza, ao ponto de ser precisa, concisa e unívoca; exequibilidade ao ser realista; e pertinência no aspecto que deve ser uma verdadeira pergunta, abordar o estudo do que existe, basear o estudo da mudança no funcionamento e ter uma intenção de compreensão dos fenómenos estudados (Quivy e Campenhoudt, 2008).

Tendo por base os critérios referenciados, a limitação de número de páginas e o tempo disponível para elaboração do trabalho, foi estabelecida para este estudo a seguinte pergunta de partida: “*Qual a Acção da Guarda no 25 de Abril de 1974?*”

1.1.4 OBJECTIVOS

O objectivo de um estudo patenteia o propósito desse mesmo estudo, o que segundo Fortin (1999: 100) “é um enunciado declarativo que precisa as variáveis-chave, a população alvo e a orientação da investigação”.

É afectado pela natureza da investigação, ou seja, se o estudo visa desenvolver uma teoria, a questão enunciada em relação com um fenómeno evolui no seu processo para a verificação dos conceitos e das ligações que poderão levar ao seu desenvolvimento; por outro lado, se visa a verificação da teoria, a hipótese formulada surge a partir de uma proposição teórica, que será verificada com o recurso a testes estatísticos, de forma a rejeitar ou confirmar a hipótese (Fortin, 1999).

Neste sentido, o presente estudo tem como **objectivo geral** contribuir para ver qual foi a acção da Guarda no 25 de Abril de 1974.

Neste pressuposto foram traçados os seguintes **objectivos específicos**:

- ✓ Definir o conceito de Crise;
- ✓ Identificar os tipos de Crise;
- ✓ Analisar qual a origem do 25 de Abril de 1974;
- ✓ Analisar os antecedentes do 25 de Abril de 1974;
- ✓ Analisar se a Guarda esteve no planeamento do 25 de Abril de 1974;
- ✓ Identificar de que lado se encontrava a Guarda no 25 de Abril de 1974;
- ✓ Analisar a importância que a Guarda teve na resolução do 25 de Abril de 1974;
- ✓ Analisar como a Guarda saiu do 25 de Abril de 1974 (derrotada ou vitoriosa);
- ✓ Analisar a função e como se adaptou ao processo que se seguiu ao 25 de Abril de 1974.

1.2 METODOLOGIA UTILIZADA

A investigação iniciou-se com uma fase exploratória para clarificar o estado da questão. Associado ao tema do trabalho, está um conjunto de conceitos, teorias e ideias que importa apresentar e desenvolver, para se perceber as abordagens diferentes que este tema poderia ter.

Depois de definida a abordagem que se vai fazer ao tema e à pergunta de partida, realizou-se uma triagem da bibliografia existente para a elaboração do trabalho, pois segundo Quivy e Campenhoudt (2008: 52) deve-se “evitar sobrecarregar o programa, seleccionando as leituras”, pois “é preferível, com efeito, ler de modo aprofundado e crítico alguns textos bem escolhidos a ler superficialmente milhares de páginas.”

A pesquisa bibliográfica foi feita em vários locais, nomeadamente na biblioteca Nacional, na biblioteca da Escola da Guarda, na biblioteca do Exército, na biblioteca do Museu da Republica e Resistência, bem como na Moroteca, incidindo sobre obras respeitantes à Crise e ao 25 de Abril de 1974, bem como jornais da época e legislação que regia a GNR.

No trabalho de campo, recorreu-se essencialmente à **análise qualitativa** de dados recolhidos com a aplicação de entrevistas **semi-directivas** a uma amostra seleccionada em função do profundo conhecimento sobre o tema.

Para tratar o teor das entrevistas, procede-se à apresentação e análise de resultados para posterior discussão.

A aplicação de inquéritos por questionário, nesta investigação, limitar-se-ia a quantificar opiniões pouco elucidativas sobre o tema, logo não se justifica, pois segundo Ghiglione e Matalon (2001: 27-31), “a significância na aplicação do método quantitativo de inquéritos por questionário adquire-se quando o tema é do conhecimento geral do universo

em estudo e, na amostragem, é seleccionado um quórum considerável de pessoas que permita estabelecer generalizações”.

A explicação da metodologia utilizada vem detalhada no Capítulo 4.

1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO

Trata-se de um estudo exploratório que obedece à metodologia empregue no âmbito da investigação em Ciências Sociais.

O trabalho encontra-se dividido em duas partes distintas para além desta **apresentação do trabalho**.

A Parte I consiste no **enquadramento teórico** do tema, que está dividido em dois capítulos, em que são apresentados e relacionados alguns conceitos sobre Crise, e qual o papel da Guarda no 25 de Abril de 1974.

A Parte II reporta-se ao **trabalho de campo** desenvolvido e comporta a apresentação da metodologia, apresentação/análise de resultados e sua discussão. No final desta parte, apresentam-se algumas conclusões e recomendações sobre todo o trabalho.

A estrutura formal do trabalho foi realizada de acordo com a que é proposta por Sarmiento (2008), ajustada às orientações dadas pela AM (Academia Militar, 2008) e à realidade do trabalho em questão.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 2 – A CRISE

2.1 DEFINIÇÃO

O conceito de Crise é demasiado abrangente para ser desenvolvido em meras linhas ou até páginas. Na verdade, poderíamos ocupar toda a extensão deste trabalho a tentar fazê-lo e mesmo assim correríamos o risco de não o fazer por completo.

Toda a bibliografia consultada por nós e relacionada com este tema induz-nos o mesmo problema. Segundo Patrick Lagadec (1993: 43) “todos os estudos sobre Crises deparam-se com o mesmo problema de definição e de compreensão fundamental: o que entendemos por Crise?”.

Ao longo deste ponto, iremos constatar que algumas definições são puramente negativistas, considerando que a Crise é um momento de perturbação que simplesmente veio alterar o normal curso das coisas. Mas, por outro lado, iremos constatar que outras definições caracterizam a Crise como um momento que, embora de alteração da normalidade, marca um ponto de viragem no sentido da evolução e desenvolvimento.

No sentido de definir este conceito, podemos recorrer à etimologia da própria palavra. O termo Crise tem origem no grego *krinein*, que significa decidir ou a capacidade de bem julgar (Caetano, 2006: 20).

A definição deste conceito é tão complexa que James A. Robinson apud Lagadec (1993: 25) chega a afirmar que “Crise é um termo de uso corrente, à procura de uma significação científica”.

Para Edgar Morin apud Lagadec (1993: 25), Crise significa indecisão. Segundo este, Crise é “*o momento em que, simultaneamente a uma perturbação, surge a incerteza*”.

Se tomarmos como referência uma das frases do preâmbulo do Decreto-Lei n.º 173/2004 de 21 de Julho, que cria o Sistema Nacional de Gestão de Crises, deparamo-nos com um exemplo de grande abrangência. Neste preâmbulo, o legislador localiza a situação de Crise algures entre a normalidade e a Guerra.

O legislador chega mesmo a considerar situações como acidentes graves, conflitos armados, situações de fome, doenças epidémicas, de catástrofe e de outras calamidades que abranjam grandes áreas populacionais, como situações de Crise ou situações passíveis de gerar uma situação de Crise (Decreto-Lei n.º 173/2004 de 21 Julho).

Quanto ao ambiente de incerteza constante, podemos dizer que todas as Crises são diferentes e carregadas de eventos inesperados. Esta incerteza é causada pela falta ou

excesso de informação acerca: do decorrer da situação durante a emergência; do comportamento dos envolvidos; do efeito das medidas accionadas.

Para ilustrar as situações de Crise e as suas consequências Herman Khan apud Lagadec (1993: 32) refere-nos 12 atributos gerais:

- “1. Crise é muitas vezes um ponto de viragem numa sequência de acções e acontecimentos;*
- 2. Crise é uma situação onde existe uma grande necessidade de acção na mente dos decisores e dos participantes;*
- 3. Crise é uma ameaça aos objectivos dos envolvidos;*
- 4. Uma crise é seguida de resultados cujas consequências e efeitos irão enformar o futuro das partes envolvidas na crise;*
- 5. Crise é uma convergência de eventos que combinados produzem um novo conjunto de circunstâncias;*
- 6. Crise é uma situação em que as incertezas na avaliação da situação e das alternativas para lidar com a mesma aumentam;*
- 7. Crise é um período ou situação em que o controlo sobre os eventos e os seus efeitos diminui;*
- 8. A crise é caracterizada por um sentido de urgência que, frequentemente, induz stress e ansiedade entre os actores;*
- 9. Crise é uma circunstância ou conjunto de circunstâncias em que a informação disponível aos participantes é inadequada;*
- 10. Crise é caracterizada por uma pressão temporal sobre os seus actores;*
- 11. Uma crise é caracterizada pelas constantes alterações nas relações entre os participantes;*
- 12. Uma crise aumenta a tensão entre os participantes.”*

Podemos constatar que algumas destas características são coincidentes com outras das definições anteriormente abordadas. Estas permitem-nos ter uma visão geral do que afinal é uma Crise.

2.2 TIPOS DE CRISE

Definir o tipo de Crise é o primeiro passo para a sua resolução. É depois de definido o tipo de Crise que se consegue avaliar o tipo de medidas a adoptar. Existem várias abordagens teóricas no sentido de definir diferentes tipos de Crise. A mais antiga de todas será aquela que faz a distinção entre as Crises de origem humana e as de origem natural (Rosenthal, 1993). A partir desta abordagem chegou-se a outra que prevê as Crises de origem humana, as de origem natural e as de origem social.

Ainda existem outras abordagens que classificam as Crises conforme a sua origem, nomeadamente, internas ou externas. As internas são aquelas que estão relacionadas com os elementos, materiais ou estruturais da própria empresa ou estado. As externas são aquelas que estão relacionadas com situações de agressão, sabotagem ou catástrofes naturais (Caetano, 2006).

Todas estas formas de definir tipos de Crise são viáveis mas de eficácia algo questionável. Tal como nos diz Stephan Gundel (2005), hoje em dia é quase impossível separar as múltiplas causas que originam uma Crise. Segundo o mesmo, as Crises modernas surgem-nos como um processo contínuo provocado por uma multiplicidade de factores. Como exemplo deste fenómeno temos o aquecimento global em que a população mundial é, ao mesmo tempo, vítima e agressor. Não há dúvida de que se trata de uma

catástrofe natural, mas com certeza que não se trata de nenhum acto divino pois tem origem humana.

De seguida analisaremos a abordagem teórica que nos parece mais adequada à conjectura actual. Do nosso ponto de vista, e a partir da análise que fizemos à grande parte da teoria existente sobre esta matéria, esta é aquela que dá menos azo ao cometimento de erros na definição do tipo de Crise.

Para tal utilizaremos uma matriz de quatro áreas que nos permitirá balizar quatro tipos de Crise, a sua frequência e as medidas mais relevantes a adoptar.

Visto isto, podemos distinguir quatro tipos de Crise: as **Crises convencionais**; as **Crises inesperadas**; as **Crises intratáveis**; e as **Crises fundamentais**.¹

Fácil - Previsibilidade -Difícil	Crises Inesperadas 2	Crises Fundamentais 4
	Crises Convencionais 1	Crises Intratáveis 3
Fácil - Influência -Difícil		

Quadro 2.1: Matriz Tipológica das Crises

Fonte: Adaptado a partir de GUNDEL, 2005: 112

Fácil - Previsibilidade -Difícil	Incêndio no Funicular Kaprun, 2000	25 de Abril 1974
	Bhopal 1994	Heysel Park 1985
Fácil - Influência -Difícil		

Quadro 2.2: Matriz Tipológica das Crises

Fonte: Adaptado a partir de GUNDEL, 2005: 112

¹ Ver Apêndice A

CAPÍTULO 3 - O PAPEL DA GNR NO 25 DE ABRIL DE 1974

3.1 ANTECEDENTES

Para se compreender realmente o que foi e o que aconteceu no 25 de Abril de 1974 é essencial primeiro perceber a situação político-militar do país e as primeiras tentativas do Movimento das Forças Armadas (MFA).

3.1.1 A GUERRA NAS COLÓNIAS

Finda a 2ª Grande Guerra Mundial (2ª GGM) começou-se a assistir à independência de muitas colónias no Continente Africano. No decorrer da Guerra Colonial isso também era visível, o que levava a que o povo africano lutasse cada vez mais pela sua independência. Contudo, Portugal insistia em manter essas colónias e para isso levou a cabo uma Guerra durante treze anos.

O Governo português não acompanhou a época de mudança e emancipação legítima dos povos africanos, *“levou um país, como Portugal, com fracos recursos económicos e num período de grande desenvolvimento dos nossos parceiros europeus, a ter de enfrentar uma guerra distante, prolongada e onerosa, sem objectivos definidos que fossem minimamente compreendidos pela nação”* (Bernardo, 2002: 14).

Com a situação da Guiné a piorar, era evidente que aqui a Guerra estava perdida, o armamento do adversário era superior ao nosso e apesar da sua deficiente utilização causava inúmeras baixas, os militares começam a sentir que poderia repetir-se o episódio da Índia, onde foram usados como bode expiatório (Bernardo, 2002).

Ao fim dos oito primeiros anos de operações militares, começa a sentir-se nos homens a fadiga. Assim, ao contrário do que aconteceu até aqui, em que a Guerra era praticamente feita por militares do Quadro Permanente (QP). Nos anos 70, começam a ser recrutados todos os oficiais subalternos, sargentos e até já grande número de Capitães para comandar companhias operacionais no Quadro de Complemento (QC), chegando ao “ridículo” de para o final serem enviados Aspirantes graduados em Capitão (Ibid.).

“A escassez de Oficiais é consequência de vários factores entre os quais sobressai, como o principal, a fraca afluência de jovens para a Academia Militar” (Bernardo, 2002: 17). Multiplicaram-se também os pedidos à situação de reserva e verificam-se as primeiras deserções de oficiais do QP.

3.1.2 INTERIORIZAÇÃO DE UMA INTERVENÇÃO MILITAR

A interiorização de uma intervenção militar começa com o Movimento dos Capitães que surge no *“Verão de 1973 e teve na sua génese questões corporativas: a oposição à continuação da guerra em África e o descontentamento com as alterações das regras de acesso e progressão na carreira militar”* (Andrade, 2008: 22).

“Quase todos dos cursos de 1963, 64 e 65, cerca de duas centenas de capitães vinham promovendo reuniões semiclandestinas onde às reivindicações corporativas (relacionadas com as carreiras) rapidamente se sobrepujaram imperativos de ordem nacional”. (Gomes, 1999: 8).

Mas o primeiro a dizer que a Guerra Colonial não tinha solução militar foi o General Costa Gomes, em Dezembro de 1970, em Angola, afirma *“Com uma certa mágoa, verifico que, em Angola há muitas pessoas que julgam que a paz pode ser retomada apenas à custa do esforço das Forças Armadas militarizadas. Esta convicção perigosa e falsa trouxe e traz-nos alguns dissabores”* (Jornal do Exército, Dezembro de 1970 apud Ferreira, 1994: 20).

Com a situação colonial a deteriora-se, a incapacidade do Governo de arranjar uma solução política para a mesma, o ambiente de repressão em que se vivia no país, foi o desencadear para o Movimento se convencer que a única solução passava pela alteração do Regime.

“A primeira posição colectiva que, publicamente, os Oficiais do Exército tomam pouco antes dos factos que irão dar origem ao 25 de Abril, surge após a realização do III Congresso da Oposição Democrática que decorreu em Aveiro, de 4 a 8 de Abril de 1973 e cujas teses, sobretudo as que abordavam a questão colonial e o papel do Exército na sociedade, mereceram a natural curiosidade de um número muito significativo de oficiais” (Bernardo, 2002: 27)

Com o passar do tempo, o Movimento foi evoluindo e *“transformou-se em 1 de Dezembro de 1973 num Movimento dos Oficiais das Forças Armadas, em oposição ao regime do Estado Novo. Só em vésperas do golpe, em 5 de Março de 1974 se transformou no Movimento das Forças Armadas de forma a tornar o Movimento menos elitista, uma vez que seria necessário contar com os militares das classes de sargento e praças”* (Andrade, 2008: 22).

“A conspiração que desembocou no «25 de Abril» evoluiu durante cerca de um ano, várias reuniões e conheceu três fases: a primeira (Julho-Setembro de 1973) é de cariz corporativo; a segunda (Setembro de 1973-Fevereiro de 1974) marca a tomada de consciência da necessidade de dar uma solução política à guerra; da terceira (Fevereiro-Abril de 1974) consta a decisão de derrubar o regime do Estado Novo, compreendendo a organização da revolta militar” (Ferreira apud Lousada, 2007: 93).

3.1.3 O 16 DE MARÇO DE 1974

O 16 de Março foi uma acção militar organizada à pressa com o objectivo de impedir a brigada do reumático, que consistia em Generais dos três ramos das Forças Armadas (FA) jurarem fidelidade ao Presidente do Conselho de Ministros (PCM), bem como o voto de

continuidade da política colonial seguida pelo Governo e a consequente exoneração do General Spínola e do General Costa Gomes (Bernardo, 2002).

Ao contrário do que ficou definido nas reuniões do Movimento, o Capitão Vergílio Varela do Regimento de Infantaria das Caldas, não concordando com essa decisão comunicou aos mentores do Movimento que os seus homens iam continuar prontos a sair. Quando há notícia de que o Centro de Instrução de Operações Especiais (CIOE) iria sair, o Capitão Varela dá ordem ao Regimento das Caldas para se preparar e sair em direcção a Lisboa (Ibid.).

Quando tomaram conhecimento das intenções destas unidades, o Major Otelo e o Major Casanova partem para pedir apoio à Escola Prática de Artilharia (EPA), à Escola Prática de Infantaria (EPI) e a Santarém para trazer um Esquadrão Blindado. O Capitão Ramos que lá se encontrava vai para as Caldas com instruções mais específicas. Tendo em conta estes acontecimentos decorrerem num fim-de-semana, de Sexta-Feira para Sábado, só as Caldas é que marcharam para Lisboa, as outras unidades não estavam preparadas (Ibid.).

Nas primeiras horas do dia 16, por informações da Direcção Geral de Segurança (DGS) de agitações na AM foi dada a ordem para o Regimento de Cavalaria (RC) e ao Batalhão N.º 1 da GNR realizarem um cerco à AM, ficando em situação de prevenção rigorosa (Andrade, 2008).

A GNR mal tomou conhecimento da saída do Regimento das Caldas enviou uma Companhia do Batalhão N.º 2, formada por 2 pelotões, para Monsanto, para garantir a protecção ao PCM, ao Presidente da República e a outros membros do Regime que lá se encontravam. Pouco depois enviou outra Companhia do Batalhão N.º 1 para interceptar a coluna saída das Caldas (Ibid.).

“A actuação da GNR em 16 de Março mereceu do seu Comando a seguinte referência elogiosa: “Os acontecimentos ocorridos da noite de 15 para 16 do corrente puseram em evidência, uma vez mais, a prontidão e espírito de disciplina e o perfeito conhecimento das obrigações profissionais que o pessoal da GNR patenteou naquelas circunstâncias””
(Ordem de Serviço do Comando Geral da GNR N.º 72, de 27 de Março de 1974 apud Andrade, 2008: 34).

3.1.4 O PAPEL DA GNR NO PLANEAMENTO DO 25 DE ABRIL

A GNR no planeamento do 25 de Abril foi considerada uma força inimiga, tal como as restantes forças governamentais, logo não participou no planeamento. Tendo em conta ser uma força pró Regime houve preocupação de Otelo de Carvalho recolher o máximo de informações para elaborar o Plano de Operações, para tal entrou em contacto com o seu primo, o Major Velasco, em comissão de serviço na GNR, onde era Adjunto da 3ª Repartição do Comando Geral da GNR (Andrade, 2008).

Otelo encontrando-se com o seu primo comunicou-lhe que tipo de informações precisava para fazer a Plano de Operações, evidenciando especial interesse na frequência

das transmissões da Brigada de Trânsito (BT), na requisição de armamento ao depósito de material de Guerra e sobretudo da aquisição das viaturas *Shorland*, ficando acordado entre ambos a máxima descrição e a omissão do dia que se daria o Movimento por parte de Otelo (Ibid.).

Dias depois voltam a encontrar-se, tendo o Major Velasco fornecido a Otelo praticamente todas as informações que este pedira e necessitava, à excepção da frequência da BT, que não conseguiu arranjar. Que se tenha conhecimento, não existiu colaboração de mais nenhum oficial da GNR no planeamento da operação, não invalidando a possibilidade de alguns contactos esporádicos de oficiais com o Movimento, derivado da estreita ligação entre ambas as instituições (Ibid.).

3.2 O 25 DE ABRIL DE 1974

Julga-se que ninguém da GNR tenha tido acesso à data exacta do início do Movimento militar.

A operação iniciou-se com a transmissão na Rádio Renascença da música “E Depois do Adeus”, de Paulo de Carvalho, pelas 22h55, sendo dado o sinal confirmativo de que as operações estavam em marcha cerca de 20 minutos depois da meia-noite, com a transmissão da primeira quadra de “Grândola Vila Morena” (Bernardo, 2002).

Os principais objectivos militares no dia 25 de Abril foram: “chegar rapidamente ao centro a Lisboa, ocupar o Terreiro do Paço, guardar o Banco de Portugal e controlar o aeroporto, a rádio e a televisão.” (Ferreira, 1994: 26).

A Escola Prática de Cavalaria (EPC) pelas 3h30 saiu em direcção ao Terreiro do Paço, sendo este alcançado sem dificuldade (Maia, 1974).

A reacção das forças governamentais só aconteceu pelas 03h30 quando o Comandante da Polícia de Segurança Pública (PSP) do Porto, informa o Comando da GNR da tomada do Quartel General (QG) da Região Militar por parte dos revoltosos. Foram dadas ordens de prevenção às forças policiais do Porto, tentando accionar outros apoios no Norte do País. Todas as medidas foram em vão, pois aperceberam-se tarde demais (“Portugal de Abril”, s.d.).

O Governo como reacção aos comunicados do MFA emitidos na Rádio Clube Português fez um corte de energia eléctrica e dos telefones da mesma, por volta das 08h00 (Andrade, 2008).

Supõe-se que no Quartel do Carmo tomaram conhecimento das movimentações militares nas primeiras horas da madrugada. Apesar de ter preparado as suas forças desde cedo, a GNR não correspondeu na resposta, pois chegaram sempre depois das forças do MFA aos locais que tinham de ocupar (Ibid.).

O Chefe de Estado Maior da GNR (CEM/GNR), Coronel Ângelo Ferrari, foi quem deu ordens para mobilizar as forças no terreno tendo telefonado aos comandantes dos

Batalhões Nº 1 e Nº 2 e ao Comandante do 2º Esquadrão. O Comandante Geral (GCG/GNR), General Adriano Pires, esteve presente desde cedo, efectuando contactos e informando-se da evolução das movimentações (Ibid.).

No interior do Quartel, foi montado um dispositivo defensivo, colocando em pontos estratégicos a 1ª Companhia de Infantaria e a Formação do Comando Geral, sendo que no exterior a segurança foi descurada. Ainda foram accionados os planos de defesa do Quartel pelo Oficial do Dia (Ibid.).

Depois das 04h00, o Director-Geral da DGS telefonou a Marcello Caetano: *“Senhor presidente a revolução está na rua! O caso é muito grave. Os revoltosos ocuparam já as principais emissoras rádio e a televisão e tomaram o Quartel-General da Região Militar de Lisboa. Caçador 5 está com eles. Estamos a procurar avaliar a extensão do Movimento”* (Carvalho, 1998: 341).

Marcello Caetano (s.d.: 41-42) disse: *“Fui surpreendido no primeiro sono pelo major Silva Pais a dizer-me que a coisa era grave (...) Entrei logo em contacto com o ministro da Defesa, que corra outra vez para o Ministério do Exército e me confirmou as informações recebidas. Logo a seguir o director-geral de segurança tornou a ligar: era indispensável que eu saísse imediatamente de casa. Para Monsanto? Não, Monsanto não sabia-se que tinha estado lá em 16 de Março, era natural que os revoltosos dessem um golpe de mão. Aliás a Polícia não sabia de que lado estava a Força Aérea (...) Então para onde vou? Do outro lado da linha houve um momento de hesitação, Silva Pais falou para o lado e depois respondeu: “Para o Carmo, senhor presidente. Venha para o Quartel do Carmo, que a Guarda Nacional Republica está fixe!” Não havia tempo para discutir. Chamei o meu adjunto militar, metemo-nos no automóvel e rumamos ao Quartel do Carmo”.*

Uns minutos depois da conversa com o Director Geral da DGS, o PCM dava entrada no Quartel do Carmo, sendo recebido pelo GCG/GNR (“Portugal de Abril”, s.d.).

No 25 de Abril a GNR mobilizou e colocou no terreno “o 2º Esquadrão do Regimento de Cavalaria; as Companhias de Santa Bárbara, do Beato e dos Lóios, do Batalhão Nº1 de Lisboa; as Companhias dos Paulistas e da Estrela, do Batalhão Nº 2 de Lisboa. A 1ª Companhia, do Carmo, do Batalhão Nº 1 efectuou a segurança ao Quartel do Carmo” (Andrade, 2008: 86).

Ao 2º Esquadrão foi atribuída a missão de ficar no Comando do Governo Militar de Lisboa, as cinco Companhias de Infantaria saíram em reforço à segurança do Quartel do Carmo (Andrade, 2008).

Quando a EPC ocupa o Terreiro do Paço “a PSP que cercava a zona não interferiu na nossa acção e colaborou no isolar da mesma para com a população ao mesmo tempo entrava na zona um Pelotão reforçado AML/Chaimite do RC7 comandado pelo Alferes Milº David e Silva que aderiu de imediato ao Movimento” (Maia, 1974: 4), à posterior surgiu um Pelotão de Reconhecimento Panhard do Regimento de Cavalaria 7 (RC7), tendo o seu comandante optado por se render.

O primeiro encontro entre as forças da GNR e o Capitão Salgueiro Maia foi com o 2º Esquadrão da GNR junto ao Campo das Cebolas, onde os ânimos foram desde logo apaziguados quando Salgueiro Maia e o Tenente Guiomar se cumprimentaram. De seguida, Salgueiro Maia fala com o Comandante da força, Capitão Andrade e Sousa, e aconselha-o a

abandonar a zona visto não ter potencial para se confrontar. O Capitão Andrade e Sousa regressa ao Quartel e explicou ao seu Comandante que a missão era impraticável. Mas o Comandante do RC mandou-o para junto da Praça do Município e do Cais de Sodré e para se apresentar ao Brigadeiro Junqueira dos Reis (Andrade, 2008).

Do Batalhão N.º 1 saiu a Companhia de Santa Bárbara que actuou entre o Largo da Misericórdia e a Calçada do Duque e a Companhia dos Lóios que actuou na zona dos Restauradores, a Estação do Rossio, Rua 1.º de Dezembro e elevador de Santa Justa. O Comandante de Batalhão, antes de ir para o Largo do Carmo, deu ordem para ninguém utilizar as armas (Ibid.).

Do Batalhão N.º 2 saiu a Companhia dos Paulistas para o Largo de Camões, tendo evitado uma tentativa de assalto a uma loja na Rua Garrett e a Companhia da Estrela, que foi a primeira a chegar ao Largo do Carmo (Ibid.).

Com a missão cumprida no Terreiro do Paço e o conhecimento do Posto de Comando (PC) do MFA que o PCM se refugiou no Quartel do Carmo através de uma escuta telefónica interceptada, Otelo distribuiu as forças aí posicionadas para novas missões. Uma fracção parte em direcção ao QG da Legião Portuguesa e formada por forças aderentes do RC7, do Regimento de Lanceiros 2 (RL2) e do Regimento de Infantaria N.º 1 (RI1) e outra comandada por Salgueiro Maia e constituída pela EPC em direcção ao Carmo² (“Portugal de Abril”, s.d.). Umas forças do RI1 ainda tentaram interceptar a coluna da EPC, mas imediatamente se juntaram às forças de Salgueiro Maia fortalecendo a coluna (Maia, 1974).

As Companhias da GNR chegaram ao Largo do Carmo pelas 12h45 já com o cerco ao Quartel do Carmo montado. O dispositivo defensivo do Quartel do Carmo foi reforçado pela 1.ª Companhia de Infantaria. A partir das 13h00, foram dadas ordens para ocuparem posições defensivas específicas, dado o cerco (Andrade, 2008).

O 2.º Esquadrão teve ordens para cercar as tropas que estavam no Largo do Carmo, mas devido a uma resposta imprópria dada pelo Brigadeiro Junqueira dos Reis ao Capitão Andrade e Sousa, este diz que a partir daquele momento já não estava às suas ordens, tendo contactado o seu Comandante e informando-o do sucedido. O Comandante respondeu-lhe, dizendo para continuar a progressão para o Largo do Carmo, mas tal não foi possível devido à população e às viaturas da EPC na proximidade do Largo de Camões. Permaneceram nessa zona até à chegada do Esquadrão de Estremoz que veio em reforço da EPC, encurralando-os. De seguida o 2.º Esquadrão retirou para o Quartel, sendo que o seu Comandante não o permitiu e mandou-os para o Miradouro, junto ao Jardim do Príncipe Real, onde permaneceram, só regressando ao Quartel ao fim da tarde quando iam começar ou já estavam a decorrer as negociações de transferência do poder (Ibid.).

Com a situação a agravar-se, equacionou-se uma retirada do PCM, mas não se conseguiu um plano viável e o único que poderia ter sucesso foi considerado menos digno

² Ver Anexo O

pelo PCM, pois teria de passar por janelas, ao que ele diria que só sairia por onde entrou (Ibid.).

Desde o momento que foi montado o cerco ao Carmo, a pressão começou a subir, agravando-se com as exigências de rendição, e os familiares dos militares da GNR residentes no interior do Quartel começaram a sentir o nervosismo a aumentar, entrando em pânico (Ibid.).

Após contacto telefónico com o CEM/GNR fazendo um ultimato para entregarem o PCM, Otelo Saraiva de Carvalho mandou uma ordem escrita a Salgueiro Maia para com o megafone fazer um ultimato para a rendição e, se necessário, com a auto-metralhadora rebentar as fechaduras do portão para verem que é a sério, pois julgava que estes não reagiriam (Maia, 1974).

Pelas 15h10, este ultimato foi efectuado sendo dado 10 minutos para a rendição do Quartel do Carmo. Como não obteve resposta passados 15 minutos, deram-se os primeiros disparos por ordem do Tenente Santos Silva que chamou uma Chaimite e mandou disparar de forma a ser atingido só as janelas superiores e o telhado (Ibid.).

Pouco depois dos disparos, o Major Velasco, depois de abordado pelo Capitão Costa Maya e pelo Tenente Colaço, que lhe pediram para sair e tentar resolver a situação, visto que ninguém do interior do Quartel do Carmo se tinha manifestado, saiu pelo portão de Cavalaria do Quartel do Carmo, indo ter com Salgueiro Maia. Tendo o Tenente Colaço ficado perto do portão, Salgueiro Maia disse ao Major que ia abrir fogo já que ninguém lhe tinha respondido, ao que o Major explicou que dentro do Quartel não se ouviam os ultimatos feitos. O Capitão disse que a GNR tinha de se render, tendo o Major dito que a GNR não o faria pois era uma humilhação, além de que estava ali por iniciativa própria e não como representante da GNR. Depois de conversarem mais um pouco, o Capitão Salgueiro Maia disse ao Major para entrar e transmitir que tinham mais dez minutos, ao que este lhe respondeu que ia tentar transmitir o recado (Andrade, 2008).

Já no interior do Quartel, o Major Velasco falou com o GCG/GNR, dizendo que o comandante da força estava farto de fazer avisos e que passados dez minutos ia abrir fogo. Ouvindo isso, o Ministro do Interior disse para o Major comunicar a Salgueiro Maia que esperasse mais um pouco, pois tinham começado as negociações com o General Spínola. O Major voltou a sair tendo um papel importante para aliviar a pressão que existia no exterior e servindo de ligação com o interior. A pedido do Tenente Assunção, deslocou-se ao Rossio numa viatura cedida por Salgueiro Maia para falar com o Comandante da Companhia dos Lóios, uma vez que este a tinha avistado a preparar a montagem de um morteiro (Ibid.).

Com a falta de resposta ao último ultimato feito ao Quartel do Carmo, deu-se uma segunda leva de fogo, desta vez só com armas automáticas sobre a frontaria do Quartel do Carmo (Maia, 1974).

Assim, gerou-se o momento mais dramático de todo o Golpe Militar, pois a ordem de fogo dada por Salgueiro Maia para um grupo de militares generalizou-se e toda a gente armada disparou, estando o Quartel sobre fogo durante dois minutos e quinze, tendo Salgueiro Maia dificuldade em fazer cessar-fogo, (felizmente ninguém saiu ferido). As forças de Salgueiro Maia nessa altura ainda tentaram disparar sobre o Pelotão da Companhia dos Lóios, que tentou progredir da Estação do Rossio para o Carmo, tal não aconteceu porque a metralhadora da AML encravou (Andrade, 2008).

No interior do Quartel gerou-se o pânico, a residência do GCG/GNR foi atingida e a sua família saiu de lá a correr apavorada. O GCG/GNR com o stress e ao ver aquele cenário, deu ordem aos militares para abrirem fogo sobre as forças sitiadas, ordem que os militares tiveram o discernimento de não cumprir (Ibid.).

Segundo Marcello Caetano apud Carvalho (1998: 367), *“após umas rajadas de armas automáticas sobre a fachada do Quartel”, o Chefe de Estado Maior da GNR, “me veio dizer perturbado que a minha presença estava comprometendo a segurança de quantos se achavam no edifício...”*.

A situação de impasse mantinha-se, e a permanente pressão do PC para forçar a rendição fez surgir a ideia de que só com um assalto se resolveria a situação. Salgueiro Maia “já tinha perdido as esperanças de resolver o problema sem utilização de armas pesadas” (Maia, 1974: 7), logo preparou-se para fazer o último ultimato e de seguida dar pela terceira vez ordem de fogo. Essa ordem ainda surgiu, só não foi executada por lapso do Tenente Santos Silva que não determinou quem disparava (Andrade, 2008).

Salgueiro Maia só não insistiu na ordem de fogo, porque “surgiram 2 civis com credencial de sua Ex.^a o General António Spínola que entraram no Quartel para dialogar com o Presidente do Conselho” (Maia, 1974: 7). Eram Feytor Pinto e Nuno Távora, que falaram com Marcello Caetano e contaram-lhe a conversa que tiveram com o General Spínola, e que este se tinha disponibilizado a solucionar a situação, desde que PCM lhe solicitasse. Marcello Caetano ficou satisfeito, pois assim o Poder não cairia na rua e concordaria em entregar-lhe o Poder (“Portugal de Abril”, s.d.).

Demoraram cerca de 15 minutos, quando saíram disseram a Salgueiro Maia que tinham de ir à residência do General Spínola. Este disse ao Tenente Assunção para com o seu *jeep* os transportar (Maia, 1974).

Quando chegaram junto do General Spínola e o informaram que Marcello Caetano tinha pedido para se deslocar até ao Carmo para receber o Poder, este diz que só o faria com duas condições: receber um pedido formal, ou seja, que estivesse reconhecido pelo PCM e só com o conhecimento e autorização do Comando do MFA (“Portugal de Abril”, s.d.).

Pouco depois, recebeu um telefonema do PCM a pedir para se deslocar ao Carmo para receber o poder. De seguida, entrou em contacto com o PC do MFA, falando com Otelo

Saraiva de Carvalho, contando-lhe o telefonema do PCM e o que este queria que fizesse. Depois de falarem entre eles, Otelo disse para se considerar mandatado do MFA e se deslocar ao Quartel do Carmo para receber o Poder (“Portugal de Abril”, s.d.).

Enquanto isso, Salgueiro Maia entrou no Quartel, pois os ânimos estavam a aquecer com população a incitar a uma acção para terminar com a resistência. Dentro do Quartel, verificou-se que a intenção dos militares presentes era render-se (Maia, 1974). O primeiro contacto que teve foi com o GCG/GNR, depois de falarem cerca de quinze minutos, esta revelou-se inútil. O Capitão, constatando esse facto, pediu para falar com o PCM, pois queria comunicar-lhe a situação em que estavam envolvidos (“Portugal de Abril”, s.d.).

“A conversa decorreu a sós e com grande dignidade. Nela o Professor Caetano solicitou que um oficial General fosse receber a transmissão de poderes para que o Governo não caísse na rua” (Maia, 1974: 7). O PCM referiu que já se tinha rendido e que só estava à espera da chegada do General Spínola para a transferência do poder (“Portugal de Abril”, s.d.).

Pelas 18h00, o General Spínola chegou ao Quartel do Carmo para delírio da população e deslocou-se ao interior para falar com Marcello Caetano. O PCM disse considerar-se vencido e que estava disposto a entregar-lhe o Poder, porque este lhe dava garantias que o Poder não cairia na rua. O General informou Marcello Caetano que, de seguida, ia ser transportado com os dois ministros para o Quartel da Pontinha (Ibid.).

Pelas 19h00, foi levantado o cerco ao Quartel do Carmo ficando só as forças do RI1, para se proceder ao acompanhamento até ao Quartel da Pontinha do PCM e dos outros membros do Governo. Estes foram transportados na Chaimite “BULA”, que, em simultâneo, serviu de escolta da viatura que seguia atrás com o General Spínola (Maia, 1974).

3.3 IMPLICAÇÕES NA GNR

Na GNR, viveram-se uns dias de grande perturbação e mudança após o 25 de Abril em consonância com o ambiente no país.

Os ensaios para o 63º aniversário, que estavam agendados para dia 26 e 30 de Abril, não chegaram a realizar-se, tal como a Cerimónia Militar na Praça do Império do dia 3 de Maio. O Serviço de Oficial de Ronda à Guarnição de Lisboa, iniciado no princípio de Abril, termina três dias depois do 25 de Abril (Andrade, 2008).

Com a vitória do Movimento, a estrutura de topo da GNR foi substituída, ao contrário da intermédia e da inferior. Dá-se o saneamento dos oficiais que não aderiram aos ideais do MFA e a nomeação para cargos de maior responsabilidade e/ou promoção de oficiais que aderiram. Com estas mudanças, só doze anos depois existiu Majores na GNR, quando já estava previsto antes da Revolução (Ibid.).

O 25 de Abril, conhecido como a Revolução dos Capitães, na GNR teve repercussões diferentes, pois os Capitães não passaram de Majores e alguns até permaneceram em

Capitão. Pelo contrário os subalternos na GNR atingiram o topo da carreira, chegando todos eles a Coronel (Ibid.).

“A GNR vai adoptar uma postura mais interventiva, continuando sempre presente nos momentos mais decisivos da vida nacional, mas também para combater a criminalidade (ao serviço do povo, expurgando da sociedade os marginais e malfeitores), fruto da sua maior distribuição geográfica e o seu maior potencial de fogo. É de salientar que a Guarda passou a contar com os 38 carros de patrulha blindados “Shorland, Mark III”, os quais começaram a ser recebidos no mês anterior ao 25 de Abril de 1974, e que no 11 de Março de 1975 já se encontravam totalmente à responsabilidade do 2º Esquadrão do Regimento de Cavalaria da GNR. A Guarda, a partir de 7 de Outubro de 1974, passou também a contar com as espingardas automáticas G-3, para além dos radiotelefonos móveis/transportáveis STORNO” (Andrade, 2008: 202-203).

PARTE II – TRABALHO DE CAMPO

CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA

“A fase metodológica operacionaliza o estudo, precisando o tipo de estudo, as definições operacionais das variáveis, o meio onde se desenrola o estudo e a população” (Fortin, 1999: 108).

Para que um problema de investigação seja tratado, precisa ser elaborado algum método para observação e mensuração das variáveis da pesquisa da maneira mais precisa possível. Regra geral, o pesquisador inicia este processo pela definição criteriosa das variáveis, de forma a esclarecer, com exactidão, o significado de cada uma delas. De seguida, necessita seleccionar ou planear um método adequado de apreensão das variáveis, ou seja, um método de colheita de dados, para o que existe uma variedade de métodos.

Então, nesta etapa, o investigador descreve os métodos de colheita de dados que irão ser utilizados, tendo em conta que a metodologia caracteriza-se por um conjunto de “dispositivos específicos de recolha ou análise das informações, destinado a testar hipóteses de investigação” (Quivy e Campenhoudt, 2008: 187).

4.1 O PLANO DE INVESTIGAÇÃO

“A cada tipo de estudo corresponde um desenho que especifica as actividades que permitiram obter respostas fiáveis às questões de investigação ou às hipóteses. O tipo de estudo descreve a estrutura utilizada segundo a questão de investigação vise descrever variáveis ou grupos de sujeitos, explorar ou examinar relações entre variáveis ou ainda verificar hipóteses de causalidade.” (Fortin, 1999: 133).

Depois de definida a pergunta de partida e realizada a parte teórica que sustenta este trabalho, escolheu-se o instrumento de colheita de dados considerado mais adequado para a verificação das hipóteses.

Segundo Quivy e Campenhoudt (2008: 192-193), face à complexidade e especificidade do tema, o método apropriado consiste na realização de **entrevistas semidirectivas**, porque “permitem ao investigador retirar elementos de reflexão muito ricos e matizados” cujo “conteúdo da entrevista será objecto de análise sistemática, destinada a testar as hipóteses do trabalho”.

No presente caso, foi desenvolvido um estudo descritivo exploratório de carácter metodológico, de **abordagem qualitativa**, uma vez que se pretende saber qual a acção da Guarda no 25 de Abril de 1974, como tal só fontes elucidadas nos podem facultar

informação válida e credível para que se verifique as hipóteses, essas fontes são a amostra que está definida em 4.3.

A pesquisa qualitativa foi realizada através de **observação indirecta**³ que, segundo Guerra (2006: 18), permite a recolha e percepção do corpus testemunhal proveniente de informadores privilegiados.

O conteúdo das entrevistas foi alvo de **análise objectiva** através de quadros que Guerra (2006: 73) define como *sinopses de entrevistas*, que constituem “sínteses dos discursos que contêm a mensagem essencial da entrevista e são fiéis (...) ao que disseram os entrevistados”. Segundo a mesma autora, os **quadros sinópticos** têm como objectivos: “reduzir o montante de material a trabalhar”; “permitir o conhecimento da totalidade do discurso”; e “facilitar a comparação longitudinal das entrevistas.”

Segundo Carmo e Ferreira (1998: 252), a descrição resumida após tratamento das características do texto através dos quadros é a primeira etapa da análise porque permite adquirir uma percepção condensada das respostas.

De seguida, foram interpretadas as sinopses obtidas através da discussão dos resultados para cada questão. Esta crítica ou interpretação dos resultados tem sempre por base os “critérios de fidelidade e validade” tal como assumido por Carmo e Ferreira (1998: 259), e o seu objectivo é a verificação da validade de cada uma das hipóteses práticas do trabalho.

Por último, fazem-se as conclusões e recomendações do trabalho.

4.2 HIPÓTESES

Segundo Fortin (1999: 102), uma “hipótese é um enunciado formal de relações previstas entre duas ou mais variáveis” e “combina o problema e o objectivo numa explicação ou predição clara dos resultados esperados de um estudo”. Assim, pode-se dizer que a formulação de uma hipótese implica a verificação de uma teoria ou das suas proposições.

A hipótese inclui, então, as variáveis em estudo, a população alvo e o tipo de investigação a realizar, predizendo os resultados do estudo, os quais indicam se a hipótese é confirmada ou infirmada. “É, portanto, uma proposição provisória, uma suposição que deve ser verificada” (Quivy e Campenhoudt, 2008: 150).

Para poder ser objecto de uma verificação empírica, uma hipótese deve ser refutável, devendo poder ser testada indefinidamente e ter, portanto, um carácter de generalidade; e admitir enunciados contrários que sejam teoricamente susceptíveis de verificação. (Quivy e Campenhoudt, 2008).

³ “Na observação indirecta o investigador dirige-se ao sujeito para obter a informação procurada.” (Quivy e Campenhoudt, 2008: 164).

As hipóteses provêm da observação, da teoria ou mesmo de trabalhos empíricos, e requerem as formas de pensamento indutivo e dedutivo, sendo elementos essenciais para a sua formulação: o enunciado de relações; o sentido da relação; a verificabilidade; a consistência teórica; e a plausibilidade.

Neste sentido, foram elaboradas as seguintes hipóteses para este estudo:

H1: Marcello Caetano no 25 de Abril de 1974 refugiou-se no Quartel do Carmo porque a GNR era uma força de que ele tinha a certeza que estava e continuaria do lado do Regime, logo era o local mais seguro;

H2: A GNR revelou-se uma “Guarda Pretoriana” pois manteve-se fiel ao Regime até à sua queda;

H3: A GNR era temida e vista como uma força inimiga, pois apesar de algumas limitações sabiam que era capaz de se opor ao Movimento;

H4: Apesar de existir ordem para disparar, os militares da GNR que estavam no interior do Quartel do Carmo não reagiram aos disparos, porque no interior do mesmo se encontravam familiares dos militares que lá moravam;

H5: A GNR teve um papel fundamental na resolução do 25 de Abril de 1974, pois evitou que esta data ficasse lembrada como um “mar de sangue”;

H6: A GNR não saiu como derrotada no 25 de Abril de 1974 embora estivesse do lado oposto ao do MFA, pois não houve confronto directo e nem o Movimento tinha como objectivo a derrota da GNR;

H7: A GNR adaptou-se ao processo que se seguiu ao 25 de Abril de 1974, sendo colocada no dia seguinte a colaborar com o novo Regime.

4.3 UNIVERSO DE ANÁLISE E ESCOLHA DA AMOSTRA

Esta etapa surge após o investigador precisar a questão em estudo, documentá-la pela literatura e inseri-la num desenho apropriado, estabelecendo, então, os critérios de selecção para o estudo, precisando a amostra e determinando o seu tamanho.

A elaboração desta etapa é fundamental uma vez que “a exigência de definir-se uma população para um projecto de pesquisa decorre da necessidade de ser especificado o grupo ao qual podem ser aplicados os resultados de um estudo” (Polit e Hungler, 1995: 34).

A população refere-se ao conjunto ou totalidade de pessoas, membros ou objectos que estão em conformidade com um conjunto de especificações, ou seja, “compreende todos os elementos (pessoas, grupos, objectos) que partilham características comuns, as quais são definidas pelos critérios estabelecidos para o estudo” (Fortin, 1999: 41).

Neste sentido, a população inclui sempre um agregado específico de elementos em que o investigador está interessado, devendo sempre identificar-se os critérios de elegibilidade para a inclusão no estudo. Estes critérios deverão ser perceptíveis ao leitor de

um relatório, para que este compreenda a população à qual podem ser generalizadas as descobertas.

Será, ainda, necessário distinguir entre o que é população alvo e população acessível. A primeira refere-se àquela que o investigador quer estudar e para a qual deseja fazer generalizações, isto é, “é toda a população em que está interessado o pesquisador”; por seu lado, a segunda é a porção da população alvo que se encontra ao alcance do investigador, ou seja, “refere-se àqueles casos que estão de acordo com os critérios de elegibilidade e que são acessíveis ao pesquisador” (Polit e Hungler, 1995: 143).

Por sua vez, uma amostra é uma pequena fracção da população, isto é, “é um subconjunto de elementos ou de sujeitos tirados da população que são convidados a participar no estudo” (Fortin, 1999: 41).

As amostras podem ser amostras probabilísticas ou não-probabilísticas, sendo que as primeiras utilizam algumas formas de selecção aleatória para a escolha das unidades da amostra e são as mais respeitadas, porque se pode ter maior confiança na sua representatividade; e as segundas, acontece que a totalidade dos elementos não possui uma oportunidade de inclusão, não existe uma forma de estimar a probabilidade de cada elemento ser incluído numa amostra (Polit e Hungler, 1995).

Desta forma, a população para a qual se dirige este trabalho são os militares da GNR e Exército que participaram no 25 de Abril de 1974, a amostra seleccionada são nove oficiais que viveram esta Crise em lados opostos e perspectivas diferentes, e um historiador perito em História Militar (este pela credibilidade que traz a um estudo deste cariz devido às muitas horas de trabalho de campo que tem neste tema), que poderão facultar informação que em conjunto com a revisão da literatura já elaborada permitirá verificar as hipóteses formuladas.

O critério de selecção desta amostra baseou-se na necessidade de localizar sujeitos de interesse para a pesquisa, como explicitado por Maroco e Bispo (2003: 84), esta é uma **amostra por conveniência**⁴, e portanto *não representativa* do universo em análise.

No entanto, o carácter científico do estudo mantém-se, até porque “... não deve confundir-se cientificidade com representatividade”⁵ (Quivy e Campenhoudt, 2008: 161).

⁴ Ou **por acessibilidade**, em que se seleccionam “... elementos a que se tem acesso, admitindo que estes possam de alguma forma representar o universo” (Gil *apud* Pereira, 2006: 107)

⁵ No mesmo sentido, Ghiglione e Matalon (2001) entendem que “... uma amostra representativa da população em estudo pode ser pouco prática, porque (...) certos grupos estariam insuficientemente representados ou porque certas relações seriam difíceis de evidenciar. (...) Querer a qualquer preço uma amostra representativa, é impor uma condição difícil de satisfazer e, muitas vezes, inútil.”

4.4 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS

O instrumento de colheita de dados, para Quivy e Campenhoudt (2008: 181) é “um instrumento capaz de produzir todas as informações adequadas e necessárias para testar as hipóteses”. Contudo, para que este instrumento seja capaz de produzir informação adequada deverá abarcar perguntas sobre cada um dos indicadores previamente definidos e formulá-las com o máximo de precisão.

Neste sentido, foi elaborado um guião de **entrevista semi-directiva** comum a todos os entrevistados, podendo comparar as respostas consoante o lado a que pertenciam e com a do elemento neutro que é o historiador.

A elaboração da estrutura conceptual do guião de entrevista resultou de uma extensa revisão da literatura e do resultado das **entrevistas exploratórias** que não foram mais que conversas informais com historiadores e especialistas em elaboração de questionários e entrevistas, procurando perceber qual a estrutura, número e tipo de perguntas ideal, para verificação das hipóteses, também serviram para chegar à pergunta de partida.

Assim, elaborou-se um guião de entrevista com doze perguntas, sendo as dez primeiras para verificação das hipóteses, as duas últimas para recolher elementos que ajudem a dar resposta à pergunta de partida e confirmação da parte teórica.

A validade de um instrumento de medida poderá ser feita pelo conteúdo (validade pelo painel de peritos), pelo critério e pelo construto (relação dos conceitos). (Polit e Hungler, 1995; Fortin, 1999).

A sua validação foi feita pelo conteúdo, ou seja, o guião de entrevista foi entregue a peritos em elaboração de questionários e entrevistas e a peritos em História Militar para verificarem se estava bem estruturado e media o que se pretendia, assim foi possível reajustá-lo para depois ser aplicado.

Depois de conhecidos os resultados das entrevistas aplicadas, foram alvo de **tratamento qualitativo**, o conteúdo das entrevistas foi alvo de **análise objectiva** através de quadros que Guerra (2006: 73) define como *sinopses de entrevistas*, que constituem “sínteses dos discursos que contêm a mensagem essencial da entrevista e são fiéis (...) ao que disseram os entrevistados”. Segundo a mesma autora, os quadros sinópticos têm como objectivos: “reduzir o montante de material a trabalhar”; “permitir o conhecimento da totalidade do discurso”; e “facilitar a comparação longitudinal das entrevistas.”

Outro instrumento utilizado foi a **pesquisa documental**. É essencial no tema deste trabalho pois forneceu informações relativas à acção da Guarda no 25 de Abril de 1974 determinantes para formular as hipóteses.

CAPÍTULO 5 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

5.1 QUADROS SINÓPTICOS

Questão nº1 - Marcello Caetano no 25 de Abril de 1974 refugiou-se no Quartel do Carmo? Porquê?

Respostas	Sim	Não	Argumentação
Entrevistado nº1	X		- GNR era a força que defendia a ferro e fogo o Regime. - O PCM achava que no Carmo estava em segurança.
Entrevistado nº2	X		- O Carmo era mais seguro, porque Monsanto seria o primeiro alvo como tinha servido de refúgio no dia 16. - A posição da Força Aérea era desconhecida.
Entrevistado nº3	X		- A ex-PIDE aconselhou-o, pois era o melhor local onde ele estaria protegido e poderia continuar a governar. - Por não se saber a posição da Força Aérea. - A GNR era aquela força de total confiança do Governo.
Entrevistado nº4	X		- Havia um plano, para o Governo no caso de grandes Crises ser evacuado pela própria Guarda, ou para Monsanto ou para o Carmo. - Por se desconhecer qual era o papel da Força Aérea.
Entrevistado nº5	X		- Porque o Exército, Marinha e Força Aérea estavam de uma maneira geral no Movimento. - A GNR era uma força militar que lhe daria alguma segurança, logo o Carmo seria mais seguro.
Entrevistado nº6	X		- O motivo da ida do PCM para lá é uma incógnita.
Entrevistado nº7	X		- Força em quem podia confiar e talvez por no 16 de Março se ter refugiado em Monsanto.
Entrevistado nº8	X		- Local onde tradicionalmente o Governo tinha apoio. - Plano de retirada do Governo para Monsanto foi feito pela 3ª Repartição do Estado Maior do Exército. - Devem-no ter aconselhado a isso.
Entrevistado nº9	X		- A DGS temendo que o Movimento militar abrangesse a Força Aérea aconselhou o PCM ir para o Carmo.
Entrevistado nº10	X		- Director Geral de Segurança o Major Silva Pais, aconselhou-o a ir para o Comando Geral da GNR.

Quadro 5.1: Análise de Resultados da Questão Nº 1

Questão nº2 - A GNR esteve desde os primeiros Movimentos do lado do Regime? Porquê?

Respostas	Sim	Não	Argumentação
Entrevistado nº1	X		- A GNR está sempre na sua história do lado do Regime. - Faz parte da missão da GNR proteger e estar do lado do Regime.
Entrevistado nº2	X		- A GNR teve origens como Guarda pretoriana. - Missão de manutenção da ordem pública e defesa do Governo que vigorasse.
Entrevistado nº3	X		- GNR estava do lado do Governo. - Guarda pretoriana do Governo.
Entrevistado nº4	X		- Porque realmente era uma força fiel ao Regime.
Entrevistado nº5	X		- A GNR era uma força do Regime tal como o Exército. - A GNR limitava-se a cumprir ordens do Comandante Geral que recebia ordens do Governo.
Entrevistado nº6	X		- Não há dúvidas que sim, era a sua missão.
Entrevistado nº7	X		- Força que tinha como missão defender o Governo vigente.
Entrevistado nº8	X		- A GNR era dependente do ministério do interior. - Corpo de oficiais era objecto de criteriosa nomeação por parte do Governo.
Entrevistado nº9	X		- Espécie de retaguarda segura especialmente armada contra a sublevação, contra o risco de sublevação civil e político militar contra o Regime.
Entrevistado nº10	X		- A GNR tinha sido criada como uma força paramilitar de segurança e de apoio total ao poder, ao poder político vigente.

Quadro 5.2: Análise de Resultados da Questão Nº 2

Questão nº3 - Houve oficiais da GNR no planeamento do Movimento dos Capitães?
Porquê?

Respostas	Sim	Não	Argumentação
Entrevistado nº1		X	- Não tenho conhecimento que tenha havido oficiais da GNR no planeamento do Movimento dos Capitães. - No máximo o contacto com o Movimento de algum oficial do Exército em serviço na GNR.
Entrevistado nº2		X	- A GNR era vista com desconfiança. - O Exército era quem ia fazer o golpe, não podia arriscar infiltrações.
Entrevistado nº3		X	- Posição da Guarda levava a que não existissem oficiais envolvidos.
Entrevistado nº4		X	- Os mentores do Movimento não tinham confiança na Guarda.
Entrevistado nº5		X	- Era provável que houvesse algumas ligações entre oficiais do Exército e da GNR. - Oficiais do Exército que estavam em comissão de serviço na GNR.
Entrevistado nº6		X	- Havia oficiais, e nomeadamente no Carmo que estariam a par de que ia haver um Golpe Militar.
Entrevistado nº7		X	- Provavelmente por a GNR ser vista como uma força pró Regime.
Entrevistado nº8		X	- Porque era uma força de confiança do Governo.
Entrevistado nº9		X	- Estavam do lado oposto, força com a qual não se podia contar. - Não obstante haver oficiais do Exército na GNR que tinham ligações ao Movimento.
Entrevistado nº10		X	- Porque era uma força governamental. - Eu tive de saber ali num curto espaço de tempo, que foi talvez da ordem das três semanas, após o 16 de Março, saber o que é que valia em termos de pessoal, em termos de deslocações, em termos de movimentos, de operações, de armamento e de equipamento para poder fazer o Plano de Operações, o que foi fornecido pelo meu primo Major Bélico Velasco.

Quadro 5.3: Análise de Resultados da Questão Nº 3

Questão nº4 - A GNR era temida pelos mentores do Movimento e encontrava-se armada para o contrariar? Porquê?

Respostas	Sim	Não	Argumentação
Entrevistado nº1	X		- A GNR como força do Poder evidentemente disciplinada, era sempre uma oposição a quem quisesse tomar ou desequilibrar esse Poder.
Entrevistado nº2		X	- A GNR preocupava como é óbvio por ser uma força organizada, e conceituada mas não tinha capacidade para se opor ao Exército.
Entrevistado nº3	X		- Temida a nível de pessoal, mas não tinha armamento para nos contrariar.
Entrevistado nº4		X	- Havia uma certa preocupação realmente porque na Guarda eram profissionais e cumpriam as ordens, mas não tinha capacidade nenhuma para enfrentar o Exército.
Entrevistado nº5		X	- Porque queríamos evitar um banho de sangue. - A GNR não estava equipada para nos contrariar.
Entrevistado nº6		X	- Não havia possibilidades nenhuma de a GNR poder efectivar qualquer acção que nos impedisse.
Entrevistado nº7	-	-	- Havia da parte das forças da GNR o armamento e equipamento orgânico para uma situação de Crise.
Entrevistado nº8	X		- Encontrava-se armada para manutenção de ordem pública. - Era uma força organizada e com bons militares. - Estavam à espera de viaturas blindadas.
Entrevistado nº9	X		- Era na GNR onde o Regime tinha maior confiança de segurança, nesse sentido armou-a e dotou-a de meios especiais sobretudo de combate de rua. - Era tida como força hostil.
Entrevistado nº10	X		- A GNR estava ao lado do Regime e era uma força considerável. - Era uma força fortemente disciplinada, com grande experiência, grande capacidade de comando e hierarquizada. - É possível que pudesse contrariar, porque nós, também tínhamos as nossas próprias fraquezas.

Quadro 5.4: Análise de Resultados da Questão Nº 4

Questão nº5 - Houve ordem para os militares da GNR dentro do Quartel do Carmo dispararem? Quem a deu?

Respostas	Sim	Não	Argumentação
Entrevistado nº1	-	-	- Ouvi rumores que o Comandante Geral chegou a dar ordem de disparo só que não foi obedecida.
Entrevistado nº2	-	-	- Ouvi rumores que o Comandante Geral chegou a dar ordem de disparo só que não foi obedecida.
Entrevistado nº3	-	-	- Julgo que o Comandante Geral teria dado ordens.
Entrevistado nº4	-	-	- Eu confesso que não sei se é verdade ou não, mas eu não ouvi.
Entrevistado nº5	-	-	- Se houve não foi obedecida, eu estive lá e não vi nenhuma reacção por parte da GNR.
Entrevistado nº6	-	-	- Eu não estive dentro do Quartel do Carmo, excepção feita quando o falecido General Spínola chegou ao Carmo, portanto desconheço.
Entrevistado nº7	-	-	- Estava no exterior do Aquartelamento.
Entrevistado nº8	-	-	- De dentro para fora não sei de fora para dentro sim.
Entrevistado nº9	-	-	- O PCM não sei se deu essa ordem para a GNR do Carmo fazer fogo sobre as forças sitiadas, houve sim ordens de contra ataque para a Força Aérea e outras forças militares.
Entrevistado nº10	-	-	- Desconheço tudo que se passou dentro do Quartel do Carmo. - Julgo que não terá havido ordem dada por ninguém a nível do comando da GNR. - Tenho notícia de um héli-canhão que terá saído da base de Tancos talvez com a missão de disparar sobre a multidão e forças sitiadas.

Quadro 5.5: Análise de Resultados da Questão Nº 5

Questão nº6 - Os militares da GNR reagiram aos disparos sobre o Quartel do Carmo? Porquê?

Respostas	Sim	Não	Argumentação
Entrevistado nº1		X	- Julgo que não reagiram porque houve uma percepção da parte dos militares da GNR que não havia volta a dar.
Entrevistado nº2		X	- Os militares tiveram percepção que seria suicídio. - Encontravam-se familiares dos militares lá dentro.
Entrevistado nº3		X	- Capitães e Tenentes, quem estava directamente a comandar que deram ordens para não dispararem.
Entrevistado nº4		X	- Precisamente porque estou convencido ninguém deu ordens para isso. - Tenho impressão que eles só iriam reagir se houvesse uma invasão ao Quartel.
Entrevistado nº5		X	- Eu estive lá e não vi nenhuma reacção por parte da GNR.
Entrevistado nº6		X	- Tive oportunidade de saber que o senhor General Adriano Augusto Pinto foi uma “força” de contenção no geral dentro do Carmo, isto cuidado estou a falar daquilo que li e do que oficiais da GNR mais tarde me confirmaram e que eu desconhecia em absoluto.
Entrevistado nº7		X	- Embora não tenha estado lá soube à posterior que não.
Entrevistado nº8		X	- Eles também queriam que aquilo se resolvesse.
Entrevistado nº9		X	- Começaram por desenvolver uma operação até mais vasta, uma tentativa de encurralamento das forças que cercavam.
Entrevistado nº10		X	- A força que se lhes oponha era de tal maneira impressionante, imponente, que era suicídio tentar disparar.

Quadro 5.6: Análise de Resultados da Questão Nº 6

Questão nº7 - Existiam civis e crianças no interior do Quartel do Carmo? Porquê?

Respostas	Sim	Não	Argumentação
Entrevistado nº1	X		- Existiam civis porque na altura havia muitas moradias de guarnição no interior dos quartéis.
Entrevistado nº2	X		- Militares da GNR moravam em casas dentro do Quartel mais as suas famílias.
Entrevistado nº3	X		- Vim a saber isso depois. - Era normal nos quartéis da Guarda ter residências para os militares que prestavam lá serviço.
Entrevistado nº4	X		- Porque existiam residências, viviam lá alguns oficiais, sargentos e praças.
Entrevistado nº5	X		- Realmente constatamos que estavam lá alguns civis quando entramos no Quartel.
Entrevistado nº6	X		- Mas só soube disto depois. - Eram familiares dos militares.
Entrevistado nº7	X		- Existiam residências no interior, onde moravam militares da GNR que lá prestavam serviço com as suas famílias.
Entrevistado nº8	X		- Porque havia habitações para militares da GNR lá dentro.
Entrevistado nº9	X		- Eram familiares dos militares que se encontravam, pois consideravam um local mais seguro.
Entrevistado nº10	X		- Eu não sabia que estavam lá civis. - Segundo soube moravam lá.

Quadro 5.7: Análise de Resultados da Questão Nº 7

Questão nº8 - A GNR teve um papel fundamental na resolução do 25 de Abril de 1974? Porquê?

Respostas	Sim	Não	Argumentação
Entrevistado nº1	X		- Teve um papel fundamental não por ter um papel activo, mas por ter exactamente um papel passivo.
Entrevistado nº2		X	- Ajudou num desenlace mais fácil e proveitoso para todos, caso não o tivesse feito e houvesse um tiroteio de parte a parte tinha existido dezenas de mortos, mas o 25 de Abril de 1974 tinha resultado na mesma.
Entrevistado nº3	X		- Fundamental no sentido de não ter resistido, não se ter oposto de uma maneira activa ao Movimento.
Entrevistado nº4		X	- A Guarda teve um papel de sensatez resultante da sua incapacidade de fazer qualquer coisa.
Entrevistado nº5	X		- No aspecto de entender que não ia resolver nenhum assunto e tendo uma atitude passiva.
Entrevistado nº6	X		- Quanto mais não seja por não responder ao fogo.
Entrevistado nº7	X		- Evitou o confronto directo e o derramamento de sangue.
Entrevistado nº8		X	- A GNR resistiu enquanto pode, constatou a evidência e rendeu-se.
Entrevistado nº9		X	- A GNR absteve-se contra o essencial de intervir e isso foi uma coisa positiva. - Uma acção bastante importante para que o 25 de Abril se tenha feito praticamente sem vítimas civis ou militares.
Entrevistado nº10	X		- Porque sendo o Quartel do Carmo, onde se acolheu o PCM perante a acção das forças sitiadas vai levar a que o próprio GCG/GNR acabe por obrigar praticamente o PCM e os ministros a apresentarem a sua rendição perante as forças do MFA.

Quadro 5.8: Análise de Resultados da Questão Nº 8

Questão nº9 - A GNR saiu como derrotada do 25 de Abril de 1974?Porquê?

Respostas	Sim	Não	Argumentação
Entrevistado nº1		X	- A GNR manteve a sua dignidade, porque conseguiu apesar de se manter fiel ao Regime perceber que algo estava mal, e que era importante as coisas mudarem.
Entrevistado nº2		X	- Quem saiu derrotado foi o Regime.
Entrevistado nº3		X	-Olhando ao contexto e à sua postura não foi derrotada. -Tiveram a percepção que já não valia a pena estar a sustentar um Regime que estava completamente impopular.
Entrevistado nº4		X	- Porque a Guarda depois com a substituição das principais chefias, recuperou rapidamente.
Entrevistado nº5		X	- Quem saiu derrotado foi o Regime. - A GNR fez o que tinha a fazer já que PCM foi para o Quartel do Carmo, fazer a protecção do senhor e evitar que fosse linchado e sair dali com alguma dignidade.
Entrevistado nº6		X	- A GNR nunca foi considerada como inimigo. - Uma unidade do Exército que não aderiu ao Movimento teria a mesma posição que a GNR.
Entrevistado nº7		X	- Não houve confronto entre as partes.
Entrevistado nº8		X	- O 25 de Abril de 1974 não foi feito contra a GNR.
Entrevistado nº9	X		- Saiu derrotada à luz da missão estratégica.
Entrevistado nº10		X	- Quem de facto saiu derrotado é um Governo que persistia num tipo de política ultramarina que não interessava rigorosamente nada ao povo do nosso país.

Quadro 5.9: Análise de Resultados da Questão Nº 9

Questão nº10 - A GNR soube adaptar-se ao processo que se seguiu ao 25 de Abril de 1974? Porquê?

Respostas	Sim	Não	Argumentação
Entrevistado nº1	X		- A GNR tem como missão a salvaguarda do Regime, é apartidária e consegue não misturar os processos políticos, as tendências políticas, na sua missão que é a salvaguarda do Regime, a ordem e a tranquilidade pública independentemente do partido ou da facção que estiver no Governo e como tal foi o que fez.
Entrevistado nº2	X		- A GNR soube responder ao que o novo Governo precisava dela para a fase que se segue a uma Crise destas evitando o que seria o 28 de Setembro.
Entrevistado nº3	X		- Pelo que me apercebi teve capacidade de se adaptar. - Guarda adaptou-se devido aos oficiais, sargentos que lá estavam, mas também aos comandantes gerais que estiveram a seguir.
Entrevistado nº4	X		- A partir da substituição das principais chefias, a Guarda recuperou e integrou-se logo no novo conceito.
Entrevistado nº5	X		- A GNR é uma força de polícia militar que soube adaptar-se ao que precisavam dela.
Entrevistado nº6	X		- A GNR teve até um papel fundamental no pós 25 de Abril.
Entrevistado nº7	X		- Imediatamente se colocou ao dispor do novo Regime cumprido com o que este pretendia.
Entrevistado nº8	X		- A GNR foi uma força que se soube adaptar, mas com alguns solavancos.
Entrevistado nº9	X		- A GNR converteu-se numa força de polícia, ou seja, numa força de segurança interna. - Força para defender os direitos de cada um em vez de uma ser uma força repressiva.
Entrevistado nº10	X		- A GNR é uma força isenta, estava ao serviço da República, da República enquanto Regime. - A GNR está perfeitamente integrada no âmbito dos caminhos da República, neste caso nos caminhos da segunda República.

Quadro 5.10: Análise de Resultados da Questão Nº 10

Questão nº11 - Qual a verdadeira razão para a revolta que deu origem ao 25 de Abril de 1974?

Respostas	Argumentação
Entrevistado nº1	- A saturação da Guerra Colonial aliada a motivos corporativos no início do Movimento.
Entrevistado nº2	- A Guerra Colonial, já durava há treze anos e não se vislumbrava no Governo capacidade de resolver este problema.
Entrevistado nº3	- O problema de Portugal nessa altura, ou seja, a Guerra do Ultramar. - Aquilo que começou a unir os oficiais, foram os aspectos corporativos.
Entrevistado nº4	- Cansaço que os oficiais do Quadro Permanente sentiam da Guerra. - Treze anos em Guerra à espera de uma solução política do Governo.
Entrevistado nº5	- O pretexto digamos que foi o motivo corporativo, o facto de os oficiais do Quadro Permanente fazerem comissões sobre comissões.
Entrevistado nº6	- Saturação de treze anos de Guerra no Ultramar.
Entrevistado nº7	- Cansaço da Guerra Colonial, as tropas estavam cansadas, as missões sobrepunham-se e não se vislumbrava uma solução política.
Entrevistado nº8	- Foi a Guerra Colonial que já durava há treze anos. - Incapacidade do Governo em arranjar uma solução. - Atingiu-se a saturação, começou a ver-se uma segunda Índia.
Entrevistado nº9	- Cansaço com a Guerra e a incapacidade do poder político encontrar uma solução política para a mesma. - Para acabar com a Guerra e iniciar um processo negocial para a terminar, era preciso instalar um Regime democrático, um Regime assente na democracia política.
Entrevistado nº10	- Percepção muito clara, o conhecimento total de que o Governo que assistia no país era a continuação da ditadura salazarista, tornava-o num Governo que não era querido, pela esmagadora maioria do povo português. - A continuação da Guerra Colonial por teimosia do Governo, durou treze anos e podia ter sido evitada.

Quadro 5.11: Análise de Resultados da Questão Nº 11

Questão nº12 - Qual o motivo do fracasso do 16 de Março de 1974? Qual a acção da GNR?

Respostas	Argumentação
Entrevistado nº1	<ul style="list-style-type: none"> - Julgo que o mau planeamento e desorganização. - A GNR teve a missão de proteger os membros do Governo em Monsanto e esperar pelas forças revoltosas na rotunda da Encarnação.
Entrevistado nº2	<ul style="list-style-type: none"> - Esta operação estava condenada ao fracasso pois não havia planeamento, serviu para vermos reacções das forças fiéis ao Regime.
Entrevistado nº3	<ul style="list-style-type: none"> - Não teve um planeamento prévio. - A GNR quanto sei teve a função de garantir a segurança em Monsanto aos membros do Governo.
Entrevistado nº4	<ul style="list-style-type: none"> - Abortou por falta de adesão de outras unidades e mau planeamento. - Mandou uma Companhia ao encontro da coluna das Caldas. - Cerco à Academia Militar.
Entrevistado nº5	<ul style="list-style-type: none"> - A ausência de um Plano de Operações. - A GNR não teve um papel activo no deslocamento segundo sei simplesmente se posicionaram à espera deles em Lisboa.
Entrevistado nº6	<ul style="list-style-type: none"> - No 16 de Março não estava tudo pronto, foi uma iniciativa precipitada da unidade das Caldas. - A GNR limitou-se a ir para Monsanto fazer a segurança dos membros do Governo que eu tenha conhecimento.
Entrevistado nº7	<ul style="list-style-type: none"> - A ausência de planeamento, pois foi uma acção desgarrada. - A GNR garantiu a segurança do PCM e do Presidente da República em Monsanto.
Entrevistado nº8	<ul style="list-style-type: none"> - Houve oficiais que entendiam que uma marcha sobre Lisboa chegava para derrubar o Governo e não era preciso planeamento. - A GNR se bem me lembro estava à espera deles na portagem já que o deslocamento foi feito pela auto-estrada.
Entrevistado nº9	<ul style="list-style-type: none"> - Foi a precipitação. - A GNR pôs tropa na rua tanto na rotunda da Encarnação onde esperavam a coluna vinda das Caldas, como em Monsanto montando um perímetro de segurança para proteger o PCM.
Entrevistado nº10	<ul style="list-style-type: none"> - Foi uma coisa organizada à pressa. - Falta de adesão. - Ser fim-de-semana. - A GNR teve na rotunda da Encarnação à espera da Coluna.

Quadro 5.12: Análise de Resultados da Questão Nº 12

CAPÍTULO 6 – DISCUSSÃO DE RESULTADOS

6.1 DISCUSSÃO DE RESULTADOS DA PERGUNTA Nº 1

A questão nº 1 teve como intuito recolher a opinião dos entrevistados em relação à hipótese de Marcello Caetano, se ter refugiado no Quartel do Carmo porque a GNR era a única força que ele tinha a certeza que estava e continuaria do lado do Regime, logo era o local mais seguro.

As respostas obtidas foram unânimes e confirmam a hipótese com bastante certeza, tendo em atenção a convicção dos entrevistados. Todos os entrevistados afirmam que Marcello Caetano se refugiou no Quartel do Carmo, porque a GNR era a força que mais garantias lhe dava naquele momento, logo era o local mais seguro.

A argumentação utilizada pelos entrevistados recaiu, principalmente, na ideia de que a GNR defendia o Regime a ferro e fogo. Marcello Caetano achava que no Carmo estava em segurança, ou seja, que o Carmo era mais seguro porque Monsanto seria o primeiro alvo pois já tinha servido de refúgio anteriormente. A DGS aconselhou-o, a GNR era a força de total confiança do Governo, por se desconhecer a posição da Força Aérea e porque era um local onde tradicionalmente o Governo tinha apoio.

De acordo com a resposta do entrevistado nº 4, existia um plano de evacuação do Governo em grandes Crises nacionais, que previa que essa evacuação seria feita pela GNR e para Monsanto, ou para o Quartel do Carmo⁶.

6.2 DISCUSSÃO DE RESULTADOS DA PERGUNTA Nº 2

A questão nº 2 teve como intuito recolher a opinião dos entrevistados em relação à hipótese da GNR se ter revelado uma Guarda “Pretoriana”, pois manteve-se fiel ao Regime até à sua queda.

As respostas obtidas foram unânimes, os entrevistados demonstraram bastante certeza nas respostas dadas e estas confirmam a hipótese sem margem para dúvida. Todos os entrevistados afirmam que a GNR esteve desde o início das movimentações do lado do Regime até à sua queda e consequente transferência de poder.

Os entrevistados indicaram como principais factores para esta postura da GNR, fazer parte da sua missão, na sua história estar sempre do lado do Regime, ter origens como Guarda Pretoriana, por ser realmente fiel ao Regime, limitou-se a cumprir ordens do Comandante Geral que, por sua vez, recebia ordens do Governo, a sua dependência e porque era uma espécie de retaguarda segura para evitar a sublevação civil e político militar contra o Regime.

⁶ Ver resposta à questão nº 1 do entrevistado nº 4- Apêndice G

O entrevistado nº 10 deixa patente na sua resposta a verificação da hipótese em estudo, como se confirma na afirmação *“a GNR tinha sido criada como uma força paramilitar de segurança e de apoio total ao poder, ao poder político vigente, daí que logicamente quando houvesse uma crise dessas, como aquela que existe no 16 de Março, e logo a seguir, 40 dias depois, no 25 de Abril, era natural que a Guarda Nacional Republicana, que tinha sido criada com essa finalidade, estivesse ao lado do Regime vigente”*⁷.

6.3 DISCUSSÃO DE RESULTADOS DA PERGUNTA Nº 3

Nesta questão pretende-se confirmar em conjunto com a anterior a hipótese de a GNR se ter revelado uma Guarda “Pretoriana” pois manteve-se fiel ao Regime até à sua queda.

Como se pode verificar através do Quadro 5.3, as respostas são unânimes e os entrevistados nas suas respostas não demonstram a menor dúvida em afirmar que não houve oficiais da GNR no planeamento do 25 de Abril, confirmando a hipótese tal como a resposta à pergunta nº 2.

Pode, também, verificar-se, pelas respostas obtidas, que a GNR era vista como força opositora, uma força pró Regime, uma força governamental. Como tal era vista com desconfiança por parte dos mentores do MFA que nunca arriscariam uma infiltração que deitasse tudo a perder. Existiu, sim, um oficial, que se tenha conhecimento, que era do Exército em comissão de serviço na GNR e que forneceu algumas informações ao primo, Otelo Saraiva de Carvalho, para este poder elaborar o Plano de Operações, sabendo da resistência que ia encontrar por parte da GNR⁸.

O entrevistado nº 2, com uma resposta sucinta, esclarece bem o que se passou, *“A GNR era vista com desconfiança por parte do Movimento, o Exército é que ia fazer o golpe não podia arriscar infiltrações que deitassem tudo a perder. Houve oficiais soltos, que pertenciam ao Exército só que estavam lá colocados que forneceram algumas informações”*⁹.

6.4 DISCUSSÃO DE RESULTADOS DA PERGUNTA Nº 4

A questão nº 4 teve como intuito recolher a opinião dos entrevistados em relação à hipótese da GNR ser temida e vista como uma força inimiga, pois apesar de algumas limitações sabiam que era capaz de se opor ao Movimento.

As respostas obtidas não são unânimes. Os entrevistados demonstraram bastante relutância em responder à questão na generalidade e existe uma grande divisão nas

⁷ Ver resposta à questão nº 2 do entrevistado nº 10- Apêndice M

⁸ Ver resposta à questão nº 3 do entrevistado nº 4- Apêndice G

⁹ Ver resposta à questão nº 3 do entrevistado nº 2- Apêndice E

opiniões por parte dos entrevistados, independentemente de terem estado no lado da GNR ou do Exército.

Apesar desta discordância e hesitação geral em responder, pode-se verificar que a GNR tinha várias limitações a nível de equipamento e armamento¹⁰, o que não lhe possibilitava, a nível de poder bélico, ter hipóteses de vencer o MFA, mas mesmo assim era uma grande preocupação para o MFA, acima de tudo porque *“era uma força organizada e com bons militares”*¹¹ e podia causar-lhe enormes dificuldades, pois sabiam que à menor descoordenação que fragilizasse o Movimento, a GNR, com o seu sentido de missão, poderia contrariar o Movimento, tal como afirma o entrevistado nº10, mentor do Plano de Operações do 25 de Abril, *“com o Regimento de Cavalaria da Ajuda, com o Regimento de Infantaria de Cabeço de Bola, é possível que pudesse contrariar, porque nós, também tínhamos as nossas próprias fraquezas, nessa altura em 25 de Abril, tinha sido iniciada na primeira semana de Abril, talvez no dia 10 de Abril, a recrutar e o pessoal tinha muita pouca experiência”*¹²

6.5 DISCUSSÃO DE RESULTADOS DA PERGUNTA Nº 5

A questão nº 5 teve como intuito recolher a opinião dos entrevistados em relação à hipótese de existir ordem para os militares da GNR que estavam no interior do Quartel do Carmo dispararem respondendo aos disparos das forças sitiadas sobre o Quartel.

A resposta dos entrevistados é unânime, todos alegam desconhecimento, como tal não se confirma a ordem dada, apesar de na revisão da literatura existir menção à mesma.

O entrevistado nº4, que estava colocado no Quartel do Carmo, diz não ter ouvido essa ordem, mas que como esteve a maior parte do tempo no exterior é possível não ter ouvido.¹³

Há entrevistados que à posterior ouviram rumores da suposta ordem, *“Ouvi rumores que o Comandante Geral chegou a dar ordem de disparo só que não foi obedecida”*.¹⁴

6.6 DISCUSSÃO DE RESULTADOS DA PERGUNTA Nº 6

A questão nº 6 teve como intuito recolher a opinião dos entrevistados em relação à hipótese de os militares da GNR que estavam no interior do Quartel do Carmo não terem reagido aos disparos sobre o Quartel do Carmo.

As respostas obtidas foram unânimes e confirmam a hipótese sem a menor dúvida por parte dos entrevistados. Todos os entrevistados afirmam que não existiu reacção por parte dos militares da GNR do interior do Quartel do Carmo apesar dos disparos sobre o Quartel.

¹⁰ Ver resposta à questão nº 4 do entrevistado nº 4- Apêndice G

¹¹ Ver resposta à questão nº 4 do entrevistado nº 8- Apêndice K

¹² Ver resposta à questão nº 4 do entrevistado nº 10- Apêndice M

¹³ Ver resposta à questão nº 5 do entrevistado nº 4- Apêndice G

¹⁴ Ver resposta à questão nº 5 do entrevistado nº 2- Apêndice E

Os militares não reagiram, segundo os entrevistados, porque tinham ordem dos seus comandantes directos para não disparar¹⁵, *“porque houve uma percepção da parte dos militares da GNR que não havia volta a dar”*¹⁶ e *“porque a força que se lhes oponha com os blindados apontados para o Quartel era de tal maneira impressionante, imponente, que era suicídio tentar disparar contra quem quer que fosse”*.¹⁷

6.7 DISCUSSÃO DE RESULTADOS DA PERGUNTA Nº 7

A questão nº 7 teve como intuito recolher a opinião dos entrevistados em relação à hipótese de existir civis no interior do Quartel do Carmo.

As respostas obtidas foram unânimes e confirmam a hipótese sem a menor dúvida por parte dos entrevistados. Todos os entrevistados afirmam que existiam civis no interior do Quartel do Carmo.

A razão de estarem civis dentro do Quartel do Carmo prende-se com o facto de *“existiam residências no interior, onde moravam militares da GNR que lá prestavam serviço com as suas famílias”*¹⁸ e *“era normal nos quartéis da Guarda, não só do Carmo, ter residências para os militares que prestavam lá serviço, desde oficiais, sargentos e praças”*¹⁹.

Todos os entrevistados que no 25 de Abril pertenciam ao MFA, excepto o entrevistado nº 8, alegam que só tiveram conhecimento de civis depois de abertas as portas do Quartel e Salgueiro Maia ter ido lá dentro, ou seja, à posterior dos disparos, alegando que em princípio não seriam executados os disparos sobre o Quartel se soubessem.

6.8 DISCUSSÃO DE RESULTADOS DA PERGUNTA Nº 8

A questão nº 8 teve como intuito recolher a opinião dos entrevistados em relação à hipótese da GNR ter um papel fundamental na resolução do 25 de Abril de 1974, pois evitou que esta data ficasse lembrada como um “mar de sangue”.

As respostas obtidas não são unânimes, pois a maioria dos entrevistados responde à questão afirmativamente, confirmando a hipótese. Mesmo os entrevistados que respondem que não, na sua generalidade, depois no seu discurso, acabam por confirmar a hipótese.

Os entrevistados, no geral, realçam a acção da GNR pela sua passividade, ou seja, como força que *“ajudou para um desenlace mais fácil e proveitoso para todos, caso não o tivesse feito e houvesse um tiroteio de parte a parte tinha existido dezenas de mortos”*²⁰,

¹⁵ Ver resposta à questão nº 6 do entrevistado nº 3- Apêndice F

¹⁶ Ver resposta à questão nº 6 do entrevistado nº 1- Apêndice D

¹⁷ Ver resposta à questão nº 6 do entrevistado nº 10- Apêndice M

¹⁸ Ver resposta à questão nº 7 do entrevistado nº 7- Apêndice J

¹⁹ Ver resposta à questão nº 7 do entrevistado nº 3- Apêndice F

²⁰ Ver resposta à questão nº 8 do entrevistado nº 2- Apêndice E

teve um papel fundamental porque “evitou o confronto directo e o derramamento de sangue”²¹ e “quanto mais não seja por não responder ao fogo”²².

6.9 DISCUSSÃO DE RESULTADOS DA PERGUNTA Nº 9

A questão nº 9 teve como intuito recolher a opinião dos entrevistados em relação à hipótese da GNR não sair como derrotada no 25 de Abril de 1974, mesmo estando do lado oposto ao do MFA.

As respostas obtidas foram praticamente unânimes, sendo o entrevistado nº 9, o único a considerar que a GNR saiu derrotada, talvez por não viver o 25 de Abril numa das forças intervenientes, como tal analisou a questão colocada olhando só à missão que estava atribuída à GNR e que esta não conseguiu cumprir.²³

No entanto, olhando aos restantes entrevistados, confirmam a hipótese, sem a menor dúvida, afirmando que a GNR não saiu derrotada no 25 de Abril de 1974.

As opiniões reflectem o espírito que se viveu de ambos os lados, convergindo no mesmo sentido, *“quem de facto saiu derrotado é um Governo que persistia num tipo de política que não interessava rigorosamente nada ao povo do nosso país. A GNR é uma força que tem a sua missão, que a cumpre cabalmente e não sai derrotada”*²⁴. Outros argumentos bem patentes é que *“tiveram a percepção que já não valia a pena estar a sustentar um Regime que estava completamente impopular”*²⁵.

6.10 DISCUSSÃO DE RESULTADOS DA PERGUNTA Nº 10

A questão nº 10 teve como intuito recolher a opinião dos entrevistados em relação à hipótese da GNR ter-se adaptado ao processo que se seguiu ao 25 de Abril de 1974.

As respostas obtidas foram unânimes e confirmam a hipótese sem a menor dúvida por parte dos entrevistados. Todos os entrevistados afirmam que a GNR se adaptou.

A GNR de imediato se colocou ao serviço do novo Regime a desempenhar funções, como o entrevistado nº 1 deixa bem patente nas suas palavras, *“a GNR soube adaptar-se, como disse no início, porque a GNR tem como missão a salvaguarda do Regime, a GNR como apartidária que é, consegue não misturar os processos políticos, as tendências políticas, na sua missão que é a salvaguarda do Regime, a ordem e a tranquilidade pública independentemente do partido ou da facção que estiver no Governo”*.²⁶

²¹ Ver resposta à questão nº 8 do entrevistado nº 7- Apêndice J

²² Ver resposta à questão nº 8 do entrevistado nº 6- Apêndice I

²³ Ver resposta à questão nº 9 do entrevistado nº 9- Apêndice L

²⁴ Ver resposta à questão nº 9 do entrevistado nº 10- Apêndice M

²⁵ Ver resposta à questão nº 9 do entrevistado nº 3- Apêndice F

²⁶ Ver resposta à questão nº 10 do entrevistado nº 1- Apêndice D

6.11 DISCUSSÃO DE RESULTADOS DA PERGUNTA Nº 11

A questão nº 11 teve como intuito recolher a opinião dos entrevistados em relação à origem do 25 de Abril de 1974. Esta pergunta tem um cariz mais aberto do que as anteriores, pois não tem como finalidade a verificação de hipóteses, mas sim contribuir para perceber e recolher informação dos antecedentes deste acontecimento, confirmando a primeira parte do trabalho (o Enquadramento Teórico).

As respostas obtidas foram todas no mesmo sentido quanto à origem do 25 de Abril, *“o cansaço com a guerra e a incapacidade do poder político encontrar uma solução política para a guerra”*²⁷. Tendo o seu despoletar nos Decretos de Lei de 1973, que deu origem ao Movimento dos Capitães, com esses Decretos de Lei, *“houve uma tentativa do Regime de dar aos oficiais milicianos a hipótese de passar ao quadro em seis meses de Academia e passar na carreira os oficiais da Academia”*.²⁸

“Tomamos consciência de que era necessário acabar com aquilo tudo, era necessário acabar com o Governo acabar com a ditadura”.²⁹

6.12 DISCUSSÃO DE RESULTADOS DA PERGUNTA Nº 12

A questão nº 12 teve como intuito recolher a opinião dos entrevistados em relação ao motivo do fracasso do 16 de Março e qual a acção da GNR nesse dia. Esta pergunta é no âmbito da anterior, ou seja, mais abrangente, pois tem como finalidade perceber o que realmente se passou nesse dia, e recolher informação para confirmar a revisão de literatura e até informações extras se possível.

Pelas respostas dos entrevistados, percebe-se que a principal razão para o fracasso do 16 de Março foi a falta de planeamento antecipado, pois tinha ficado determinado nas reuniões do Movimento que ninguém agia pois era cedo, e devido a informações inconsistentes e membros que tinham demonstrado vontade em agir precipitaram-se e saíram em direcção a Lisboa, que foi o caso do Regimento das Caldas da Rainha.³⁰

Quanto à acção da GNR verifica-se que garantiu a segurança em Monsanto, fez o cerco à AM, esteve na rotunda da Encarnação à espera da coluna que vinha para Lisboa e enviou uma força ao encontro da coluna que vinha das Caldas.

²⁷ Ver resposta à questão nº 11 do entrevistado nº 9- Apêndice L

²⁸ Ver resposta à questão nº 11 do entrevistado nº 5- Apêndice H

²⁹ Ver resposta à questão nº 11 do entrevistado nº 10- Apêndice M

³⁰ Ver resposta à questão nº 12 do entrevistado nº 10- Apêndice M

CAPÍTULO 7 – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O presente trabalho de investigação aplicada tem o objectivo demonstrar a acção da Guarda no 25 de Abril de 1974, visto ter sido das Crises nacionais mais marcantes.

No presente capítulo, procede-se à apresentação de uma síntese conclusiva, à verificação das hipóteses formuladas, à apresentação das recomendações do trabalho, à apresentação das limitações da presente investigação e propostas de futuras investigações.

7.1 SÍNTESE CONCLUSIVA

O 25 de Abril de 1974 tem a sua génese na saturação dos militares do Ultramar, principalmente nos Capitães, comandantes de Companhia, por verem a situação a agravar-se e a incapacidade do Governo em arranjar uma resolução política para acabar com a Guerra, quando tiveram treze anos para o fazer.

A interiorização de uma tomada de posição começa com a fundação do Movimento dos Capitães que surge por questões corporativas.

O 16 de Março foi um fracasso, pois não houve planeamento antecipado adequado nem adesão (só as Caldas saíram). Tal facto aconteceu porque decidiram sair ao último da hora ao contrário do que tinha ficado decidido nas reuniões do MFA.

Em virtude do PCM se ter refugiado no Quartel do Carmo, a GNR viu recair sobre si todas as atenções no dia 25 de Abril de 1974.

O Governo apostou nas forças da GNR para assumir o papel principal na sua defesa, porque das forças fiéis, julgaram ser a que melhor desempenharia tal missão e a que mais tinha hipóteses de contrariar o MFA. Tinham a certeza que a GNR se ia manter fiel à sua missão, ou seja, era uma força de total confiança e que nunca os iam entregar ao MFA.

A GNR revelou limitações sobretudo na capacidade operacional, no seu equipamento e armamento (eram virados para a manutenção de ordem pública) o que tornava o potencial de fogo das suas unidades deficiente. O Quartel do Carmo enunciou enormes fragilidades revelando-se um erro a nível estratégico, pois localiza-se no meio de uma cidade e rapidamente ficou cercado, não tendo potencial bélico para contrariar o Golpe Militar.

No Quartel do Carmo, viviam muitos civis familiares dos militares da Instituição que lá prestavam serviço, incluindo os do GCG, factor que aumentou exponencialmente a pressão que se viveu no seu interior.

A GNR tomou conhecimento do início das movimentações militares no início da madrugada, decretou de imediato prevenção rigorosa, chamou os militares aos respectivos Quartéis e preparou as forças. Apesar de ter as forças preparadas desde cedo, a GNR chegava aos locais que ia ocupar sempre depois das forças do MFA.

A defesa ao Quartel do Carmo foi organizada apenas em função de uma perspectiva passiva e de expectativa, não sendo cumpridas as normas previstas de defesa exterior do Quartel.

A GNR apesar da presença do PCM no Quartel do Carmo, manteve-se sempre na expectativa a aguardar que alguém tomasse a iniciativa, mas verificou-se a mesma passividade nas restantes forças governamentais. Mesmo assim, a GNR correspondeu às expectativas dos membros do Governo, porque foi dando ideia que tudo estava a fazer para contrariar o Golpe Militar.

À medida que o tempo ia avançando, o MFA ia ganhando cada vez mais consistência. O facto de forças fiéis ao Regime como RC7 irem passando para o lado revolucionário demonstrava que cada vez restava menores possibilidades às forças governamentais.

Os militares da GNR, principalmente depois dos primeiros ultimatos, tiros e encontros com as forças revoltosas, aguardavam ansiosamente que a situação se resolvesse estando cientes da irreversibilidade do Movimento.

Quando surgiram os disparos sobre o Quartel do Carmo, os militares da GNR conseguiram manter a calma e o discernimento necessário para não responder ao fogo, evitando que se desencadeasse um tiroteio com consequências desastrosas.

A postura de expectativa e passividade demonstrada pelos militares da GNR foi decisiva para a vitória do MFA sem que tenha havido derramamento de sangue e que a transmissão do poder se fizesse em segurança. Factor não menos importante é a postura adoptada pelos militares do MFA, pois embora quisessem mudar o Regime, também nunca tiveram intenção de entrar em confronto, pois queriam evitar um banho de sangue, morte de portugueses contra portugueses e que a justiça caísse nas mãos dos civis, aí acabava o respeito existente entre militares e passava a ser uma Guerra “suja”.

O Capitão Salgueiro Maia comandou com primazia as principais operações militares no terreno, sendo a sua capacidade de comando decisiva para o sucesso do MFA, tendo demonstrado um grande carácter pelo trato para com os opositores e na ressalva dos vencidos.

A população teve um papel fundamental, pois praticamente desde início ocorreu em apoio ao MFA, dando-lhes o imprescindível ânimo e confiança e quebrando-o às forças governamentais.

Papel importante teve o Feytor Pinto e Nuno Távora pela função importantíssima que tiveram na fase mais escaldante em que o discernimento começava a faltar aos militares envolvidos, pois começavam a acusar o cansaço. Na verdade tiveram um papel moderador e negociaram uma solução para a rendição de Marcello Caetano, impedindo assim mais uma série de disparos sobre o Quartel do Carmo.

O Major Velasco teve um papel relevante no seio da GNR e para o desenlace do 25 de Abril, pois fez a ponte com as forças sitiadas do Quartel do Carmo, tal como falando com

as forças da GNR que se encontravam nas imediações, aconselhando-as a manterem a calma. Dessa forma, aliviou um pouco a tensão que havia em ambas as forças. Mas também outros oficiais, especialmente os Capitães e subalternos do QC do Exército que prestavam serviço na GNR, que estiveram no terreno como comandantes de Companhia e Pelotão mantendo sempre o bom senso e dando ordem aos seus militares para nunca disparar.

No 25 de Abril, apesar de existirem forças pró e contra Regime e de estarem em lados opostos, todos os oficiais pertenciam ao Exército, daí que a maioria dos oficiais do Exército e da GNR se conhecessem e, neste contexto, fosse difícil o confronto por um Regime em que poucos acreditavam.

As transmissões tiveram um papel decisivo no dia 25 de Abril, possibilitou aos organizadores do Movimento acederem em tempo real às escutas rádio e comunicações nacionais, quer à rede civil, quer à rede telefónica militar, através de uma linha telefónica directa entre o Centro de Escutas e o PC. Foi assim que Otelo e o Movimento souberam que o PCM se tinha refugiado no Quartel do Carmo. Esse trabalho foi facilitado pelas transmissões obsoletas que a GNR possuía, excepção a rede da BT, que cobria todo o território nacional, mas que ao contrário do 16 de Março não chegou a ser utilizada.

No 25 de Abril, pequenos detalhes, o acaso, ou mesmo sorte presentearam os intervenientes, contribuindo em grande medida para que não houvesse derramamento de sangue, caso do lapso do Tenente Santos Silva na ordem de fogo sobre o Quartel do Carmo e da metralhadora da viatura blindada que encravou quando iam disparar sobre militares da GNR apeados entre o Rossio e a Calçada do Carmo.

A ditadura terminou no Largo do Carmo com a transmissão do poder de Marcello Caetano para um dos mais distintos oficiais, o General António Spínola, que conquistou de imediato a adesão da GNR ao novo Regime, prova disso é no dia seguinte a segurança ao Quartel do Carmo já ser garantida pela GNR.

A partir daí entrou-se num processo revolucionário e de mudança: a GNR foi dotada de novos equipamentos, viaturas blindadas, espingardas metralhadoras e meios de rádio sofisticados, adaptando-se rapidamente às novas circunstâncias, tendo por isso desempenhado um importante papel na consolidação da liberdade e democracia nos tempos que se seguiram.

7.2 VERIFICAÇÃO DE HIPÓTESES

As respostas às dez primeiras questões do guião de entrevista aplicado corresponde às hipóteses formuladas, o que nos permite verificar se estas se confirmam totalmente, parcialmente ou se pelo contrário são refutadas, em função da análise e discussão realizadas no capítulo anterior.

H1: Marcello Caetano no 25 de Abril de 1974 refugiou-se no Quartel do Carmo porque a GNR era uma força de que ele tinha a certeza que estava e continuaria do lado do Regime, logo era o local mais seguro;

Hipótese **totalmente validada** pela interpretação dos resultados da questão n.º 1.

H2: A GNR revelou-se uma “Guarda Pretoriana” pois manteve-se fiel ao Regime até à sua queda;

Hipótese **totalmente validada** pela interpretação dos resultados das questões n.º 2 e 3.

H3: A GNR era temida e vista como uma força inimiga, pois apesar de algumas limitações sabiam que era capaz de se opor ao Movimento;

Hipótese **parcialmente validada** pela interpretação dos resultados da questão n.º 4.

H4: Apesar de existir ordem para disparar, os militares da GNR que estavam no interior do Quartel do Carmo não reagiram aos disparos, porque no interior do mesmo se encontravam familiares dos militares que lá moravam;

Hipótese **parcialmente validada** pela interpretação dos resultados da questão n.º 5, 6 e 7.

H5: A GNR teve um papel fundamental na resolução do 25 de Abril de 1974, pois evitou que esta data ficasse lembrada como um “mar de sangue”;

Hipótese **totalmente validada** pela interpretação dos resultados da questão n.º 8.

H6: A GNR não saiu como derrotada no 25 de Abril de 1974 embora estivesse do lado oposto ao do MFA, pois não houve confronto directo e nem o Movimento tinha como objectivo a derrota da GNR;

Hipótese **totalmente validada** pela interpretação dos resultados da questão n.º 9.

H7: A GNR adaptou-se ao processo que se seguiu ao 25 de Abril de 1974, sendo colocada no dia seguinte a colaborar com o novo Regime.

Hipótese **totalmente validada** pela interpretação dos resultados da questão n.º 10.

7.3 RECOMENDAÇÕES

A GNR tem de manter o sentido de missão que sempre apresentou até os dias de hoje, pois só assim garante que o Governo nunca ponha em causa a sua existência. É esse sentido de missão e não reivindicativo inato à nossa condição militar que nos dias de hoje nos diferencia de outras instituições como a PSP.

Deve continuar apartidária como se tem demonstrado, pois só assim consegue cumprir a sua missão sem lacunas e nunca sai como derrotada em possíveis quedas do Governo.

A instituição tem de continuar a promover o profissionalismo e disciplina dos militares, para colmatar possíveis limitações de equipamento e armamento, conseguindo assim continuar a dar uma boa imagem sempre que intervém.

7.4 LIMITAÇÕES ENCONTRADAS

O tema do trabalho é muito abrangente, de resto como todos os temas deste âmbito, e por isso é necessário um envolvimento no espírito vivido na Crise para a compreender minimamente.

A formação de um oficial tirocinante no âmbito da História da GNR e o seu papel neste tipo de Crises é praticamente nula. Isto implica um especial acréscimo de tempo dispendido na pesquisa de conhecimentos relacionados com o tema do trabalho, o que, face ao limite temporal atribuído para a sua elaboração, é muito significativo.

Acresce ainda referir que o limite da paginação superiormente imposto é deveras escasso. Apesar de se apelar à capacidade de síntese, não é possível ignorar a variedade e os conteúdos pertinentes e inerentes ao tema que devem ser abordados. É manifestamente uma grande dificuldade porque obriga a omitir alguns desses conteúdos que seria pertinente abordar.

7.5 INVESTIGAÇÕES FUTURAS

Decorrentes da realização deste trabalho, surgiram algumas questões cujo estudo seria deveras pertinente. Desde logo, reflectir sobre **“Até que ponto o nosso estatuto de militar influencia a nossa acção?”**

Por outro lado, sugere-se também **“A Acção da Guarda no 5 de Outubro de 1910”** como um tema a abordar em futuros trabalhos de investigação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

METODOLOGIA CIENTÍFICA

Academia Militar (2008), *Orientações para redacção de trabalhos*. Lisboa : Academia Militar.

CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela M, (1998), *Metodologia da Investigação Guia para Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

FORTIN, M.F. (1999), *O Processo de Investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência.

GHIGLIONE, R.; MATALON, B. (2001), *O Inquérito: Teoria e Prática*, (4ª ed.). Lisboa: Celta.

GUERRA, Isabel C. (2006), *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e formas de uso*. Estoril: Principia Editora.

MAROCO, João; BISPO, Regina (2003), *Estatística Aplicada às Ciências Sociais*. Lisboa: Climepsi Editores.

POLIT, Denise; HUNGLER, Bernardette (1995), *Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem*, (3ª ed.) Porto Alegre: Artes Médicas.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L.V. (2008), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Grávida.

SARMENTO, Manuela (2008), *Guia Prático sobre a Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestrado e Trabalhos de Investigação Aplicada*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.

LIVROS E REVISTAS

ANDRADE, Nuno (2008), *Para Além do Portão – A GNR e o Carmo na Revolução de Abril*. Lisboa: Guerra e Paz.

BERNARDO, Joaquim Manuel Correia (2002.), *Participação da Escola Prática de Cavalaria no 25 de Abril de 1974*. S.l.: Moinho Velho.

CAETANO, Joaquim, et.al. (2006), *Gestão de Crise*. Lisboa: Editorial Presença.

CAETANO, Marcello (s.d.), *O 25 de Abril e o Ultramar*. Lisboa: Verbo.

CARVALHO, Otelo Saraiva de (1998), *Alvorada em Abril*, (4ª ed.). Lisboa: Notícias Editorial.

FERREIRA, José Medeiros (1994), *Portugal em Transe (1974-1985)*. In *História de Portugal*, (Vol. 8), dir. José Mattoso. Lisboa: Editorial Estampa.

GOMES, Adelino (1999, 25 de Abril). Revisitação dos lugares da revolta, *25 de Abril - Os 240 que Prenderam Caetano – A Coluna Militar da EPC*, p. 8. Lisboa: Público.

GUNDEL, Stephan (2005), *Towards a New Typology of Crises*, Journal of Contingencies and Crisis Management, (Vol. 13). Edimburgo: Blackwell Publishing.

LAGADEC, Patrick, (1993), *Preventing Chaos in a Crisis – Strategies for prevention, control and damage limitation*. Berkshire: Mc-Graw Hill.

LOUSADA, Abílio (2007), *O Exército e a Ruptura da Ordem Política em Portugal (1820-1974)*. Lisboa: Prefácio.

Portugal de Abril: Do 25 de Abril aos Nossos Dias (s.d.). In *História Contemporânea de Portugal*, dir. José Medina. S.l.: Multilar.

ROSENTHAL, U.; KOUZMIN, A., (1993), *Globalizing an Agenda for Contingencies and Crisis Management: An Editorial Statement*, Journal of Contingencies and Crisis Management, (Vol. 1). Edimburgo: Blackwell Publishing.

LEGISLAÇÃO

Decreto-Lei n.º 173/2004, de 21 de Julho - Sistema Nacional de Gestão de Crises.

TESES E TRABALHOS

PEREIRA, Carla (2006), *Estudo de Caso: Guarda Nacional Republicana – Marketing Interno como instrumento para a melhoria do atendimento na actividade operacional*, Tese de Mestrado em Ciências da Comunicação. Lisboa: Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa.

DOCUMENTOS

MAIA, Salgueiro (1974), *Relatório da Operação “Fim-Regime”*. Santarém: Escola Prática de Cavalaria.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TIPOS DE CRISE

Crises Convencionais

As Crises convencionais localizam-se no primeiro quadrante. Estas são previsíveis e as suas possibilidades de influência são bem conhecidas. Os desastres de qualquer natureza em sistemas tecnológicos são o grosso deste tipo de Crises, bem como, os riscos associados à pesquisa em engenharia que são facilmente previsíveis e fáceis de lidar (Gundel, 2005).

Para as organizações assoladas por este tipo de Crises, o planeamento não parece acarretar grande dificuldade, uma vez que os desastres mais relevantes são conhecidos e emergem isoladamente, as medidas a adoptar estão provadas e testadas e as intervenções são conduzidas rapidamente (Ibid.).

Crises Inesperadas

De seguida iremos caracterizar as Crises inesperadas. Estas situam-se no segundo quadrante da matriz de Crises. Embora facilmente influenciáveis estas Crises são quase totalmente imprevisíveis e raras quando comparadas com as Crises convencionais (Gundel, 2005). Podemos considerar que estas Crises são muito mais ameaçadoras, pois embora existam grandes possibilidades de influência, a falta de preparação põe em risco qualquer tipo de intervenção.

Este tipo de Crises são normalmente provocadas por sistemas tecnológicos, embora desta vez atributos anómalos tenham um papel fundamental na sua origem.

Todas as Crises inesperadas têm como característica em comum, a baixa previsibilidade, e como tal a prevenção é sempre alvo de acentuadas negligências (Ibid.).

Crises Intratáveis

As Crises intratáveis situam-se no terceiro quadrante, como tal podemos afirmar que estas são relativamente fáceis de prever mas muito difíceis de influenciar. As possibilidades de influência são muito reduzidas ou quase nulas, sobretudo devido aos atributos dos sistemas em causa ou dos conflitos de interesses que os rodeiam (Gundel, 2005).

Além destas características, este tipo de Crises, normalmente acarreta consequências muito mais devastadoras que as Crises anteriores, como tal podemos considerá-las muito mais temíveis.

Podem ser afectados todos os tipos de sistemas, nomeadamente, tecnológicos, naturais e sociais (Ibid.).

Uma das contra medidas para evitar este tipo de Crise é aquilo a que podemos chamar de prevenção geral e abstracta, isto porque não temos uma noção exacta do que estamos a prevenir. Stephen Gundel (2005) aponta como forma de prevenir Crises intratáveis a promoção de uma cultura de segurança. Daqui concluímos que a prevenção tem que ser bastante ampla e geral.

Crises Fundamentais

É chegado então o momento de abordarmos o último tipo de Crise, segundo esta abordagem. As Crises fundamentais situam-se no quarto quadrante e representam o tipo de Crise mais perigoso que alguma sociedade ou organização pode enfrentar (Gundel, 2005).

Este tipo de Crise representa tal ameaça devido ao facto de serem muito difíceis ou mesmo impossíveis de prever e quando ocorrem é quase inexequível qualquer tipo de intervenção (Ibidem).

Enquanto as Crises convencionais ou as inesperadas ocorrem como um acontecimento isolado no tempo e espaço, as Crises fundamentais, normalmente, surgem de uma forma repentina mas prolongam-se por longos períodos de tempo e sofrem algumas mutações durante esse período (Ibidem).

Podemos afirmar que este tipo de Crise depois de conhecido a ocorrer novamente passa a tratar-se de uma Crise intratável e não uma Crise fundamental.

APÊNDICE B – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO



ACADEMIA MILITAR

DIRECÇÃO DE ENSINO

XIV TPO - GNR INFANTARIA

Trabalho de Investigação Aplicada

ENTREVISTA

AUTOR: Aspirante Daniel José Bessa Jorge

ORIENTADOR: Tenente António Joaquim Pinto Cardoso

Queluz, Fevereiro de 2009

ESCOLA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

Queluz, Fevereiro de 2009

Daniel José Bessa Jorge, Aspirante de GNR Infantaria a realizar o Curso de Mestrado Integrado em Ciências Militares, ramo GNR da Academia Militar, vem por este meio solicitar a Vossa Excelência autorização para a realização do seu Trabalho de Investigação Aplicada, subordinado ao tema “A Acção da Guarda nas Grandes Crises Nacionais”, no que respeita ao trabalho de campo que nos propomos realizar. Pretendemos efectuar algumas entrevistas semi-directivas a pessoas criteriosamente seleccionadas em função do seu conhecimento sobre o tema, na medida em que se trata de uma realidade passada e complexa, sobre a qual apenas um núcleo restrito de pessoas sabem responder fundamentadamente.

A entrevista que pretendemos aplicar a V. Ex.^a tem como propósito a recolha de um precioso contributo, já que V. Ex.^a é uma pessoa com conhecimentos e experiência excepcional sobre a temática.

Esta entrevista servirá como ponte entre a pesquisa teórica que efectuámos e todo o trabalho de campo que estamos a desenvolver, com o objectivo de darmos resposta à pergunta de partida da investigação, que é “Qual a Acção da Guarda no 25 de Abril de 1974?”.

Desta forma, venho por este meio solicitar a V. Ex.^a que nos conceda esta entrevista para a valorização do trabalho que estamos a desenvolver.

No caso de conceder esta entrevista, como forma de garantir os interesses de V. Ex.^a e mediante manifesto dessa intenção, serão colocados à sua disposição os dados resultantes da análise e da própria entrevista antes da exposição do trabalho.

Submetemos, em anexo, o guião de Entrevista, a ser respondido por Vossa Excelência.

Grato pela atenção dispendida e pela sua colaboração.

Atenciosamente,

Daniel José Bessa Jorge
Asp. GNR INF

APÊNDICE C - GUIÃO DE ENTREVISTA

Tema: A Acção da Guarda no 25 de Abril de 1974

- 1) Marcello Caetano no 25 de Abril de 1974 refugiou-se no Quartel do Carmo? Porquê?
- 2) A GNR esteve desde os primeiros Movimentos do lado do “Regime”? Porquê?
- 3) Houve oficiais da GNR no planeamento do Movimento dos capitães? Porquê?
- 4) A GNR era temida pelos mentores do Movimento e encontrava-se armada para o contrariar? Porquê?
- 5) Houve ordem para os militares da GNR dentro do Quartel do Carmo dispararem? Quem a deu?
- 6) Os militares da GNR reagiram aos disparos sobre o Quartel do Carmo? Porquê?
- 7) Existiam civis e crianças no interior do Quartel do Carmo? Porquê?
- 8) A GNR teve um papel fundamental na resolução do 25 de Abril de 1974? Porquê?
- 9) A GNR saiu como derrotada do 25 de Abril de 1974? Porquê?
- 10) A GNR soube adaptar-se ao processo que se seguiu ao 25 de Abril de 1974? Porquê?
- 11) Qual a verdadeira razão para a revolta que deu origem ao 25 de Abril de 1974?
- 12) Qual o motivo do fracasso do 16 de Março de 1974? Qual a acção da GNR?

Caracterização da Amostra

Idade: ____ Anos

Sexo: M ☐ F ☐

Posto: _____

Função: _____

No 25 de Abril de 1974

Posto: _____

Função: _____

Contexto da Entrevista

Local: _____

Data: ____ de Fevereiro de 2009

Hora: ____ H ____ M

APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 1

Entrevistado: Tenente-Coronel João José Vieira Andrade e Sousa

1) Marcello Caetano no 25 de Abril de 1974 refugiou-se no Quartel do Carmo? Porquê?

Sim. Evidentemente que não consigo ter uma resposta concreta. Julgo eu que ele se refugiou no Quartel do Carmo, pelo simbolismo que encerrava o Quartel do Carmo na altura, ou seja, era o comando da Guarda Nacional Republicana e sendo a Guarda Nacional Republicana a força que defendia a ferro e fogo o Regime, julgo eu, que o Marcello Caetano achava que lá estava em segurança.

2) A GNR esteve desde os primeiros Movimentos do lado do Regime? Porquê?

Sim. A GNR está sempre na sua história do lado do Regime, porque a Guarda Nacional Republicana, como o próprio nome indica, deve estar sempre do lado do Regime, independentemente das opções partidárias, ou do partido que esteja no poder, portanto faz parte da missão da Guarda Nacional Republicana exactamente proteger e estar do lado do Regime.

3) Houve oficiais da GNR no planeamento do Movimento dos Capitães? Porquê?

Não tenho conhecimento que tenha havido oficiais da GNR no planeamento do Movimento dos Capitães. Relativamente ainda a esta pergunta, oficiais mesmo da GNR julgo que não esteve nenhum, houve oficiais do Exército que estavam ao serviço da GNR, esses sim, julgo que alguns tiveram ligações com o Movimento dos capitães, mas porque eram oficiais do Exército e como o planeamento do Movimento dos Capitães foi feito por oficiais do Exército, é natural que eles apesar de estarem na Guarda se associassem aos seus camaradas.

4) A GNR era temida pelos mentores do Movimento e encontrava-se armada para o contrariar? Porquê?

Sim. Como disse há pouco, a GNR como força do poder evidentemente disciplinada, era sempre uma oposição a quem quisesse tomar ou desequilibrar esse poder. A Guarda Nacional Republicana era temida, exactamente por isso, pelo seu poder, até bélico, o 2º Esquadrão nomeadamente, encontrava-se muito armado, na altura já tinha uma viatura blindada e estava à espera de mais, portanto seria o maior adversário do Movimento das Forças Armadas.

5) Houve ordem para os militares da GNR dentro do Quartel do Carmo dispararem? Quem a deu?

Não sei. Ouvi rumores que o Comandante-Geral chegou a dar ordem de disparo só que não foi obedecida. Também houve ordens para os militares da GNR que estavam fora do Quartel, cercarem as forças do Movimento e fazerem fogo sobre estas para acabar com a revolução.

6) Os militares da GNR reagiram aos disparos sobre o Quartel do Carmo? Porquê?

Não, não reagiram. Julgo que não reagiram porque houve uma percepção da parte dos militares da GNR que não havia volta a dar, ou seja, que não havia solução se não aquela, que era ceder ao Movimento das Forças Armadas, ou seja, ao Movimento da revolução.

7) Existiam civis e crianças no interior do Quartel do Carmo? Porquê?

Existiam civis porque na altura havia muitas moradias de guarnição no interior dos quartéis e o Quartel do Carmo não era excepção, portanto havia lá civis e crianças porque viviam lá.

8) A GNR teve um papel fundamental na resolução do 25 de Abril de 1974? Porquê?

Eu julgo que sim. Teve um papel fundamental não por ter um papel activo, mas por ter exactamente um papel passivo. Há vários exemplos de militares com função de comando que não cumpriram ordens no sentido de eliminar esta vontade do Movimento das Forças Armadas. Portanto foi por inactividade, ou por passividade, uma passividade propositada porque perceberam que era inevitável a revolução.

9) A GNR saiu como derrotada do 25 de Abril de 1974? Porquê?

Não, não saiu derrotada. Muito pelo contrário, a GNR manteve a sua dignidade, porque conseguiu apesar de se manter fiel ao Regime perceber que algo estava mal, e que era importante as coisas mudarem de rumo.

10) A GNR soube adaptar-se ao processo que se seguiu ao 25 de Abril de 1974? Porquê?

A GNR soube adaptar-se, como disse no início, porque a GNR tem como missão a salvaguarda do Regime, a GNR como apartidária que é, consegue não misturar os processos políticos, as tendências políticas, na sua missão que é a salvaguarda do Regime,

a ordem e a tranquilidade pública independentemente do partido ou da facção que estiver no Governo. É essa a forma de estar da Guarda Nacional Republicana, julgo que isso já faz parte da sua cultura organizacional, independentemente da facção partidária que estiver no Governo a Guarda Nacional Republicana protege-a.

11) Qual a verdadeira razão para a revolta que deu origem ao 25 de Abril de 1974?

A verdadeira razão da origem do 25 de Abril foi a saturação da Guerra Colonial aliada a motivos corporativos no início do Movimento.

12) Qual o motivo do fracasso do 16 de Março de 1974? Qual a acção da GNR?

Julgo que o mau planeamento e desorganização, a GNR teve a missão de proteger os membros do Governo em Monsanto, tal como esperar pelas forças revoltosas na rotunda da Encarnação.

Caracterização da Amostra

Idade: 45 Anos

Sexo: M ☒ F ☐

Posto: Tenente-Coronel

Função: Comandante GHE

No 25 de Abril de 1974

Posto: -----

Função: Filho do Comandante 2º Esquadrão

Contexto da Entrevista

Local: USHE

Data: 10 de Fevereiro de 2009

Hora: 16 H 30 M

APÊNDICE E - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 2

Entrevistado: Coronel Vasco Correia Lourenço

1) Marcello Caetano no 25 de Abril de 1974 refugiou-se no Quartel do Carmo? Porquê?

Sim. No 16 de Março de 1974 primeira tentativa para derrubar o Governo e que falhou pois não tinha uma base sustentável a nível de planeamento, foi uma precipitação da unidade das Caldas que estava farta de esperar uma acção por parte do Movimento. O Presidente do Conselho Marcello Caetano e o Presidente da República Américo Tomás nessa altura refugiaram-se em Monsanto na base aérea, logo o Carmo era mais seguro, porque Monsanto seria o primeiro alvo como tinha servido de refúgio anteriormente, além que a posição da Força Aérea era desconhecida e a GNR era uma força segura. Graças a essa opção surpreenderam-nos, pois tudo indicava que se dirigissem para Monsanto e já tinham sido tomado medidas para tal procedimento.

2) A GNR esteve desde os primeiros Movimentos do lado do Regime? Porquê?

Sim. A GNR teve origens como Guarda Pretoriana e que apesar de várias alterações que foi sofrendo manteve sempre como fio condutor a manutenção de ordem pública e defesa do Governo que vigorasse, manteve-se fiel à sua missão.

3) Houve oficiais da GNR no planeamento do Movimento dos Capitães? Porquê?

Não. A GNR era vista com desconfiança por parte do Movimento, o Exército é que ia fazer o golpe não podia arriscar infiltrações que deitassem tudo a perder. Houve oficiais soltos, que pertenciam ao Exército só que estavam lá colocados que forneceram algumas informações.

4) A GNR era temida pelos mentores do Movimento e encontrava-se armada para o contrariar? Porquê?

Não. A GNR preocupava como é óbvio por ser uma força organizada, e conceituada mas não tinha capacidade para se opor ao Exército.

5) Houve ordem para os militares da GNR dentro do Quartel do Carmo dispararem? Quem a deu?

Não sei. Ouvi rumores que o Comandante Geral chegou a dar ordem de disparo só que não foi obedecida.

6) Os militares da GNR reagiram aos disparos sobre o Quartel do Carmo? Porquê?

Não. Os militares tiveram percepção que seria suicídio além que segundo ficamos a saber à posterior encontravam-se familiares dos militares lá dentro.

7) Existiam civis e crianças no interior do Quartel do Carmo? Porquê?

Sim. Militares da GNR moravam em casas dentro do Quartel mais as suas famílias.

8) A GNR teve um papel fundamental na resolução do 25 de Abril de 1974? Porquê?

Não. A GNR não teve um papel fundamental na resolução do 25 de Abril de 1974, mas ajudou para um desenlace mais fácil e proveitoso para todos, caso não o tivesse feito e houvesse um tiroteio de parte a parte tinha existido dezenas de mortos, mas o 25 de Abril de 1974 tinha resultado na mesma daí não se poder considerar que teve um papel fundamental.

9) A GNR saiu como derrotada do 25 de Abril de 1974? Porquê?

Não. No 25 de Abril de 1974 quem saiu derrotado foi o Regime, o poder, se olharmos para a GNR como instrumento e força de repressão do poder foi derrotada, mas se olharmos como força passiva de não envolvimento não saiu derrotada pois contribuiu para que não houvesse sangue a ser derramado.

10) A GNR soube adaptar-se ao processo que se seguiu ao 25 de Abril de 1974? Porquê?

Sim. A GNR soube responder ao que o novo Governo precisava dela para a fase que se segue a uma Crise destas evitando o que seria o 28 de Setembro.

11) Qual a verdadeira razão para a revolta que deu origem ao 25 de Abril de 1974?

O motivo que originou o 25 de Abril de 1974 foi a Guerra Colonial, já durava há treze anos e não se vislumbrava no Governo capacidade de resolver este problema. Começou a haver o espectro que as Forças Armadas servissem de bode expiatório como na Índia em 1961. Sem a Guerra Colonial o 25 de Abril de 1974 não seria possível pois deu capacidade de vermos a situação interna e a experiência na Guerra foi fundamental para se poder planear e executar sem haver sangue tendo sempre a frieza de não carregar no gatilho. O modo de recrutamento de oficiais para poder continuar a Guerra gerou descontentamento tal como os Dec. Lei que o aprovava e uniu ainda mais os oficiais do quadro, dois meses depois os Dec. Lei foram anulados.

12) Qual o motivo do fracasso do 16 de Março de 1974? Qual a acção da GNR?

O motivo do fracasso do 16 de Março foi uma precipitação da unidade das Caldas que estava farta de esperar uma acção por parte do Movimento para mais dias antes tinha havido reunião do Movimento e onde se acordou que não estávamos preparados para agir naquele momento.

Segundo se constou uma possível informação vinda de Lamego que iam avançar foi o suficiente para que Caldas que já tinha demonstrado sinais de impaciência e vontade de avançar saiu à rua avançado para Lisboa. Quando foi tomado conhecimento deste deslocamento ainda tentaram accionar unidades como a Escola Prática de cavalaria, a escola Prática de Infantaria, os Pára-quedistas, entre outras para a rua mas foi impossível pois nenhuma estava preparada pois dias antes tinha-se acordado que era cedo para avançar.

Esta operação estava condenada ao fracasso pois não havia planeamento, serviu para vermos reacções das forças fiéis ao Regime.

Como não estava cá não acompanhei todos esses acontecimentos pessoalmente mas pelo que me iam comunicado pois fui transferido para o QG da ZMA em Ponta Delgada, transferência essa motivada pelo profundo envolvimento na conspiração que o Movimento dos Capitães desenvolvia e que se consubstanciaria no 25 de Abril de 1974, onde era responsável pela ligação interna e pela área operacional sendo substituído por Otelio Saraiva de Carvalho.

Caracterização da Amostra

Idade: 66 Anos

Sexo: M ☒ F ☐

Posto: Coronel

Função: Reforma

No 25 de Abril de 1974

Posto: Capitão

Função: QG da ZMA em Ponta Delgada

Contexto da Entrevista

Local: Associação 25 de Abril

Data: 11 de Fevereiro de 2009

Hora: 11 H 00 M

APENDICE F - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 3

Entrevistado: Coronel Carlos Alberto Évora Maia de Loureiro

1) Marcello Caetano no 25 de Abril de 1974 refugiou-se no Quartel do Carmo? Porquê?

Tanto quanto eu posso saber o Carmo tinha uma força que era considerada uma força de segurança de total confiança do Governo, também já tinha sido o Carmo onde historicamente e principalmente nos anos 20, a seguir à 1ª Guerra, onde se refugiavam aqueles membros do Governo quando havia uma revolta ou um pronunciamento. Aí também se põe a questão porquê o Carmo? O Carmo como sabe não tem hipótese nenhuma de defesa, já anteriormente, quando foi o 16 de Março, o Presidente do Conselho, Marcello Caetano, não se refugiou no Carmo, foi para Monsanto, aí sim, aí tinha condições para se refugiar e resistir a qualquer coisa. O Carmo, ele foi levado para lá, julgo que por vontade dele, mas também julgo que a EX-PIDE o aconselhou que era o melhor local onde ele estaria protegido e poderia continuar a governar, enfim, a minha opinião é que foi um erro tático. Também poderia ser, por não se saber a posição da Força Aérea. A coisa principal foi que a Guarda Nacional Republicana era aquela força de total confiança do Governo.

2) A GNR esteve desde os primeiros Movimentos do lado do Regime? Porquê?

Aquilo que efectivamente eu como oficial do Exército na altura sei, é que efectivamente a GNR estava do lado do Governo, isso não há a menor dúvida. A minha opinião é que efectivamente os oficiais, e não só, da Guarda tinham a sua missão de ordem pública, de polícia, mas também pretorianos, uma guarda pretoriana do Governo. Aquela ideia de quem estava fora da Guarda, era que efectivamente que a guarda pretoriana do Governo era a GNR, mais que qualquer unidade do Exército.

3) Houve oficiais da GNR no planeamento do Movimento dos Capitães? Porquê?

Não. Os oficiais da GNR pelo menos a partir da patente de capitão eram todos do Exército. A própria posição da Guarda, levava a que não existissem oficiais envolvidos, mas os oficiais do Exército que estavam na Guarda, isso agora é uma opinião muito pessoal, e como se viu depois no próprio dia, poderiam não estar dentro do Movimento, mas também não tinham intenção de o travar ou de atacar seus camaradas do Exército. Julgo que não estavam dentro do planeamento, poderiam ter conhecimento como o Major Bélico Velasco, e outros. Também poderia haver na Guarda indivíduos e logicamente oficiais, que estavam ideologicamente ao lado do Governo.

4) A GNR era temida pelos mentores do Movimento e encontrava-se armada para o contrariar? Porquê?

Sim, temida a nível de pessoal, mas não tinha armamento para nos contrariar. Tinha uma ideia da realidade da Guarda, efectivamente houve uma altura que até tinha Infantaria

e Artilharia, mas que na altura do 25 de Abril tinha mausers, que era a arma típica, tinha pistolas-metralhadoras, metralhadoras pesadas que tinham tripé, também tinham ou iam receber, depois não sabia se já tinha, recebido ou não, umas viaturas blindadas *Shorland*, mas julgo que na altura ainda não tinham recebido, portanto a ideia que tinha é que efectivamente, apesar de por exemplo as nossas viaturas EBR só terem três granadas, mas de qualquer maneira bastavam, mais todos os militares armados por exemplo de G3, não tínhamos nenhum receio nesse aspecto, do confronto de armamento entre o Exército e a Guarda.

No aspecto do armamento não era temida, agora no aspecto dos militares da Guarda efectivamente se eles recebessem ordem para resistir ou para nos atacar, isso estava convencido que eles obedeciam.

5) Houve ordem para os militares da GNR dentro do Quartel do Carmo dispararem? Quem a deu?

Como não estava lá dentro não sei, mas julgo que o Comandante-Geral teria dado ordens, que não foram cumpridas.

6) Os militares da GNR reagiram aos disparos sobre o Quartel do Carmo? Porquê?

Não. Eu julgo que depois nessa altura não foi o Comandante-Geral, mas sim as patentes intermédias, portanto os Capitães e Tenentes, quem estava directamente a comandar que deram ordens para não dispararem.

7) Existiam civis e crianças no interior do Quartel do Carmo? Porquê?

Sim, vim a saber isso depois. Aliás depois quando o Capitão Salgueiro Maia entrou é que ficou a saber que lá estavam. Era normal nos quartéis da Guarda, não só do Carmo, ter residências para os militares que prestavam lá serviço, desde oficiais, sargentos e praças.

8) A GNR teve um papel fundamental na resolução do 25 de Abril de 1974? Porquê?

Fundamental no sentido de não ter resistido, não se ter oposto de uma maneira activa ao Exército, às Forças Armadas.

9) A GNR saiu como derrotada do 25 de Abril de 1974? Porquê?

Eu não considero que a GNR saiu derrotada, podemos dizer que no aspecto militar sim, mas olhando ao contexto e à sua postura não foi derrotada. Foi uma força que efectivamente estava do lado do Regime mas também devido a tudo aquilo que deu origem ao 25 de Abril, tiveram a percepção que já não valia a pena estar a sustentar um Regime que estava completamente impopular. Havia o problema da Guerra do Ultramar que efectivamente, era esse o principal motivo da revolução e que efectivamente tinha de ser resolvido, já se via que esse problema não era resolvido politicamente, tinha de ser resolvido

militarmente pois não havia vontade do Governo e do Presidente da República, na altura Américo Tomás, e de quem o rodeava, o núcleo duro, de resolver esse problema e para não haver uma segunda Índia, tinha de se mudar o Regime.

**10) A GNR soube adaptar-se ao processo que se seguiu ao 25 de Abril de 1974?
Porquê?**

Consegui. Houve mudanças dentro da própria Guarda, por aquilo que me apercebi teve a capacidade de se adaptar. Claro que, como em todo lado havia, até como alguns que se foram embora da Guarda, que já tinham aquela mentalidade, aquele doutrinamento, não aceitavam qualquer tipo de mudança, muito menos esta mudança radical que houve. Mas no geral com certeza que a Guarda se adaptou, devido aos oficiais, sargentos que lá estavam, mas também aos comandantes gerais que estiveram a seguir.

11) Qual a verdadeira razão para a revolta que deu origem ao 25 de Abril de 1974?

Principalmente seria o problema de Portugal nessa altura, que era a Guerra do Ultramar, claro que depois, aquilo que começou a unir os oficiais, foram os aspectos corporativos e também o pouco reconhecimento que as Forças Armadas estavam a ter do poder político. Estou-me a lembrar de um caso em Janeiro de 74, entre outros, que se passou na cidade da Beira em Moçambique em que a população branca atacou à pedrada a messe de oficiais da Beira, portanto dizendo que os oficiais que lá estavam a cumprir as suas missões, não estavam a cumprir como deve ser, porque o terrorismo estava-se a alastrar e portanto por culpa dos oficiais que lá estavam, quando isso não era verdade, eu estive em Moçambique, e isso não era verdade, mas isso devia-se até a alguma falta de armamento que nós tínhamos comparando com eles. Tirando a Guiné, que as coisas estavam piores, Angola e em Moçambique a Guerra não estava perdida, apesar do Norte ter muitos problemas.

12) Qual o motivo do fracasso do 16 de Março de 1974? Qual a acção da GNR?

O 16 de Março não teve um planeamento prévio, logo nasce de uma precipitação e é logo condenado ao fracasso à nascença. A GNR no 16 de Março quanto sei teve a função de garantir a segurança em Monsanto aos membros do Governo.

Caracterização da Amostra	Contexto da Entrevista
Idade: <u>61</u> Anos	Local: <u>Academia Militar</u>
Sexo: M <input checked="" type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/>	Data: <u>11</u> de Fevereiro de 2009
Posto: <u>Coronel</u>	Hora: <u>14</u> H <u>30</u> M
Função: <u>Oficial de Ligação AM</u>	
No 25 de Abril de 1974	
Posto: <u>Alferes</u>	
Função: <u>Adjunto Esquadrão Reconhecimento</u>	

APÊNDICE G - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 4

Entrevistado: Coronel Fernando Hugo Franco Bélico de Velasco

1) Marcello Caetano no 25 de Abril de 1974 refugiou-se no Quartel do Carmo? Porquê?

Havia um plano que eu conhecia, no que antigamente se chamava de 3ª repartição de operações. O Governo no caso de grandes Crises seria evacuado pela própria Guarda, ou para Monsanto ou para o Carmo. Assim em traços gerais, julgo que até a Guarda ia buscar os membros do Governo. Antes do 25 de Abril deu-se uma tentativa de golpe nas caldas, foi no dia 16 de Março, nessa altura o Governo foi para Monsanto, no dia 25 de Abril até por se desconhecer qual era o papel da Força Aérea, o local mais seguro era o Quartel do Carmo, onde estava o Comando da Guarda que era uma força fiel ao Governo e julgo que foi por essa razão, primeiro porque Monsanto já tinha sido utilizado um mês e meio antes e a alternativa a Monsanto era o Quartel do Carmo.

2) A GNR esteve desde os primeiros Movimentos do lado do Regime? Porquê?

Sim. Porque realmente era uma força fiel ao Regime, sempre foi. Não oferecia dúvidas, na altura que a Guarda Republicana era absolutamente leal e estava do lado do Regime, porque não estava ligada ao Movimento não conheci ninguém da Guarda ligado ao Movimento das Forças Armadas, mesmo eu que tinha uns contactos era tudo muito clandestino e julgo que no Comando Geral até era única pessoa que tive contactos. Tive contactos porque o Otelo Saraiva de Carvalho era meu primo e encontrei-o em casa de uma tia minha que era avó dele mas nunca fui a qualquer reunião, nem sabia quando ia ser desencadeada a operação.

3) Houve oficiais da GNR no planeamento do Movimento dos Capitães? Porquê?

Não, não houve oficiais da Guarda no planeamento do Movimento dos capitães. A única pessoa, como digo que teve ligação, já bastante tarde até, fui eu, foi depois do 16 de Março com o Movimento dos Capitães, e só através do meu primo. Porque depois de 16 de Março eu fiquei um bocado revoltado e magoado com a atitude da Guarda em relação ao Exército, sobretudo em relação à Academia Militar, que foi cercada. E então um dia encontrei-me, em casa de uma tia minha e avó do Otelo, encontrei-me com ele por acaso, era uma festa qualquer de aniversário e já se tinha dado o 16 de Março e perguntei-lhe então e agora? Agora vou continuar sozinho, diz-me ele, mas precisava da tua ajuda. Da minha ajuda? Ajuda em que termo? Agora continuo a trabalhar, os outros foram presos, outros foram transferidos para os Açores, portanto eu fiquei aqui e vou andar com isto para a frente, e estou a fazer os meus estudos e precisava da tua ajuda, porque precisava de saber o que é que a Guarda é, e o que possui, enfim determinados elementos sobre a Guarda, para fazer

o plano de operações. Estás disposto a ajudar-me? Disse, estou sim senhor, as informações que precisares, se souber, dou-tas, e dei. Mas agora que fique claro, eu não quero saber quando é que se vai dar a acção e tu também não me dizes, precisamente para evitar que se abortasse qualquer acção que foi uma denúncia da minha parte. Portanto liguei-me ao Movimento e depois pedi ao Otelu por amor de deus, isto fica só entre nós, porque se na Guarda sonha que eu estava ligado, era esmagado completamente, caíam-me todos em cima, a EX-PIDE, a Guarda, não havia hipótese nenhuma, porque eu era Major, era oficial do quadro permanente. No Comando Geral aquilo estava cheio de oficiais da reserva, Coronéis e um General, o general parece que estava no activo, era o segundo comandante geral, os coronéis, todos na reserva, eu era Major, era adjunto de uma repartição no activo. Havia um outro da administração militar, mas o resto era tudo do quadro permanente na reserva e oficiais milicianos.

Os mentores do Movimento não tinham confiança na Guarda, pois esta esteve sempre do lado do Regime. Eu nunca fui a nenhuma reunião nem era aceite, porque também não confiavam em mim, nem queriam contacto comigo, eu só estive em contacto com Otelu e casualmente, não sei se ele mais tarde me iria contactar porque ele precisava para fazer o plano de operações de saber o que é que tinha do outro lado, e então tinha uma ligação muito estreita com ele éramos familiares.

4) A GNR era temida pelos mentores do Movimento e encontrava-se armada para o contrariar? Porquê?

Não era temida porque, aliás eu também dei a indicação. Não se sabia muito bem o que era a Guarda não sabiam muito bem o que é que a Guarda possuía, era uma preocupação. Mas depois de eu ter explicado ao Otelu o que era a Guarda, porque a Guarda era uma organização obsoleta, era uma organização que não tinha capacidade nenhuma para enfrentar o Exército. A Guarda estava vocacionada para a ordem pública, não estava equipada, não tinha armamento, não estava preparada para enfrentar o Exército, por muito mal que este estivesse. Havia uma certa preocupação realmente porque na Guarda eram profissionais e cumpriam as ordens, aquilo era impecável, cumpriam as ordens superiores, eram profissionais, mas não tinha capacidade nenhuma para enfrentar o Exército. A Guarda era obsoleta, não tinha transmissões, a única coisa boa era que a Guarda tinha eram as transmissões da Brigada de Trânsito, isso é que cobria o país e essa rede é que o Otelu queria saber qual era, que eu também não sabia, agora o resto era tudo por telefone. E muito conservadora, muito tradicional, não se podia alterar nada, aquilo para alterar qualquer procedimento era um caso sério, tinham de se fazer estudos e da maneira que o Exército estava mais ágil com a Guerra do Ultramar, e eu já tinha comandado duas Companhias no Ultramar de maneira que quando cheguei à Guarda estranhei aquela mentalidade toda. Na Guarda os oficiais, eram milicianos, poucos do quadro, só os comandantes.

Os oficiais da Guarda estavam numa situação terrível porque não pertenciam ao quadro, era por contrato e a qualquer momento podiam ser postos na rua, porque não renovavam contrato ou então se cometessem alguma falta, processo disciplinar, etc., eram mandados para a rua. Quer dizer era uma instabilidade muito grande, quer dizer que não tinham futuro nenhum, não tinham vida, é por isso que eles cumpriam aquilo à risca e tinham muito medo das responsabilidades e muito menos ligar-se ao Movimento, isso era o fim da vida deles. Portanto eles eram contratados, não pertenciam ao quadro da Guarda, não havia quadro, falava-se que ia ser criado, estavam completamente amarrados e tinham muito medo de tomar iniciativas, e das responsabilidades, estavam sempre à espera que viesse uma ordem de cima para ficarem cobertos, depois a responsabilidade era do superior, aí eles cumpriam exemplarmente, nesse aspecto eram profissionais e conheciam as leis, mas sempre colocando-se numa posição de defesa, era uma situação terrível, por isso ligarem-se ao Movimento, nem pensar nisso.

5) Houve ordem para os militares da GNR dentro do Quartel do Carmo dispararem? Quem a deu?

Bem, eu vou-lhe dizer que não ouvi ninguém dar ordem para a Guarda disparar. Mas já li. Porque eu depois saí por minha iniciativa, fui falar com o Salgueiro Maia, antes de ele abrir fogo. Saí porque pronto ninguém fazia nada ali dentro, ele fazia avisos que também não se ouviam e depois o pessoal que estava na defesa do Quartel, um Capitão e mais uns tenentes vieram ter comigo. Oh meu Major, isto é uma coisa incrível, então estão todos a almoçar na Messe, o Presidente do Conselho, o General, e ali fora estamos cercados e o comandante da força a fazer avisos, a dizer que vai abrir fogo e não há resposta nenhuma, ele está à espera de uma resposta, fez um ultimato, deu-nos 10 minutos e ninguém responde, nem diz nada e estão a almoçar. Da maneira que isto está vai ser um desastre aqui dentro. Ali viviam famílias, até a família do Comandante Geral, famílias de oficiais, sargentos e praças, estavam portanto senhoras e crianças. Eu nessa altura disse, bem é altura de eu sair porque também não me estava a agradar aquela situação e saí por minha iniciativa, porque os portões estavam fechados por acaso vi as chaves penduradas numa porta (ao lado daquele portão, há um portão que vai dar a um pátio) e saí, fui falar com o comandante da força. Portanto não ouvi ninguém a dar ordens para disparar mas já li que o Comandante Geral, li num dos artigos publicados, salvo erro por o Major Andrade, que o comandante geral teria dado ordem para responder ao fogo, mas que essas ordens não teriam sido cumpridas. Eu confesso que não sei se é verdade ou não, mas eu não ouvi. Mas se deu, ninguém cumpriu, quando fizeram as primeiras rajadas, eu estava lá fora. Eu saí, o Capitão Maia, estava um bocado nervoso, tenso, então a Guarda não diz nada meu Major. E eu disse calma. A Guarda ainda não disse nada, a Guarda que venha cá para fora e que se renda. Eu disse: oh capitão (nem sabia o nome dele) vamos lá ver uma coisa, eu não sou emissário da Guarda, eu não estou cá fora para negociar nada, saí por minha iniciativa, para o ajudar a resolver a situação porque eu estou um bocado ligado ao Movimento, você não

me conhece, mas estou um bocado ligado ao Movimento através de uma só pessoa que é o Otelio Saraiva de Carvalho, aí ele ficou um bocado... – ah sim?! Sim eu venho ajudá-lo a resolver a situação e venho dizer que está lá muita gente, estão lá muitas senhoras, muitas crianças, vivem ali famílias, ele não sabia. - Há lá famílias? Mas eu estou farto de fazer avisos. Então quem é que lá está? Está lá o Presidente do Conselho. Então e o Presidente da República? O Presidente da República não está. Quem lá está é o presidente do conselho, dois ministros e o Almirante Tenreiro. Então como é que se faz, como é que se resolve isso? Estivemos ali naquela conversa. Eu disse que também não sabia como é que se resolve isso. Mas agora também lhe vou dizer uma coisa os seus avisos, esses avisos todos que fez com esse megafone pequenino não se ouve, porque aquilo tem uma profundidade muito grande e com tudo fechado, não se ouve nada. A conversa demorou um certo tempo com um certo impasse. Eu lá fora a falar com ele a ser insultado pela população, aquilo estava cheio de gente, chamaram-me tudo. Então disse ele eu vou tentar entrar, vou rebentar com este portão. Disse-lhe eu: não faça isso e ele disse que só ia forçar um pouco, não entre, entrar por ali nunca, quer dizer você entra por ali e já não sai, porque a segurança está montada lá dentro. Estava o pessoal armado com granadas, espingardas mausers e metralhadoras, aquilo é uma rampa cai ali num buraco e além disso pode haver uma reacção. E pergunta ele como é que fazia? Só se o meu major for lá pessoalmente dizer que eu dou 10 minutos para a Guarda tomar uma posição. Disse bem eu posso tentar, agora não garanto é que consiga sair outra vez, porque eu estou aqui ilegalmente, quer dizer ninguém me mandou, mas vou tentar. Eu entrei, e quando entrei e vi aquela gente toda, a preocupação era que aquilo se resolvesse, passava por aqueles cabos antigos com metralhadoras – oh meu major veja lá se resolve isso. E eu lá cheguei junto do Comandante Geral que a primeira coisa que me disse foi – Quem o autorizou a sair? E eu disse ninguém meu General, mas isso agora não interessa neste momento, estava ao lado do ministro do interior. Olhe eu estive a falar com o comandante da força, é um capitão, ele está farto de fazer avisos cá para dentro para a Guarda se render mas não se ouve realmente e agora venho pessoalmente transmitir um recado dele, quer dizer ele dá 10 minutos para a Guarda ou para o Governo se render e se no fim desses 10 minutos não obtiver resposta vai abrir fogo e destrói o Quartel se for preciso, é esse recado que venho trazer. O ministro disse-me ele que espere mais um bocado, eu disse Sr.^a ministro eles estão fartos de esperar, ele disse é que agora entrou o Feytor Pinto com mais um outro e que vão falar com o Presidente do Conselho. O Feytor Pinto era um secretário de estado de informação e turismo. Eu disse: entrou quando? Entrou agora mesmo por isso eles que aguardem mais um bocado. E eu disse-lhes, está bem, então vou sair. Então saia, disse-me o ministro. E então eu saí outra vez e fui ter com o Salgueiro Maia. Feytor Pinto propôs-se ir falar com o Presidente do Conselho para o poder ser entregue, enfim a alguém, talvez ao General Spínola.

Salgueiro Maia autorizou a entrada deles, já depois de eu ter entrado, eles andaram ali um bocado perdidos mas lá conseguiram chegar acima através de umas escadas que há

em caracol. Quer dizer isso foi depois de eu ter entrado. Então esses dois entraram, estiveram a falar com o Presidente do Conselho, eu já estava cá fora, outra vez. Mas entretanto já tinham havido as rajadas, eu antes de entrar a 2ª vez já tinha havido as rajadas. E depois eles saíram e pediram um jipe ao salgueiro Maia para virem falar com o General Spínola. Então vou fazer umas rajadas de intimidação, vi quando fez fogo, mas aquilo foi um fogo que a certa altura estava descontrolado porque, quer dizer, também os soldados eram inexperientes, aquilo quando um começa a fazer fogo fazem todos e depois para parar o fogo é uma chatice. De maneira que fizeram ali umas rajadas e lá dentro eu não sei o que é que se passou, sei que entraram em pânico, sobretudo os familiares e que nessa altura o General teria dado ordem de responder ao fogo, mas que ninguém respondeu, eu estava cá fora e não houve fogo nenhum de lá de dentro, felizmente. Mas também não sei se é verdade que o General deu ordem mas já li isso portanto isso é um assunto que eu também não consegui esclarecer. Mas que alguém teria ouvido o general, eu não me parece porque a residência dele, onde vivia com a família, dava logo para o Carmo. Mas portanto essa parte de abrir fogo não lhe posso dizer nada, eu não ouvi.

6) Os militares da GNR reagiram aos disparos sobre o Quartel do Carmo? Porquê?

Não. Os militares da GNR não reagiram aos disparos sobre o Quartel. Precisamente porque estou convencido ninguém deu ordens para isso, e felizmente. Eu tenho impressão que eles só iriam reagir se houvesse um ataque ao Quartel, ou seja, uma invasão ao Quartel. Eu não ouvi ninguém dar ordens para abrir fogo, mas como digo eu também passei grande parte do tempo fora. Aquele comando não funcionava, não havia uma sala de operações, não havia nada, aquilo era o Chefe do Estado Maior que telefonava e mandava avançar, passava por cima dos comandantes. Então ao 2º Esquadrão que era o que tinha mais força, o Chefe de Estado Maior dava ordens directamente ao Andrade e Sousa.

7) Existiam civis e crianças no interior do Quartel do Carmo? Porquê?

Sim. Porque existiam residências, viviam lá alguns oficiais, sargentos e praças.

8) A GNR teve um papel fundamental na resolução do 25 de Abril de 1974? Porquê?

Bem, que teve um papel fundamental, eu não diria que teve um papel fundamental. Porque para mim no fundo a Guarda teve um papel passivo não teve um papel activo nem nada. Viveu assim na expectativa, porque tinha a noção da sua incapacidade e da sua situação de inferioridade em relação ao Exército. A situação não se resumia ao Largo do Carmo, era o país todo, porque o Quartel-General do Porto já tinha sido ocupado, quer dizer que havia unidades que estavam com o Movimento no país inteiro, não era só o Quartel do Carmo. Não teve um papel fundamental, não teve papel nenhum, foi simplesmente uma

postura passiva, à espera que se resolvesse. Mesmo aquelas forças que saíram, a certa altura o Salgueiro Maia pediu para ir falar com elas, é por isso que eu tive cá fora muito tempo, porque fui falar com o comandante da Companhia que estava junto do Largo da Liberdade, estava ali uma Companhia, tudo ao monte com espingarda, não sabiam bem o que é que iam fazer. Estava no Rossio, que era do capitão Andrade, também estava ali a aguardar ordens, também fui lá. Estavam um bocado desorganizados, dá-me a impressão que não tinham missão concreta, dá-me impressão que queriam fazer um certo envolvimento mas depois as Companhias ficavam à espera de ordens, os oficiais não tomavam iniciativa. E além disso, uma pessoa quando tem diante de si uma força mais poderosa, fica numa situação de fraqueza, numa atitude passiva.

Agora a Guarda teve um papel de sensatez, de uma sensatez resultante da sua incapacidade de fazer qualquer coisa, porque não reagiu pelo fogo. Não digo que tenha havido colaboração, sim uma colaboração imposta.

9) A GNR saiu como derrotada do 25 de Abril de 1974?Porquê?

Não diria que tivesse saído derrotada. Para mim quem saiu pior foi a Polícia que ficou reduzida a zero, porque a Guarda depois com a substituição das principais chefias, recuperou rapidamente.

10) A GNR soube adaptar-se ao processo que se seguiu ao 25 de Abril de 1974? Porquê?

A partir da substituição das principais chefias, a Guarda recuperou e integrou-se logo no novo conceito.

Foram substituídas as pessoas, a Guarda recebeu novo armamento, recebeu armas automáticas já estava a receber a seguir ao 16 de Março, começou a receber porque viram a sua inferioridade e limitações, pois só tinha mausers que era a espingarda indicada para o ordem pública, para a coronhada. Mas depois começou a ser mais bem apetrechada, a receber meios de transmissões e recuperou bem colaborando bastante com o novo poder.

11) Qual a verdadeira razão para a revolta que deu origem ao 25 de Abril de 1974?

A razão é cansaço da Guerra porque os oficiais do quadro permanente estavam. Nós estivemos 13 anos em Guerra à espera de uma solução política que o Governo não dava. Entretanto deu-se a queda da Índia, atiraram as responsabilidades para os militares. Na Índia os militares serviram como bode expiatório. A situação na Guiné, eu não estive na Guiné, mas estava bastante má e já se estava a imaginar uma situação idêntica da Índia fazendo do Exército o bode expiatório.

Houve o pretexto foi o problema das antiguidades dos oficiais milicianos por causa dos Decretos-lei que saíram, que esses oficiais iam dois meses à Academia e passavam-nos à

frente. Depois não tínhamos confiança nas chefias militares porque as chefias militares eram muito submissas ao poder político (chamou-se Movimentos dos Capitães porque normalmente oficiais superiores, ou seja, já os comandantes punham-se do lado dos governantes). A escolha das chefias militares era uma escolha política, logo estavam muito ligadas ao poder político, portanto já não havia confiança, relativamente aos chefes militares. Só havia dois que tinham um certo prestígio de quem nós gostávamos que era o General Spínola e o General Costa Gomes.

12) Qual o motivo do fracasso do 16 de Março de 1974? Qual a acção da GNR?

A Guarda fez uma coisa engraçada, mandou uma Companhia ao encontro da coluna que vinha das Caldas, mas as duas colunas cruzaram-se mas não fizeram nada uma à outra. Mas o que é que a Guarda ia fazer? Não ia impedir coluna que vinha das Caldas, não ia impedir aquela progressão, até porque não tinha meios para o fazer.

A revolta das caldas também abortou, não foi a Guarda que impediu, abortou por falta de adesão de outras unidades incluindo a Escola Prática de Cavalaria, porque não estava bem preparada, houve ali uma precipitação, um mau planeamento. A única unidade que veio foi a unidade das Caldas tendo depois a coluna voltado para trás quando viu que não tinha mobilizado mais nenhuma unidade do Exército, a coluna saiu e regressou às Caldas e aí foi cercada por outras forças do Exército, e foi o próprio Exército que resolveu a situação.

Nesse dia a GNR foi solicitada a deslocar-se à Academia Militar na Gomes Freire, já que o Regimento de Cavalaria que era ali em Santa Barbara, onde estava o Batalhão Nº 1 e o Regimento de Cavalaria. As forças do Regimento de Cavalaria cercaram a Academia a pedido do comandante da Academia. Havia lá uma certa agitação entre os oficiais segundo o mesmo, mas o certo é que a Guarda ficou eufórica, o Comando Geral, com esses dois acontecimentos viviam ali num euforismo, como se a Guarda tivesse resolvido todos aqueles problemas. Estavam eufóricos os que foram à Academia. Foi um cerco que realmente feriu o orgulho de muitas pessoas, e a mim também me chocou, porque é que tinha de ser a Guarda a ir cercar a Academia, havia outras forças, mesmo aqui em Lisboa ainda leais ao Governo. Vamos lá ver não era só da Guarda que era leal ao Governo, havia forças do Exército que se mantiveram leais ao Governo, como o Regimento de Cavalaria 7, embora para o fim o Regime tivesse mais confiança na Guarda.

Caracterização da Amostra

Idade: 76 Anos

Sexo: M ☒ F ☐

Posto: Coronel

Função: Reforma

No 25 de Abril de 1974

Posto: Major

Função: Adjunto 3ª Repartição

Contexto da Entrevista

Local: Residência Alfragide

Data: 11 de Fevereiro de 2009

Hora: 18 H 00 M

APÊNDICE H - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 5

Entrevistado: General Alfredo Correia de Mansilha Assunção

1) Marcello Caetano no 25 de Abril de 1974 refugiou-se no Quartel do Carmo? Porquê?

Sim. Na minha opinião pessoal é de que sabendo que o Exército, Marinha e Força Aérea estavam de uma maneira geral no Movimento ele julgou que o Carmo seria o mais seguro, que a GNR era uma força militar que lhe daria alguma segurança. Inicialmente alguns ministros estavam no Terreiro do Paço junto de Cavalaria 7 julgando que esta resolveria problema, mas o primeiro Pelotão que chega de Cavalaria 7 nem se apercebeu que estava dentro do nosso dispositivo e quando prendemos o Alferes, ele olha para nós e pergunta: “o que é que vocês estão aqui a fazer?”, mandaram-me tomar conta disto, nós dissemos: “tu vais é passar-te para o nosso lado”, e ele perguntou: “mas o que é que se passa?”, nós explicamos e ele disse: “então eu passo-me para o vosso lado”, mas dada a rendição desta, melhor a passagem da mesma para o Movimento, pois “Cavalaria não vai contra Cavalaria”, ele julgou que seria na GNR que estaria seguro e também o aconselharam a isso.

Realmente assim surpreendeu-nos e a nossa preocupação era só saber onde ele estava, logo não conseguimos antecipar a sua ida e evitar que lá se refugiasse.

2) A GNR esteve desde os primeiros Movimentos do lado do Regime? Porquê?

Sim. A GNR era uma Força do Regime tal como o Exército era, só que a GNR sendo uma força policial militar obedecia a ordens do Governo, ou seja, digamos que era uma questão de cumprimento de ordens, a GNR limitava-se a cumprir ordens do Comandante Geral que recebia ordens do Governo, porque de resto era do Regime como era o Exército, a Marinha e a Força Aérea.

3) Houve oficiais da GNR no planeamento do Movimento dos Capitães? Porquê?

Não. Era provável que houvesse algumas ligações entre oficiais do Exército e da GNR, pois havia muitos oficiais do Exército que estavam lá em comissão de serviço, porque a GNR teve sempre uma ligação muito estreita com o Exército. É provável que houvesse oficiais envolvidos, tal sei do Major Bélico Velasco primo de Otelo Saraiva de Carvalho, que forneceu algumas informações, simplesmente a Guarda tinha outro tipo de oficiais que eram milicianos.

Nós no terreiro do Paço o pessoal de cavalaria quando viu que era a Escola Prática de Cavalaria que estava no Terreiro do Paço imediatamente recolheu ao Quartel, portanto a GNR que nos ia atacar o dispositivo pela retaguarda já não o fez e recolheram aos quartéis, não nos colocaram problemas em relação à sua retirada da zona, porque os oficiais

milicianos que lá estavam tinham sido instruendos do Salgueiro Maia e meus, eram pessoas nossas conhecidas e amigas, como tal colaboraram logo com o Movimento.

4) A GNR era temida pelos mentores do Movimento e encontrava-se armada para o contrariar? Porquê?

Não. A GNR não era temida porque fundamentalmente nós queríamos evitar um banho de sangue, morte de portugueses contra portugueses, nós sabíamos que eles eram militares como nós e a maior parte deles eram pessoas do povo soldados, agora havia alguns oficiais ligados ao Regime por razões várias, alguns destes oficiais milicianos mas eu considero que era uma minoria, penso que havia algumas ligações com o Regime por razões pessoais, mas o nosso temor não era a GNR em si, tal como a Legião Portuguesa que sabíamos que era uma força fantoche, a preocupação era evitar um mar de sangue, portugueses matar portugueses.

A GNR não estava equipada para contrariar o Movimento seria uma questão de tempo até ser liquidada e muitos mortos, a GNR nunca constituiu uma força que nós sentíssemos que tivessem vontade de combater tinham uma atitude passiva, tipo resolvam lá isso que queremos é ir para casa. Eles também não estavam satisfeitos com a vida que tinham a própria vida da Guarda não era fácil, os oficiais milicianos estavam a contrato, de três em três anos tinham de renovar contrato, como os jovens nos dias de hoje estavam em situação de emprego precário.

5) Houve ordem para os militares da GNR dentro do Quartel do Carmo dispararem? Quem a deu?

Julgo que não. Se houve não foi obedecida, eu estive lá e não vi nenhuma reacção por parte da GNR.

6) Os militares da GNR reagiram aos disparos sobre o Quartel do Carmo? Porquê?

Não. Eu estive lá e não vi nenhuma reacção por parte da GNR, a única força que vi e estava preparada para fazer tiro de morteiro era uma força de Infantaria junto à estação do Rossio que eu pessoalmente vi o morteiro montado, havia uma certa discordância entre o Comandante e a força, e depois acho que foi o Major Velasco que foi lá e disse ao capitão estar quieto.

Mesmo a rajada dada do nosso lado sobre o Carmo que até livros da biblioteca furou foi uma descoordenação, houve mais disparos que os pretendidos, a intenção era ser uma rajada intimidatória para acelerar a rendição. Uma grande preocupação existente eram os civis, pois não se queria que a justiça caísse nas mãos dos civis, aí acabava o respeito existente entre militares e passava a ser uma Guerra suja.

7) Existiam civis e crianças no interior do Quartel do Carmo? Porquê?

Sim. Eu entrei lá dentro com Salgueiro Maia não entrei no gabinete, mas entrei à varanda onde estava o ministro dos negócios estrangeiros o Rui Patrício, estava ali também a aguardar e realmente constatamos que estavam lá alguns civis. Depois o Salgueiro Maia foi falar com o Professor Marcello Caetano e foi quando se acordou que não entregava o poder a um Capitão tinha de ser a um General e aí se entrou em contacto com o posto de comando e mandaram avançar o General Spínola.

8) A GNR teve um papel fundamental na resolução do 25 de Abril de 1974? Porquê?

Sim. A GNR teve um papel fundamental no aspecto de entender que não ia resolver nenhum assunto e tendo uma atitude passiva, porque provavelmente existiria muito sangue e mortos se há uma reacção e era isso que pretendíamos evitar.

9) A GNR saiu como derrotada do 25 de Abril de 1974? Porquê?

Não. No 25 de Abril de 1974 ninguém saiu derrotado, quem saiu derrotado foi o Regime, imaginemos se o Marcello Caetano fosse para o Quartel-general da Região Militar de Lisboa, o Governo militar de Lisboa saía derrotado? Não, a GNR fez o que tinha a fazer já que ele foi para lá, proteger, fazer a protecção do senhor e evitar que fosse linchado, apanhado e assim ele saiu dali com alguma dignidade.

10) A GNR soube adaptar-se ao processo que se seguiu ao 25 de Abril de 1974? Porquê?

Sim. A GNR é uma força de polícia militar que soube adaptar-se ao que precisavam dela até para manter a ordem nos tempos que se seguiram, tem continuado a ter essa capacidade, tem prestigiado o país ao longo destes anos todos, com missões no estrangeiro com pessoal que nestes anos evoluiu de uma maneira impressionante.

O soldado da GNR não tem nada a ver com o soldado antes do 25 de Abril são pessoas evoluídas, eu pessoalmente trabalhei com eles em Timor durante um ano têm prestígio e estão ao serviço da democracia, ninguém duvide.

11) Qual a verdadeira razão para a revolta que deu origem ao 25 de Abril de 1974?

O pretexto digamos que foi o motivo corporativo, era o facto que os oficiais dos Quadros Permanentes estavam a fazer comissões sobre comissões, era de um desgaste tremendo, um oficial americano ia lá meio ano e nunca mais lá voltava e os oficiais portugueses iam dois anos, vinham seis meses cá, dois anos, seis meses cá e as pessoas pensavam estamos há treze anos em Guerra porque não surge a resolução política? Porquê?

Depois houve uma tentativa do Regime de dar aos oficiais milicianos a hipótese de passar ao quadro em seis meses de Academia e passar na carreira os oficiais da Academia, pensávamos estudamos tantos anos para quê? Logo isto foi o pretexto para uma coisa muito mais profunda, é que nós com a Guerra fomos abrindo os olhos, nós tínhamos contacto com as universidades, nós próprios estávamos cá na universidade e sabíamos o que se passava no país tínhamos contacto com outras pessoas que estavam no estrangeiro e nós fundamentalmente sentíamos que este Regime não nos dava liberdade, não havia possibilidade de votar no partido A ou B, o General Humberto Delgado já tinha dado o primeiro sinal com as eleições com Américo Tomás que tinham sido falseadas.

Houve o problema da Índia em 1961 em que Salazar mandou os militares morrer que nem armamento lhes deu, em vez de cartuchos mandou-lhes chouriços e o modo como foram tratados os oficiais, nós estávamos a assistir que no Ultramar se podia suceder o mesmo principalmente na Guiné. Depois da saída do General Spínola poderia-se suceder o mesmo que na Índia, lutem morram pela pátria, quando demos treze anos ao Regime para a resolução política e depois ainda servir de bote expiatório. A Guiné contribuiu muito para a revolta pois chegou a um ponto que aquilo estava perdido era uma questão de tempo a única solução era deixar aquilo e ir para onde realmente valia a pena caso de Angola, nós chegamos a um ponto de não ter armas, as nossas armas estavam gastas, as armas que capturávamos já não entregávamos ficávamos com elas para combater, estávamos a ver uma segunda Índia. Eu que estava numa Unidade Especial Blindada assisti a uma coisa inacreditável, o caso concreto de Salgueiro Maia que estava comigo na Guiné vir pedir-me armas emprestadas porque ia para as operações e não tinha armas, havia uma ideia de defender a ilha de Bissau e o resto que se desenrascasse essa situação toda ligada à situação da Índia à falta de liberdade começou a ser insuportável.

Eu nunca mais me esqueço que estávamos quatro Cadetes a conversar e a polícia mandou-nos dispersar, uma falta de respeito total, não podem estar juntos mais de dois disseram eles. Eu nunca mais me esqueço que íamos fardados no passeio em Lisboa tinha havido uma manifestação e um de nós levou uma pancada e nós dissemos para connosco, o que é isso? Em que país é que vivemos? Nem a farda de Cadete era respeitada, porque realmente havia aquela coisa de que estão quatro juntos, é aquela coisa de estar em casa no Natal e o meu avô dizer: “não se fala aqui disso porque as paredes têm ouvidos”. Depois íamos para a universidade e falávamos abertamente dessas coisas, outra coisa que temos de ver é a origem da maior parte dos oficiais do 25 de Abril não pertenciam às elites, porque as elites deixaram de dar filhos para militares porque havia Guerra, a Guerra teve esta vantagem a Academia Militar abriu-se para o filho do povo, até aí era uma instituição elitista. Muitos de nós foi para a Academia procurar melhorar a nossa vida, costume dizer que devo tudo às Forças Armadas, porque é que me educaram e me deram tudo na vida e como eu os outros.

Mesmo nos jogos de futebol que fazíamos em Lisboa pela Academia eles diziam que nós é que estávamos a aguentar o Regime e vimos que realmente era verdade.

12) Qual o motivo do fracasso do 16 de Março de 1974? Qual a acção da GNR?

Eu acho que não falhou nada, há várias versões sobre isso, há quem diga que foi uma espécie de teste à reacção, ou então uma armadilha para ver quem saía, ainda há outra de que provavelmente alguém quis fazer o teste sabendo que existia a conspiração, vamos apanhar esta malta toda e vamos fazer nós o golpe, concretamente por trás desta estaria o General Kaúlza de Arriaga. Não sei explicar o que foi mas os camaradas das Caldas da Rainha foram apanhados numa armadilha, nas Caldas havia alguém que estava com interesses, nós estamos convencidos que foram enganados, até porque no 25 de Abril houveram duas senhas, houve distribuição da Ordem de Operações, tudo foi feito com uma sequência normal, foram as reuniões, no dia tal houve um telefonema “olha vai ao restaurante de Almeirim ou manda-me um oficial ao restaurante de Almeirim”, trouxe-se um plano de operações com as senhas, às onze horas Depois do Adeus, à hora de sairmos à uma hora o Grande Vila Morena e ficamos todos a ouvir rádio e mesmo antes de sairmos nós tínhamos as nossas próprias forças de exploração que disseram: “já saiu aqui, já saiu ali” não cometemos erros que o 16 de Março nos trouxe muitos ensinamentos.

A GNR não teve um papel activo no deslocamento segundo sei simplesmente se posicionaram à espera deles em Lisboa, quando se aperceberam que estavam sozinhos na rua voltaram para trás e quem tratou do assunto foi a Escola Prática de Cavalaria que assim ganhou de novo a confiança por parte do Regime.

Caracterização da Amostra

Idade: 63 Anos

Sexo: M ☒ F ☐

Posto: General

Função: Reserva

No 25 de Abril de 1974

Posto: Tenente

Função: Adjunto de Salgueiro Maia

Contexto da Entrevista

Local: Norte Shopping

Data: 14 de Fevereiro de 2009

Hora: 10 H 30 M

APÊNDICE I - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 6

Entrevistado: Coronel Rui Borges Santos Silva

1) Marcello Caetano no 25 de Abril de 1974 refugiou-se no Quartel do Carmo? Porquê?

Sim. O motivo da ida do senhor Primeiro-Ministro para lá é uma incógnita, porque nessa altura as forças que estavam no Terreiro do Paço foram informadas e com algum espanto que o objectivo mudava, mudava para o Quartel do Carmo. Eu próprio, já no Quartel do Carmo, fui interpelado por um jornalista, o Adelino Gomes, em que perguntou quem estava lá dentro, eu respondi, não sei nem me interessa, sei que lá dentro estão indivíduos que não sabemos quem são mas que recebemos uma ordem para vir cercar o Quartel do Carmo. Era habitual, e tal como aconteceu em 16 de Março, que o refugio do Primeiro-Ministro se desse em Monsanto. No entanto a história diz-nos que em Crises políticas, de outro género, não do género do 25 de Abril, o refugio tradicional, dos membros do Governo, do Primeiro-Ministro, nessa altura, Presidente do Conselho de Ministros, era normalmente o Quartel do Carmo, daí a nossa surpresa quando o Governo não foi para Monsanto, nem sequer era considerado como objectivo hipotético o Carmo, eu falo na parte da Cavalaria, que efectivamente nunca nos passou pela cabeça que o Quartel do Carmo fosse o local de refugio, tanto que os planos que nós efectuamos foram sempre referentes ao Terreiro Do Paço, o posicionamento de viaturas, posicionamento de pessoal, tínhamos de proteger portanto todos aqueles edifícios que havia ali de grande valor, como o Banco de Portugal, a Marconi, o nosso objectivo incidia única e exclusivamente sobre isto.

2) A GNR esteve desde os primeiros Movimentos do lado do Regime? Porquê?

Vamos lá ver a Guarda Nacional Republicana estava espalhada a nível nacional, daquilo que me foi dado ver e até porque havia um grande relacionamento entre a Escola Prática de Cavalaria, e repito estou a falar na qualidade de oficial de Cavalaria, havia um grande relacionamento entre a Guarda Nacional Republicana em Santarém, inclusivamente o seu comandante na altura ia almoçar à Escola, ia tomar o café connosco à Escola, com certa frequência, mesmo neste período já conturbado. Ora bem, não estou a ver que houve aqui o comandante, Coronel Laia e com o qual nos dávamos relativamente bem, na altura Capitão, eu não acredito que ele não tivesse uma vaga ideia acerca disto, não acredito quer dizer a nossa convivência era tão grande que efectivamente tinham com certeza suspeitas e informações, uns zuns zuns, aquilo que nos chamamos as conversas de caserna haveria com certeza também na GNR, como havia dentro dos quartéis.

Portanto o senhor pergunta se a GNR estava com o Regime isso não há dúvidas até porque era a sua missão, mas também não estava contra nós de certeza, como não esteve, e agora deixe-me lhe adiantar, no próprio 25 de Abril, não esteve contra nós, a GNR acabou por cumprir uma missão que lhe foi atribuída, ora bem, e se consultar até algumas coisas

escritas sobre este assunto, e testemunhos de oficiais da GNR que estiveram presentes, verifica que a GNR, alguns dizem que foi de propósito, outros dizem que não foi, mas seja como for, a GNR nunca chegou, ou melhor nunca quis chegar, a determinados locais primeiro do que forças do Exército e sabe que efectivamente havia amizades grandes entre oficiais que estavam no Exército e oficiais que constituíam as forças da Guarda Nacional Republicana.

Portanto a minha resposta para esta pergunta é peremptória, a Guarda Nacional Republicana nunca foi considerada por nós como inimigo, nem ela considerou as forças que efectuaram o 25 de Abril como inimigos, bem antes pelo contrário, havia grande amizade individual entre determinadas pessoas conhecidas há anos, e se a GNR quisesse fazer alguma coisa, também tinha feito, agora as consequências disso já é futurologia e não vale a pena adiantar mais isso.

3) Houve oficiais da GNR no planeamento do Movimento dos Capitães? Porquê?

Que eu tenha conhecimento não. O que tenho conhecimento é que havia oficiais, e nomeadamente no Carmo e estou-me a lembrar dum, que estaria a par da situação que foi um Major do Comando Geral, teve uma atitude muitíssimo relevante aquando do cerco ao Carmo, porque teve a coragem de vir cá fora conversar com o Salgueiro Maia, comigo, estava presente, o nosso Major voltou a entrar dentro do Quartel depois de conversações tidas com Salgueiro Maia, o nosso Major que nos diz peremptoriamente que a GNR não vai abrir a porta, que não se vai render e regressa novamente ao Quartel. A partir daí instalou-se a confusão, depois os objectivos foram outros, como é evidente. Nunca mais o vi, nunca mais tive oportunidade de falar com ele, a não ser naquela altura em que ouvimos a conversa e dissemos o que tínhamos a dizer também, havia duas partes “em conflito” que era ou abrir a porta e render-se outra forçar a entrada, mas mais do que isto não. Se efectivamente havia oficiais da GNR no planeamento, eu desconheço que haja, eu admito que, efectivamente, haja um ou outro, até porque havia oficiais no Exército na GNR que tivesse contacto com certos elementos o Movimento.

Toda a movimentação que deu origem ao 25 de Abril não foi descoberta nem deixou um rabo de fora, não houve rabo de fora que fosse o motivo para abortar a revolução. Vamos lá ver a Guarda Nacional Republicana teve o azar, e eu chamo-lhe isto “o azar” do Presidente do Conselho de Ministros ir para o Carmo, porque se isso não acontecesse, é natural que a GNR obedecesse a outras missões que não envolveram no Carmo através de variadíssimas ruas que ali existem, mas, talvez recebesse outras, sei lá, talvez se o Presidente do Conselho de Ministros fosse para Monsanto as coisas seriam com certeza diferentes, talvez a GNR recebesse missões para ir. Por exemplo a GNR recebeu uma missão, foi com umas viaturas blindadas que tinham chegado à relativamente pouco tempo, jipes, que foram à Praça da Figueira, comandadas por um Capitão e um Tenente que tinha sido Aspirante comigo na Escola Prática de Cavalaria, quando eles nos abordam e dizem ao que vêm, eu e agora fui chamar o falecido Camarada Salgueiro Maia dá-se um cumprimento entre ele e o

tal que foi meu Aspirante, há uma conversa, pá tens potencial para nós, esta foi a pergunta, e foi-se embora o Capitão mais o Tenente Guiomar e pronto acabou aí qualquer tentativa, facto é que não houve qualquer tipo de acção.

4) A GNR era temida pelos mentores do Movimento e encontrava-se armada para o contrariar? Porquê?

Acção principal por força do potencial de combate, da blindagem, estava entregue à Cavalaria que portanto ocupou o Terreiro do Paço. A Guarda Nacional Republicana só vem a ter intervenção quando nós já estávamos posicionados no Largo do Carmo. Tanto quanto sei do armamento que a GNR, que veio para a rua, portanto as Companhias que vieram e respectivos pelotões e que de alguma maneira que tomaram posições nas imediações do Quartel do Carmo, eu estou-me a referir concretamente a uma que esteve no Rossio, junto à estação, e então outras que ficaram na zona do Camões, acima da Rua da Misericórdia, Teatro da Trindade também, eu não vejo, afirmo com todo o á vontade que perante as forças que nós tínhamos do material que nós tínhamos, mais do material do que outra coisa, não havia possibilidades, não havia possibilidades nenhuma de a GNR poder efectivar qualquer acção que nos impedisse. Nessas coisas há sempre uma coisa que temos de ter em atenção e temos que pôr sempre à frente da situação é que um simples morteiro, portanto estou-me a referir à Companhia dos Lóios que esteve então cá em baixo, um morteiro 60 que fosse disparado lá para cima para o Carmo é evidente que criava instabilidade criava com certeza alguma reacção e já agora por falar em reacções houve muita sorte em não haver nada em relação às forças que sitiavam o Quartel do Carmo e as forças da GNR que estavam nos arredores.

Comigo concretamente passasse uma situação em que elementos da GNR, da Companhia dos Lóios sobem a ladeira cá acima em direcção ao Carmo e há um ou outro elemento da GNR que faz fogo sobre uma AML. Ora bem AML tinha um oficial do Quadro Permanente como chefe de viatura, Tenente, tentou ripostar, felizmente e eu continuo a dizer felizmente, a arma encravou. Nós preparamos todo o material em Santarém, sem menosprezo pelos outros, com certeza fizeram exactamente o mesmo que nós, simplesmente nós saímos para Lisboa das nossas unidades no dia 24 para 25 de Abril como eles saíram também, mas depois andamos ali uma porção de tempo com o pó e até fomos apelidados de os homens sem sono, porque salvo aquele gajo que encosta a cabeça porque está cansado, está cheio de sono, nós tivemos duas noites em Lisboa sem pregar olho, sem parar, portanto esse cansaço poderia levar a situações de menos raciocínio de menos clarividência que se podia traduzir numa reacção mais tempestiva em relação a coisas que no fundo não teriam importância, é o caso concreto que lhe contei, a arma não disparou porque este tempo todo, o mexer na arma, era uma Browning 7.62 que na altura e equipava as AML, porque o equipamento original, refiro-me aquele com o qual tive instrução e aquele que fiz a comissão da Guiné, da AML eram duas Marxets 7.62. É evidente que nós quando saíamos e quando regressávamos de qualquer missão embora em sítios com pó, ou em

sítios com estrada alcatroada, a nossa primeira preocupação, antes de almoçar era limpar o armamento todo para que ele funcionasse nas alturas devidas. Ora nessa altura no 25 de Abril não houve tempo, não havia tempo, quer dizer as eram de tal ordem que não havia tempo.

5) Houve ordem para os militares da GNR dentro do Quartel do Carmo dispararem? Quem a deu?

Olhe, eu não estive dentro do Quartel do Carmo, excepção feita quando o falecido General Spínola chegou ao Carmo, portanto desconheço. Foi a única vez que lá entrei, no dia 25, como é evidente, porque entrei e imediatamente a seguir ao anúncio, não chamo de rendição porque ali não houve rendições, que o General Spínola entrou e falou com o Presidente do Conselho Marcelo Caetano e entenderam-se, depois perguntou-me qual era a viatura que devia ser escolhida para levar o senhor Presidente do Conselho e os respectivos ministros que ali estavam, eu dei-lhe duas opções ou uma ETT de transporte de pessoal ou uma Chaimite, acabou por ser a Chaimite e nessa altura desci e não senti, portanto que houvesse uma rendição, não senti outra coisa que também é importante, não senti qualquer agressividade, qualquer olhar de ódio ou de coisa parecida pelos elementos por quem passei, senti uma situação de alívio e essa prende-se com outra coisa importante é que da força sitiante, neste caso a força de Santarém, a dois esquadrões comandada pelo Salgueiro Maia, tendo aberto fogo sobre o Quartel o que aconteceu por duas vezes, senti uma situação de alívio que depois mais tarde vim a saber que estavam lá famílias, porque nós cá fora via-se a fachada do Quartel e nada mais.

6) Os militares da GNR reagiram aos disparos sobre o Quartel do Carmo? Porquê?

Não, não houve qualquer reacção. O Quartel do Carmo tinha um comandante, que quanto a mim e segundo relatos que ouvi depois e em conversas que tive posteriormente, tive oportunidade de saber que o senhor General Adriano Augusto Pinto foi uma “força” de contenção no geral dentro do próprio Carmo. Portanto ele tendo sentido o peso da responsabilidade que, isto cuidado estou a falar daquilo que li e do que oficiais da GNR mais tarde me confirmaram e que eu desconhecia em absoluto. Eu não sabia, como nenhum de nós que estava cá fora sabia, porque era inconsciência da nossa parte e repito isto era inconsciente da nossa parte se alguém soubesse que dentro do Quartel estavam famílias inteiras de oficiais, sargentos, até a família do próprio General. Ora bem, quando nós, e o primeiro a fazer tiro sobre o Carmo, fui eu, o falecido Salgueiro Maia diz-me a certa e determinada altura disse temos que abrir fogo, eu disse-lhe eh pá calma aí, vamos lá ver se a gente consegue fazer isto sem estragos só para assustar e ver se da parte interior se convencem que estamos aqui mesmo a sério, que não estamos aqui a brincar. Portanto se concordares eu faço o fogo e então tomei a seguinte decisão, ele concordou como é evidente, e eu vou para dentro de uma Chaimite, e de uma Chaimite cuja uma arma fixa,

apontei, ou melhor mandei apontar o apontador da viatura, não substitui o apontador, cada um tem a sua missão, e disse vais fazer fogo para entre as janelas superiores e o telhado, só para aí, mais nada, fazes os possíveis para não acertar na janela, fazes os possíveis para que o fogo vá bater entre a janela, que se não me falha a memória, têm uma moldura em pedra, e a parte de cima do telhado. O fogo foi feito, uma ou duas rajadas, não foi mais do que isso e, de lá de dentro não veio a mínima resposta, absolutamente nenhuma.

7) Existiam civis e crianças no interior do Quartel do Carmo? Porquê?

Sim. Mas só soube disto depois. Eram familiares dos militares. Na altura ninguém sabia, não íamos para ali fazer sangue de forma nenhuma nunca foi essa a nossa intenção. A nossa intenção era que o Quartel do Carmo abrisse as portas e deixasse resolver o problema naturalmente.

8) A GNR teve um papel fundamental na resolução do 25 de Abril de 1974? Porquê?

Teve. Quanto mais não seja por não responder ao fogo, embora sem menosprezar os outros que a GNR pode ter tido, mas esta foi a decisão mais relevante que a GNR tomou, uma primeira que já lhe descrevi e uma outra que aparece mais tarde indiscriminadamente para a fachada do Quartel do Carmo e a GNR nem deu sinal, não houve a mínima coisa porque se houvesse, tenho a impressão, embora mais tarde tivesse vindo a saber que havia granadas junto às janelas para lançar cá para baixo, que havia algumas armas posicionadas, eu ainda hoje tenho para mim, e mediante as forças que tínhamos posicionado no Carmo, não havia hipótese.

9) A GNR saiu como derrotada do 25 de Abril de 1974? Porquê?

Não, de maneira nenhuma. A GNR nunca foi considerada como inimigo, a GNR foi no fundo apanhada numa situação, de que o senhor Presidente resolveu ir lá para dentro, ora bem perante isto, eu não sei se uma unidade do Exército não tomaria a mesma posição, estou-me a lembrar de uma unidade que não aderiu ao Movimento, suponhamos que ele ia para a unidade de Cavalaria 7, a unidade de Cavalaria 7 tomaria a exactamente mesma posição que a GNR. Não passa pela cabeça a ninguém com certeza que o nosso General chegasse lá e dissesse oh pá não és uma pessoa bem-vinda aqui dentro, vai para a rua e trata da tua vida. Se fosse para uma unidade de Cavalaria, de Lanceiros 2 ou a Cavalaria 7 iam ter a mesma postura, porque como sabe Cavalaria 7 foi umas das forças leais ao Governo que veio e antes ainda do Carmo e muito antes veio-nos fazer frente, vieram como uma força primeiro de reconhecimento iguais às que nós tínhamos, comandadas por um Alferes David e Silva com viaturas iguais às nossas AML, que nós deixamos entrar dentro do dispositivo e fizemos passarem-se para o nosso lado.

Considero uma opção sensata, conseguida não sei se pelo General Spínola ou em conjunto com o Marcelo Caetano, portanto alguma coisa se passou para que a rendição se

fizesse. Que tem um papel importante o Dr. Feytor Pinto e o Dr. Távora, que entraram, no Quartel, antes do General Spínola e daquilo que teria sido dito entre eles e o Presidente do Conselho, na qual este terá manifestado o desejo de alguém viesse receber o poder, pois o grande receio do professor Marcelo Caetano, era que o poder não caísse na rua.

**10) A GNR soube adaptar-se ao processo que se seguiu ao 25 de Abril de 1974?
Porquê?**

Completamente. A GNR teve até um papel fundamental no pós 25 de Abril, houve ali um espaço de tempo em que a GNR foi vista, como foi sempre, desde os tempos que ainda não era Guarda Nacional Republicana, como força do Regime, como força repressora. A GNR teve muito trabalho a seguir ao 25 de Abril e vejam-se as manifestações que se seguiram, logo no dia 1 de Maio, seis dias depois, se não me falha a memória, nem sequer intervalo teve e outras missões que posteriormente e até mais tarde reporto-me a cerca de um ano, talvez nem isso, acabou por ter noutras circunstâncias em que foi tentado levar o país para o Comunismo e digo isso com toda a convicção, por actos que eu vivi, por actos que conheço por situações de caris político que aconteceram, a GNR teve que intervir em situações altamente melindrosas e proteger pontos vitais do país.

11) Qual a verdadeira razão para a revolta que deu origem ao 25 de Abril de 1974?

Bem vamos lá ver, Portugal desde 1961 até 1974, enfrentava ou quis enfrentar uma Guerra de partidos, não chamava municipalistas, mas que tinham como objectivo eu nem sei se era a independência, mas pelo menos a autonomia daquilo que se chamava as províncias ultramarinas. O esforço militar de um país tão pequeno como Portugal foi enorme, muita gente de outros países, se admira como é que nós conseguimos, uma país tão pequeno estar com três frentes de combate Guiné, Angola e Moçambique. Nos 13 anos de Guerra a saturação dos próprios militares o enquadramento de alguns oficiais e Sargentos milicianos vindos do meio universitário, eu próprio estudei em Coimbra até 1964, cheguei a ser caloiro na faculdade em 1964, conhecia bem o pensamento do pessoal que frequentava, quer os liceus quer as faculdades. Os de medicina tinham uma coisa garantida, é que efectivamente iam ser médicos numa das frentes de combate ou em São Tomé, ou em Cabo Verde. Nós ainda cadetes fomos tendo a noção das reacções de alguns camaradas nossos que regressavam de comissões do Ultramar, repare eu entrei na Academia Militar em 1965 e comecei a ver passados uns tempos, pessoal a regressar e quando em 69 terminei esses indivíduos que tinham regressado, já tinham partido para outra comissão. Evidentemente com isto que acabo de dizer, é o cansaço físico, o cansaço psicológico e muito boa gente neste país ainda se convence que os militares ganhavam bem no Ultramar, eu pergunto se alguém queria ir para o Ultramar receber oito contos por mês e ter a vida em risco a toda a hora.

Entretanto eu tive na Guiné, era relativamente pequena, é uma coisa ínfima comparada com Angola ou com Moçambique o que complica as coisas, complica de maneira que a

quadricula é mais fácil de fazer, portanto está mais próxima uns dos outros, não havia grandes necessidades de passarmos dias e dias, como acontecia em Angola e Moçambique, numa operação, mas acontecia uma coisa, nós dada as distâncias que para nós eram curtas, para o “inimigo”, para as forças que queriam a independência ou a auto-determinação, o espaço também era curto, se uma Companhia de atiradores apeada chegava em 2 horas a determinado sitio, eles também chegavam em 2 horas ou até em menos porque conheciam melhor o terreno que as nossas forças. Ora bem, acresce a isto ainda que o material militar começa a ter desgaste, nos tempos que estive no esquadrão, tive só 19 meses, a comissão foi de 26 nós chegávamos a ter 2 viaturas a andar e todas as outras avariadas, chegamos a fazer operações com AML rebocadas, potencial de fogo existia, as metralhadoras trabalhavam, os morteiros trabalhavam, o motor da viatura é que não trabalhava.

Eu tenho uma frase de um coronel que vive em Aveiro que numa determinada operação que estávamos a fazer de protecção na abertura de uma protecção separada ele bem dizia ao seu pessoal, eh pá andem lá, a segurança próxima mais afastada foi feita pela Companhia dele, e ele um dia vira-se para mim estava com o Pelotão da AML junto a ele, e diz-me ele assim oh santos silva eh pá isso se não fossem os mortos e os ferido era uma autêntica Guerra de Solnado, está frase é me dita por um coronel, e realmente comecei a pensar, realmente isto parece porque ele dizia, andem lá mais um passinho, por isso baseou-se nisso, isto é um aparte como é evidente só caricatura às vezes determinadas situações que se passaram e que muita gente desconhece. A par disto como lhe disse o material começa a ter o seu desgaste, as G3 fizeram milhares de tiro, passavam de unidade para unidade e não eram substituídas, os batalhões passavam o seu material ao batalhão que lhes vinha render e havendo uma sobreposição de dois batalhões na mesma altura, quem diz dois batalhões, diz duas Companhias a passarem o material, tenho conhecimento também que no próprio Comando Geral na Guiné tinha o armamento em estado lamentável. Ora bem, quando se aponta para um determinado sitio e se acertam 20 metros ao lado, é um bocado complicado, isto é um motivo de insatisfação enorme, conjugado com outra coisa que também, nós começamos a ser homenzinhos, começamos a ver a vida com olhos de ver, começamos a ter em atenção os alertas todos vindos de vários sítios e começamos a abrir um bocado os olhos, onde é que isso nos leva, foi dito à bocadinha e em conversa, de que a Guerra na Guiné estava perdida para o fim situação que já não presenciei.

Isto é uma situação, acresce outra situação, o celebre decreto-lei que vem cá para fora e irrita os oficiais do Exército, do quadro permanente, quando é efectivamente definida a carreira dos oficiais milicianos com o Curso da Academia Militar, ora bem, não sei se tem conhecimento, mas a grande maioria dos oficiais portugueses, oficiais do quadro permanente, assinaram um papel em branco em que pediam a demissão do Exército português, esses papeis ainda hoje existem, são factos históricos como é evidente, estão devidamente arrumados e com determinadas pessoas de inteira confiança isso deu um abanão. Um dia um oficial que eu me dava bem virou-se para mim e disse eh pá, eu vou-te

ouvir nos termos do artigo 130, mas o que é que eu fiz, eh pá então tu não assinaste um papel, então meu Brigadeiro vai-se meter numa alhada é que não é só o Santos Silva que tem que ouvir, o senhor tem que ouvir centenas de oficiais, ora bem, comesse efectivamente a pensar numa solução que já não passava bem por a anulação deste documento e camaradas nossos mais fogosos, talvez mais cansados começaram a apontar para outras soluções, nomeadamente a solução militar, uma vez que a solução política não atava nem desatava.

O Movimento teve a sua maior força, a maior força no início, na Guiné eu lembro-me de uma reunião em casa do comandante militar que era um Brigadeiro na altura, hoje major general, em que nos convidava a irmos almoçar a casa dele, com o intuito de parar efectivamente uma contestação, embora ele estivesse na Guiné connosco, da mesma maneira, não digo as mesmas dificuldades, mas sentia pelo menos as dificuldades porque eu conhece-o desde meu comandante da Academia Militar. As reuniões que de um momento para outro se criavam e há oficiais que efectivamente começam a empurrar isto só militarmente é que lá vai ou melhor, isto só à porrada é que lá vai, e assim foi e começou efectivamente a movimentação militar, que não política é justo reconhecê-lo que sempre houve oficiais do quadro permanente que tiveram ideias contrárias ao Regime, estou-me a referir concretamente, e sem menosprezo pelos outros, ao nosso Tenente-Coronel Barra Antunes, outros houve que serviram o Regime enquanto ele lhes serviu e depois apanharam o comboio e tornaram-se nos maiores revolucionários que a nossa praça teve.

12) Qual o motivo do fracasso do 16 de Março de 1974? Qual a acção da GNR?

Houve ali uma situação que eu próprio desconheço, não sei porque é que nas Caldas saíram quando na véspera nós dissemos que só temos duas viaturas blindadas para sair, as forças das Caldas saíram, não percebo, é capaz de haver gente que sabe, mas que é facto é que eles saíram, houve recuo e a prisão dos oficiais que ficaram onde mais tarde viria a ser os RALIS e pelos quais nós passamos na noite de 25 de Abril que eu próprio quando regresssei trouxe alguns para Santarém estou-me a lembrar do Capitão Faria.

No 16 de Março não estava tudo pronto, foi uma iniciativa precipitada daquela unidade, logo condenada ao fracasso pois estavam sózinhos.

A GNR limitou-se a ir para Monsanto fazer a segurança dos membros do Governo que eu tenha conhecimento. Há quem fale num telefonema vindo de Lamego, há quem fale numas notícias vindas do Norte que estava tudo pronto para avançar, mas ouça isso não conta, não tinha consistência, certo é que ficaram sozinhos ao contrário de dia 25 de Abril que todas as unidades compareceram em Lisboa.

No dia 25 em Lisboa a Escola Prática de Infantaria ocupou o aeroporto, o BC5 ocupou o Quartel-general, a Escola Prática de Cavalaria teve a sua saída normal, a única coisa que não estávamos a contar e essa não foi daquelas que não devia ter saído, não estávamos a contar com a fragata no Terreiro do Paço, a fragata foi ordem dada pelo Governo, recebeu ordem inclusivamente de efectuar fogo sobre as forças que estavam no Terreiro do Paço

tendo sido impedida ou pelo menos tendo essa ordem sido boicotada pelo Imediato da fragata. Curioso também e daqui tirem-se as ilações que quiserem é que nesse dia 25 estava sediada em Lisboa uma força da NATO que mal se apercebeu de que alguma coisa de anormal se estava a passar, levantou as suas âncoras e foi-se embora. Toda a gente sabe, ninguém ignora isso, não éramos apoiados por ninguém, nem pela ONU, nem por os estados, estou-me a reportar ao Governo na altura, daí a força da NATO ter saído e não ter interferido.

Os Comandos da Amadora recebeu uma missão na pessoa do seu Coronel Jaime Neves e conjuntamente com alguns oficiais, receberam a missão de à civil neutralizar a acção de determinadas entidades, que não aderiram à revolução. Ora bem, e quando dizem que o Regimento de Comandos não saiu não é verdade, o Regimento de Comandos não teve missão nenhuma que eu me recorde, a única missão foi neutralizar determinadas entidades, tanto que eles vieram ter connosco finda aquela missão que eles não conseguiram finalizar.

Nós entramos em Lisboa e as cancelas da auto-estrada, quando viram uma coluna aproximar-se por ali abaixo, fecharam imediatamente, passaram a luzes vermelhas, quando viram que a gente não parava passaram a verde e abriram as cancelas a partir daí o segredo quebrou-se. Éramos para entrar a Lisboa a força completa lado a lado, quando chegamos à zona do Campo Grande a coluna parou, porque havia dois elementos que iam à frente da coluna, militares mas vestidos à civil e que nos ia indicando via rádio o que é que se estava a passar, quando descemos do Saldanha para o Marquês tínhamos à nossa frente uma força da PSP com escudos, nem sequer afrouxamos e os homens afastaram-se de para um lado e para o outro como é evidente, portanto a partir daí o segredo desaparece. Presumo eu que não é por falta de capacidade do Coronel Jaime Neves nem dos seus colaboradores que não se efectua a neutralização dessas entidades que tinham de efectuar, mas sim porque esses elementos já sabiam p que se estava a passar e quando eles chegaram já não estavam onde se previa.

Caracterização da Amostra

Idade: 63 Anos

Sexo: M ☒ F ☐

Posto: Coronel

Função: Reforma

No 25 de Abril de 1974

Posto: Tenente

Função: Cmdt. Esquadrão de

Reconhecimento

Contexto da Entrevista

Local: Clube de Oficiais de Coimbra

Data: 16 de Fevereiro de 2009

Hora: 14 H 30 M

APÊNDICE J - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 7

Entrevistado: Coronel Herculano José Loureiro Pinto

1) Marcello Caetano no 25 de Abril de 1974 refugiou-se no Quartel do Carmo? Porquê?

Sim. Embora desconheça deve ter sido por saber que era uma força em quem podia confiar e talvez por no 16 de Março se ter refugiado em Monsanto.

2) A GNR esteve desde os primeiros Movimentos do lado do Regime? Porquê?

Sim. Porque era uma força que tinha como missão defender o Governo vigente e garantir a ordem pública.

3) Houve oficiais da GNR no planeamento do Movimento dos Capitães? Porquê?

Não, pelo menos que tenha conhecimento. Provavelmente por a GNR ser vista como uma força pró Regime, ou seja, uma força opositora.

4) A GNR era temida pelos mentores do Movimento e encontrava-se armada para o contrariar? Porquê?

Desconheço se era temida. Havia da parte das forças da GNR o armamento e equipamento orgânico para uma situação de Crise, provavelmente não chegaria para levar de vencida o Movimento.

A Guarda não tinha armas pesadas, que eu me lembre a única coisa que a Guarda teria e eu fiz esse teste quando entrei para a Guarda, quando prestei provas, encontrei lá, quando me disseram para dar uma aula prática sobre o morteiro. Ora bem eu primeiro era um oficial de Artilharia de base, depois fui instrutor de armamento e tiro na Escola Prática, aquilo para mim era canja, como saiu o morteiro 80 eu não estive com medo, e requisitei um morteiro, e apareceu-me um morteiro, nunca mais me esqueço que o Coronel quando me viu a desmontar aquilo tudo disse-me oh pá tu sabes montar isso outra vez, eu disse oh meu coronel, prometo que monto isso, portanto esse morteiro vi-o eu no Batalhão de Infantaria. Antigamente a Guarda, antes de eu vir para a Guarda tinha tido um autometralhadoras, mas que já estavam obsoletas.

5) Houve ordem para os militares da GNR dentro do Quartel do Carmo dispararem? Quem a deu?

Desconheço. Estava no exterior do aQuartelamento, vindo apeado desde o Largo da Misericórdia até ao Teatro da Trindade.

6) Os militares da GNR reagiram aos disparos sobre o Quartel do Carmo? Porquê?

Não, embora não tenha estado lá soube à posterior que não.

7) Existiam civis e crianças no interior do Quartel do Carmo? Porquê?

Provavelmente sim, pois existiam residências no interior, onde moravam militares da GNR que lá prestavam serviço com as suas famílias.

8) A GNR teve um papel fundamental na resolução do 25 de Abril de 1974? Porquê?

Sim. Evitou o confronto directo e o derramamento de sangue. Eu estou convencido pessoalmente que se do Carmo há um azar qualquer e comesçassem a semear granadas de mão das janelas, é que eu não sei, bastava uma granada defensiva e aquilo era um pânico, felizmente o bom senso imperou.

9) A GNR saiu como derrotada do 25 de Abril de 1974? Porquê?

Julgo que não. Não houve confronto entre as partes.

10) A GNR soube adaptar-se ao processo que se seguiu ao 25 de Abril de 1974? Porquê?

Sim. Pois imediatamente se colocou ao dispor do novo Regime cumprido com o que este pretendia.

11) Qual a verdadeira razão para a revolta que deu origem ao 25 de Abril de 1974?

Cansaço da Guerra Colonial, as tropas estavam cansadas, as missões sobrepunham-se umas nas outras e não se vislumbrava uma solução política.

O segundo mote é a entrada em massa de contestação e eu notei isso quando cheguei de Angola, em Vendas Novas com os cadetes que vinham para lá e eram muito activos politicamente, de vez em quando apareciam-nos lá panfletos dentro da Escola Prática em Vendas Novas. As pessoas, a população estava exausta, estava cansada, pela repressão e má qualidade de vida que tinham. A contestação externa, nós não tínhamos apoio de ninguém no Ultramar, eu lembro-me que apanhei minas fabricadas pelos nossos grandes aliados Inglaterra. A Guiné como digo estava praticamente perdida.

Nós andávamos neste esquema, entra em prevenção rigorosa, saí de prevenção rigorosa, e eu no dia 24 de Abril, por mal dos meus pecados estou outra vez de oficial do dia. Estou de oficial do dia e, sei lá não faço ideia, sei que até estava lá a fazer a contabilidade, nas Companhias naquele tempo havia as oficinas de sapateiro, as oficinas de alfaiate, um supermercado e nós tínhamos que fazer as contas daquilo, havia um oficial encarregue disso, eu nesse mês estava a lançar os débitos de uma das oficinas, toca o telefone, o telefonista diz-me que é o oficial do dia do Batalhão, era na altura o Tenente

Ferreira Leite, oficial do dia dos paulistas, que me disse “oh loureiro pinto olha que desta vez é a sério” logo para tomarmos prevenção rigorosa, ele não conseguia dizer mais nada não tinha dados. Eu, desligo o telefone fui à caserna levantar o meu Pelotão, armei-o e entramos em postos de defesa imediatos, foi logo a primeira coisa, reforçamos o posto de sentinela da porta de armas, havia uma clarabóia lá em cima, e o restante armado e municiados pronto a intervir, só depois é que informei o comandante da Companhia, porque não era ele que vinha fazer o que me competia. Entretanto os telefonistas foram chamar pessoal que estava em casa, nós tínhamos uma listagem já preparada lá na central telefónica para caso fosse necessário chamasse o pessoal a casa, e o pessoal começa a vir todo. À medida que o pessoal ia entrando no Quartel é que nós começamos a desenhar mentalmente o que é que se passava, porque só se ouviu na rádio, que o Movimento das Forças Armadas e não se ouvia mais nada. Isto era quatro e tal da manhã. Dá-se uma coisa curiosa, quem me havia de substituir como oficial do dia, era o Tenente, agora Coronel, Simões de Carvalho, e portanto o meu Pelotão seria desmobilizado e avançava o Pelotão dele e o da reserva, a parada nesse dia não foi rendida, o capitão nesse dia não me deixou render a parada.

Eu digo que era para aí uma e tal da tarde, o Capitão Lomelino diz que vamos sair, para formar o pessoal, onde é que vamos, perguntei eu. Eu nunca mais me esqueço, na porta de vai e vem, que dá para a parada, mandei parar o Pelotão e perguntei meu Capitão, quero saber a missão, quero saber a minha missão, e ele disse-me a sua missão é a seguinte, temos informações que estão civis a fazer pressão sobre o Quartel do Carmo, é para tirar os civis que estão sobre o Quartel do Carmo. Pronto tudo bem, vamos embora. Ele avança com o *jeep*, eu avanço numa camioneta e o Tenente Simões de Carvalho noutra. Chegamos ali à Trindade e a minha camioneta avança para a frente, e é verdade que quando eu entro ao Largo da Misericórdia, vejo uma série de gente, aos berros e aos gritos, onde era o General da República. Eu mandei apear, e deve ter sido a última carga do antigo Regime, formo o Pelotão em três linhas, toca a ir por ali abaixo, e aquela malta a correr à minha frente, puseram os carros pelo meio. Venho cá abaixo chego ao Teatro da Trindade e rodo à esquerda para ir para o Carmo, é quando encontro a coluna militar. Mandeí parar o Simões de Carvalho vinha atrás de mim disse-lhe logo mete-te ali, e ele fica na rua que vem dar ao Camões, ao Chiado, e eu fico ali e é quando me apreço o meu amigo Tavares de Almeida, na altura Capitão, hoje Major General, dão-se os cumprimentos da praxe, eh pá que estás aqui a fazer, eu depois perguntei quem é que estava a comandar e ele disse-me que era o Fernando Salgueiro Maia, o Salgueiro Maia entretanto veio para cima. Entretanto começaram os militares a subir lá para cima, eu disse olha lá como é que é, eu deito-os abaixo, porque vamos lá ver o Pelotão que nós levávamos, ia com as munições todas, ou seja, um homem de infantaria levava duas bandoleiras de 50 tiros, mais duas cartucheiras 90 com tiros, cada homem levava 140 tiros, levava a metralhadora com 4 bolsas cada, bolsa salvo erro tinha 5 carregadores, e cada carregador tinha 35 munições, nós levávamos ainda um potencial de fogo, não eram armas automáticas e eu e o sargento e os cabos levávamos pistolas-metralhadoras, também com 6 carregadores com 30 tiros cada um, íamos com a

dotação orgânica, no meio daquela conversa toda, não sei quem disse tu rendes-te, e eu disse eh pá já me conheces, sabes que eu me render não me rendo, e entretanto alguém disse vem aí um Capitão comandante da Companhia, e é quando o Capitão Lomelino vem à frente, vem o Salgueiro Maia também, e estivemos ali todos a conversar ficou assente o seguinte, o dispositivo ficou montado, o meu dispositivo, o dispositivo do Simões de Carvalho e o do Exército, mas ninguém atacava ninguém, e uma das razões muito simples para isso, e não me arrependo, de modo nenhum, é que o Tavares de Almeida, chama um cadete, abre-lhe a cartucheira e vinha sem munições, não trazia munições nos carregadores, e eu pensei para comigo isto é uma brutalidade. Mas nunca iríamos entrar em fogo porque ao fim e ao cabo estávamos todos do mesmo lado, conhecíamos-nos todos uns aos outros, todos nós nos conhecíamos perfeitamente bem, alguns de nós já tínhamos sofrido no Ultramar ou cá na pele em conjunto. Ficamos ali digamos num impasse, de repente, do lado da rua que vem do Chiado para cima, começaram a apedrejar o Pelotão do Simões de Carvalho, uns civis, eu virei-me para o Tavares de Almeida e disse eh pá estás a ver aquilo, eu vou lá, eh pá oh Loureiro Pinto tem calma, e foi ele e um soldado acalmar os indivíduos, que assim retiraram-se.

Depois disto tudo ficamos ali a ver o que se vai passar, passado uns tempos, eram três e tal da tarde, dá-se os tiros lá em baixo, na António Maria de Cardoso, e aparece um furriel a correr, a dizer já mataram gente, o homem vinha em pânico, e até disse para o Tavares de Almeida eh pá isto é a tropa que tu trazes, confrangia ver a tropa que traziam, era uma tropa macaca, quer dizer sem preparação nenhuma, quando um furriel que seria um comandante de 10 homens, vem aflito porque houve tiros. Nós depois dessa conversa toda, aguardamos, é quando passado um bocado aparece uma coluna de Estremoz que me cerca. Eu tenho a tropa da coluna que estava sobre o Carmo à minha frente, e fico com as EBR, nas costas, a posição era insustentável, mas eu fiquei lá porque o comandante era o Santos Ferreira, também já o conhecia, foi um abraço logo. Dá-se entretanto uma cena caricata, para mim parecia a Guerra do Solnado, o Tenente Simões de Carvalho recebeu ordens para ir com o Pelotão dele para o Largo da Misericórdia, para sair dali, os nossos homens estavam de arma cruzada ao peito. O Simões de carvalho vai por trás de um soldado e acho que lhe diz dê meia volta e vá para o Largo da Misericórdia, e o soldado quando houve falar nas orelhas olha para trás e dá-lhe com sabre na cara, eh pá eu estou com Salgueiro Maia, aparece-me ele com um lenço na cara e com sangue, eh pá o que aconteceu António. Eu virei-me para o Salgueiro Maia e perguntei se tinha alguém para tratar dele, o Salgueiro Maia disse que não havia problema pois tinha ali uma ambulância, ambulância essa, que levou com um carro pela traseira que lhe partiu o motor, e então passou-se esta coisa caricata, havia uma fotografia disso, o Tenente da Guarda Republicana de capacete e pistola-metralhadora em bandoleira acompanhado pelo Comandante das força opositoras, vão os dois para a ambulância onde levou dois pontos na cara e veio-se embora outra vez. Isto é caricato, eu costumo dizer que o único ferido em combate da Guarda é o Simões de Carvalho. Eu fiquei ali mais um bocado, entretanto começa a constar que o General Spínola ia tomar posse do

Governo, a AM começa a manobrar lá em baixo e é quando mandaram-me retirar, eu fui o último Pelotão a retirar e venho para o Largo da Misericórdia também.

Ninguém sabia de nada, como eu costumo dizer já nós lá estávamos, quando me apreço um civil acompanhado do segundo comandante do Batalhão 2, que me veio dizer para ter calma. E passado um bocado apareceu-me lá o Teotónio Pereira que era o comandante do Regimento de Infantaria, do Batalhão 1. Quando entramos no terreno a missão que recebo era afastar as pessoas que estavam a pressionar o Carmo, ninguém nos disse que estava lá a tropa, se calhar não sabiam ou aliás o Carmo devia saber, porque na mesma altura que nós saímos a tal Companhia do Capitão Viana, dos paulistas tenta sair também só que essa Companhia ficou logo presa, sai do congro, e chegou ali ao Luís de Camões e ficou lá parado, já não conseguiram passar. Eram sete e tal da tarde fomos para o Quartel.

No dia 26 de Abril, eu estava na Estrela, de prevenção rigorosa e apercebo-me de umas sirenes a passar, era uma escolta do 2º Esquadrão a levar o General Spínola. O General Spínola a primeira coisa que ele fez foi nomear uma escolta, nomear o 2º esquadrão para escolta pessoal. Quem ficou a comandar a Guarda foi o General Garoupa.

12) Qual o motivo do fracasso do 16 de Março de 1974? Qual a acção da GNR?

A ausência de planeamento, pois não foi uma acção desgarrada. Eu próprio na véspera do 16 de Março apercebi-me de qualquer coisa. Não que me dissessem, mas porque me apercebi e vou-lhe explicar porquê, eu quando vim para a Guarda Nacional Republicana, em Novembro de 73, para fazer estágio, eu fui-me alojar na messe do Exército em Caxias, aproveitei tinha lá a minha mulher e o meu filho, paguei do meu bolso, esse período para ir para Caxias, então eu vinha de manhã, almoçava no Quartel e ia-me embora, portanto eu morava em Caxias. Ora bem, em Caxias estavam na altura muitos oficiais, alguns Majores já graduados outros ainda Capitães, venho a saber mais tarde que alguns homens eram os homens do 25 de Abril. E aí, uns já conhecia, outros conheci-os ali, engraçado que no dia 16 de Março, eu já não estava na messe, já estava num andar que tinha alugado em Paços de Arcos, e que por sinal eu tinha passado para esse andar no próprio dia 16 de Março.

Por isso é que nunca mais me sai da ideia, só tive tempo de os deixar em casa e vir para o Quartel. Portanto no 16 de Março tinha havido uma aberta e eu tinha ido a casa, como eu não tinha telefone, havia o cuidado e a necessidade de estar sempre em contacto com a unidade, com a Companhia da Estrela, que na altura pertencia ao Batalhão 2, eu venho lá e de lá telefonei para a Companhia para o Capitão Lomelino, olhe eu disse-lhe estou aqui vou estar aqui mais um tempo e quando sair eu aviso para estarmos contactáveis porque como era ele que estava de oficial do dia e eu iria entrar de oficial de dia no dia seguinte, o oficial de dia na realidade, comandava o Pelotão que saía ou no caso de ser o comandante de Companhia era o reserva que iria avançar com o Pelotão, portanto havia sempre a necessidade de estarmos contactáveis, e assim foi, eu vim. Cheirou-me qualquer coisa a esturro, tanto que disse à minha mulher, vamos embora para casa, porque me apercebi que havia uma série de camaradas que entravam e saíam dos quartos, alguns pareciam umas

baratas tontas ali às voltas uns com os outros e eu aquilo cheirou-me a esturro, longe de mim saber o que é que se estava a passar, mas não gostei, porque pessoas com que eu brincava e não sei que, diziam estás bem Loureiro e Pinto, e metiam-se nos quartos, o que não era normal, eu morei ali três meses e tal e aquilo não era a situação normal, e eu fui-me embora, e engraçado quando sai liguei para o Capitão Amorim, meu Capitão eu vou para casa cuidado que isto anda aqui muito agitado, e fui-me embora, fui para casa. Foram lá tocar à minha campainha, olhe o senhor é que é Tenente da Guarda, sou, então vá para o Quartel que estão a chama-lo.

Então eu arranquei lembro-me que passei ali em Belém, passei um ou dois sinais vermelhos e fui para a Estrela, chego estava o Pelotão formado e é quando eu recebo ordens para ir para Monsanto, e perguntei o que é que ia fazer e disseram-me para ir que quando lá chegasse alguém me haveria de dar instruções. Eu arranquei, chego a Monsanto e não vejo ninguém, eu fui ter à penitenciária lá de Monsanto que a guarda era a Guarda Nacional Republicana, disse-lhe veja lá se me consegue arranjar contacto com a Estrela, e então falei com o meu Capitão, então meu capitão não está aqui ninguém, então aguarde que alguém há-de ir ter consigo, e eu aguardei. Então é quando eu venho para junto do bunker, lá dentro já estava o Presidente da Republica e o Presidente do Conselho de Ministros e estava lá a Companhia que eu ia reforçar, que eu não sabia quem era, era uma Companhia com 2 Pelotões, comandada pelo falecido Capitão Viana, dos paulistas, que era a Companhia de Intervenção, um Pelotão comandado pelo Tenente Malgado Neves e outro pelo Alferes Cunha. A missão que me deram foi fazer ao anel externo junto à estrada, portanto é a primeira Guerra que há, depois ali começamos a apercebemos do que é que se estava a passar, a coluna que vinha das Caldas em direcção a Lisboa, que em Sacavém já estaria a tropa dos RALIS à espera da coluna e passadas umas horas chegam informações que a coluna tinha dado meia volta e que voltava para as Caldas e mandaram-nos recolher. Quem interceptou a coluna perto de Vila Franca de Xira, foi o então Comandante Territorial da então secção de Vila Franca de Xira, o Tenente Sebastião, agora Coronel, que é o tal que sozinho com o condutor consegue parar a coluna, quando a manda parar e a coluna parou. Depois eu sei que, ouvi depois dizer já pelas notícias dos jornais, que a Guarda algumas subunidades da Guarda também foram atrás até às caldas, não sei quem foi ou como foi. Isto é o 16 de Março, acabou, morreu.

Caracterização da Amostra

Idade: 63 Anos

Sexo: M ☒ F ☐

Posto: Coronel

Função: Reserva

No 25 de Abril de 1974

Posto: Tenente

Função: Cmdt Pel / Comp da Estrela

Contexto da Entrevista

Local: Clube de Oficiais de Coimbra

Data: 16 de Fevereiro de 2009

Hora: 14 H 30 M

APÊNDICE K - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 8

Entrevistado: Coronel José Eduardo Fernandes de Sanches Osório

1) Marcello Caetano no 25 de Abril de 1974 refugiou-se no Quartel do Carmo? Porquê?

Sim. Estava preparado um plano de retirada do Governo para Monsanto, este plano foi feito por parte da terceira repartição do Estado Maior do Exército, provavelmente o Professor Marcello Caetano sabendo que o plano era feito pelo Exército decidiu ir para onde tradicionalmente o Governo costumava ter apoio, ou seja, na GNR especialmente no Carmo onde era o Comando Geral e também o devem ter aconselhado a isso.

Assim fomos surpreendidos, estávamos à espera que o Governo disciplinadamente fosse para Monsanto, pois tudo estava planeado para atacar o Governo em Monsanto, razão pela qual os planos de tiro de artilharia que ficou no Cristo Rei estavam preparados para Monsanto. Se o Governo fosse para Monsanto o evoluir da situação seria outro e mais trágico, nem todos os membros do Governo foram para o Carmo, houve outros que foram para o Regimento de Lanceiros 2, o Presidente da República não saiu de casa no Restelo, esteve lá um Coronel Pára-quedista que era Ajudante de Campo e o General Chefe da Casa Militar e foi lá da Pontinha foi o Major Almeida Bruno.

Os Comandos que estavam à civil e armados eram grupos de oficiais um dos quais Major Jaime Neves, outro o actual Comandante da GNR que tinham a missão para prender algumas entidades importantes das forças opositoras, caso do Coronel Romeiras Comandante de Cavalaria 7, essas missões falharam praticamente todas pois nenhum se encontrava onde era suposto estarem.

2) A GNR esteve desde os primeiros Movimentos do lado do Regime? Porquê?

Sim. A GNR era, como é, dependente do ministério do interior agora do ministério da administração interna, e portanto o seu corpo de oficiais era objecto de criteriosa nomeação por parte do Governo.

3) Houve oficiais da GNR no planeamento do Movimento dos Capitães? Porquê?

Não. Pela razão já indicada era uma força de confiança do Governo, não íamos pedir colaboração ao inimigo não confiávamos neles.

4) A GNR era temida pelos mentores do Movimento e encontrava-se armada para o contrariar? Porquê?

Sim. A GNR encontrava-se armada embora a maior parte do armamento fosse mais de carácter de manutenção de ordem pública, mas era uma força organizada e com bons militares. A GNR chegou a fazer um cerco à Academia Militar depois do 16 de Março, ao

que o Comandante da Academia Militar General Amaro Romão, numa reunião de oficiais disse que a presença de militares da GNR se destinava a defender-nos de qualquer ataque, o actual Coronel Grilo perguntou: “ se é para nos defender, então porque estão virados para dentro?” ao que o nosso General não soube responder.

A GNR estava á espera de viaturas blindadas que lhes ia ainda dar maior poder de fogo, em conjunto com a sua organização e militares profissionais iam torná-la numa força temível.

5) Houve ordem para os militares da GNR dentro do Quartel do Carmo dispararem? Quem a deu?

Não sei. De dentro para fora não sei de fora para dentro sim, essa ordem foi emitida do Quartel da Pontinha e foi dada por mim.

6) Os militares da GNR reagiram aos disparos sobre o Quartel do Carmo? Porquê?

Não. Eles também queriam que aquilo se resolvesse. Houve um momento para mim demasiado grandes de silêncio, isto é, vamos aguardar, esperamos mais um bocado, conversamos mais um bocado e isso estava a causar uma certa perturbação no Quartel da Pontinha e daí as ordens para resolver a situação e forçar a entrada no Quartel do Carmo.

7) Existiam civis e crianças no interior do Quartel do Carmo? Porquê?

Sim. Existiam porque havia habitações para militares da GNR lá dentro, desde sempre houve habitações no Quartel do Carmo para os militares, logo era do nosso conhecimento. Este facto não dizia respeito ao núcleo central, isto é, o Comando Geral e as forças de resistência que estavam lá colocadas. As residências a nível de localização no aquartelamento não têm frente para o largo do Carmo.

8) A GNR teve um papel fundamental na resolução do 25 de Abril de 1974? Porquê?

Não. A GNR resistiu enquanto pode, constatou a evidência e rendeu-se.

9) A GNR saiu como derrotada do 25 de Abril de 1974? Porquê?

Não. O 25 de Abril de 1974 não foi feito contra a GNR, foi feito contra o Governo, é evidente que vista como força que defendeu o Governo foi derrotada.

10) A GNR soube adaptar-se ao processo que se seguiu ao 25 de Abril de 1974? Porquê?

Sim. A GNR foi uma força que se soube adaptar, mas com alguns solavancos, pois houve um curto período em que foi comandada pelo Coronel Pinto Ferreira que aquilo

passou tudo para a esquerda, passando a ser uma vanguarda comunista, razão pela qual no 11 de Março por exemplo o General Freire Damião que foi o primeiro Comandante Geral depois da revolução, na sequência do 28 de Setembro ocupou o Carmo e prendeu o Coronel Pinto Ferreira, exactamente porque o Coronel Pinto Ferreira estava a exercer um comando e uma influência nas tropas consonante com o partido comunista

11) Qual a verdadeira razão para a revolta que deu origem ao 25 de Abril de 1974?

O motivo que originou o 25 de Abril de 1974 foi a Guerra Colonial, já durava há treze anos e não se via capacidade nem vontade do Governo em resolver este problema, era comissões em cima de comissões tinha-se atingido a saturação. Com a situação de decadência na Guiné começou a ver-se uma segunda Índia, pois a Guiné estava perdida era uma questão de tempo, nem os aviões já levantavam pois eram abatidos por antiaéreas, estava-se mesmo a ver o Exército a servir de bote expiatório pelo fracasso do Governo em arranjar uma solução política, quando lhes demos treze anos para o fazer.

12) Qual o motivo do fracasso do 16 de Março de 1974? Qual a acção da GNR?

Sobre o 16 de Março há quinhentas mil teorias, incluindo quem está por detrás do mesmo, o que eu posso testemunhar sobre o 16 de Março é que havia uns tantos militares que estavam inquietos e que receavam pelo atraso originado pela execução dos planos para fazer a revolução.

Estes oficiais entendiam que uma marcha sobre Lisboa, ou um levantamento como se chamava na altura, chegava para derrubar o Governo e não era preciso um planeamento. Foram esses que saíram do Regimento das Caldas da Rainha, de minha casa nessa altura com o Victor Alves fizeram-se demares telefónicas para ver se outras unidades saíam, mas não conseguimos nada, pois ninguém estava preparado para sair, fizemos chamadas aqui para a Academia Militar nada conseguimos, portanto o 16 de Março foi uma derrota.

A GNR se bem me lembro estava à espera deles na portagem já que o deslocamento foi feito pela auto-estrada.

Caracterização da Amostra

Idade: 68 Anos

Sexo: M ☒ F ☐

Posto: Coronel

Função: Reformado – Professor AM

No 25 de Abril de 1974

Posto: Major

Função: Adjunto 4ª Rep. EME - PC

Contexto da Entrevista

Local: Academia Militar Sede

Data: 17 de Fevereiro de 2009

Hora: 11 H 00 M

APÊNDICE L - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 9

Entrevistado: Professor Doutor Fernando José Mendes Rosas

1) Marcello Caetano no 25 de Abril de 1974 refugiou-se no Quartel do Carmo? Porquê?

Sim. Na realidade não era esse o local de refúgio do Presidente Conselho, em caso de grave alteração de ordem pública era no Estado Maior da Força Aérea em Monsanto.

A DGS temendo que o Movimento militar abrangesse também a Força Aérea desaconselhou o Presidente do Conselho ir para Monsanto e aconselhou-o a ir para o Quartel da GNR no Carmo na medida em que era o local mais seguro, porque a Guarda estava com o Regime, na realidade é preciso dizer que o Quartel do Carmo foi ao longo de todo o século 20 praticamente o local onde normalmente se refugiavam os Governos quando ameaçados por Movimentos militares ou pela instabilidade político militar, desde a queda da monarquia de 5 de Outubro de 1910 onde foi aí no Quartel do Carmo que se instalou o Estado Maior das forças fieis à monarquia passando por várias revoltas do revireísmo nos anos 20 e 30 contra a ditadura militar até 1974 esse foi não foi sempre mas foi em muitas circunstancias e frequentemente o local de refúgio do chefe do Governo a GNR era uma força fiel ao Regime e para ali o aconselharam a ir o que foi um erro estratégico em termos puramente de política militar porque estava no centro de uma cidade cujas a suas unidades se revelaram hostis ao Regime e a partir de certa altura o Presidente do Conselho estava praticamente cercado no centro da cidade por unidades hostis sem conseguir de lá sair a não ser através de uma manobra militar extremamente difícil e tornada impossível dada a adesão massiva da população às forças militares revoltosas.

2) A GNR esteve desde os primeiros Movimentos do lado do Regime? Porquê?

Sim. A história da GNR não é uma história sempre de fidelidade à ditadura e ao Estado Novo, a GNR surgiu da transformação da Guarda municipal em Guarda Republicana mas há uma fase do Regime sobretudo a seguir à Primeira Guerra Mundial em que a GNR pelo contrário é o braço armado da esquerda republicana, da governação republicana mais radical e a Marinha de Guerra, eram as duas forças radicais. A GNR chega a ter em Lisboa na primeira metade dos anos 20 um papel político muito importante, era a GNR que em conjunto com os sectores mais radicais do republicanismo que punha e tirava Governos e chega a haver mesmo um comandante da GNR em Lisboa o Coronel Liberato Pinto que chega a ser chefe do Governo durante um curto período de tempo, e há Governos que são muito influenciados e marcados pela influencia politica que a GNR tinha. Nas primeiras revoltas contra a ditadura militar, na primeira grande revolta contra a ditadura militar em Lisboa, que foi a revolta de 7 de Fevereiro de 1927 a GNR teve um papel central na revolta, foram 500 homens da GNR juntamente com a Marinha de Guerra e muitos civis que

formaram os grandes bastiões de defesa da democracia e da república, nessa grande revolta que não foi a última, mas foi a última grande revolta contra a ditadura a partir daí a GNR foi domesticada, a GNR foi colocada sobre o férreo comando do Exército, ele próprio limpo ao longo de vários anos de todas as dissidências do Regime e como tal a GNR passou a ser comandada por homens fieis ao Estado Novo que transformaram a GNR numa espécie de guarda pretoriana, tanto na repressão política nos meios rurais e alguns meios urbanos como uma força fortemente repressiva do descontentamento social e da revolta social.

A GNR portanto ficou associada a uma carga de repressão social e política e de violência contra as pessoas muito marcada. Era a GNR onde o Regime tinha maior confiança de segurança nesse sentido ele armou a GNR e dotou-a de meios especiais sobretudo de combate de rua, de cavalaria ligeira, metralhadoras pesadas e tropa para o combate de rua (para o combate civil), era uma espécie de retaguarda segura visto estar o Exército estar quase todo na Guerra em África havia uma espécie de retaguarda segura especialmente armada contra a sublevação, contra o risco de sublevação civil e político militar contra o Regime. A GNR vai tentar despenhar esse papel no 25 de Abril ainda que tirando o Quartel do Carmo que tem uma resistência mais duradoura, ainda que não uma resistência militar directa, não há combates noutras circunstâncias. Noutros pontos de Lisboa a GNR obedeceu ao comando do Movimento das Forças Armadas, a ordens que este lhe deu para desmobilizar e dispersar mas era tida como força hostil.

3) Houve oficiais da GNR no planeamento do Movimento dos Capitães? Porquê?

Não. Porque estava do lado oposto ao do Movimento, não obstante haver oficiais do Exército na GNR que tinham ligações ao Movimento, mas eu com toda a franqueza não sei dizer qual foi o papel concreto que esses oficiais ligados ao Movimento das Forças Armadas tiveram operacionalmente, se é que tiveram algum papel operacional.

4) A GNR era temida pelos mentores do Movimento e encontrava-se armada para o contrariar? Porquê?

Sim. Era na GNR onde o Regime tinha maior confiança de segurança, nesse sentido armou-a e dotou-a de meios especiais sobretudo de combate de rua, de cavalaria ligeira, metralhadoras pesadas e tropa para o combate de rua (para o combate civil), era uma espécie de retaguarda segura visto o Exército estar quase todo na Guerra em África havia uma espécie de retaguarda segura especialmente armada para fazer face ao risco de sublevação civil e político militar contra o Regime. A GNR vai tentar despenhar esse papel no 25 de Abril ainda que tirando o Quartel do Carmo que tem uma resistência mais duradoura, ainda que não uma resistência militar directa, não há combates noutras circunstâncias. Noutros pontos de Lisboa a GNR obedeceu ao comando do Movimento das

Forças Armadas, a ordens que este lhe deu para desmobilizar e dispersar mas era tida como força hostil.

5) Houve ordem para os militares da GNR dentro do Quartel do Carmo dispararem? Quem a deu?

Não sei. Sei que o Presidente do Conselho no interior do Quartel do Carmo emitiu ordens de fogo sobre as forças revolucionárias e a população civil, a partir do Quartel do Carmo designadamente à Força Aérea. Não sei se deu essa ordem para a GNR do Carmo fazer fogo sobre as forças sitiadas, houve sim ordens de contra ataque para a Força Aérea e outras forças militares.

Sei que não houve fogo isso é o mais importante, se existiu essas ordens não foram cumpridas.

6) Os militares da GNR reagiram aos disparos sobre o Quartel do Carmo? Porquê?

Não. Os militares da GNR começaram por desenvolver uma operação até mais vasta montaram uma tentativa de cerco, uma tentativa de perímetro de defesa em torno do Quartel do Carmo e até uma tentativa de encurralamento das forças que cercavam. O certo é que este dispositivo nunca entrou em choque directo com as forças sitiadas e acabou por recolher sem haver nenhum confronto, mas não houve fogo do Quartel do Carmo.

7) Existiam civis e crianças no interior do Quartel do Carmo? Porquê?

Sim. O que tenho ouvido dizer é que eram familiares dos militares que se encontravam lá, que os mesmos chamaram por motivos de segurança, pois consideravam um local mais seguro.

8) A GNR teve um papel fundamental na resolução do 25 de Abril de 1974? Porquê?

Não creio. A GNR era esperava-se da parte do Regime que a GNR tivesse um papel fundamental na neutralização de uma acção revolucionária por parte do Exército ou de outros sectores das forças armadas, mas não teve, a GNR absteve-se contra o essencial de intervir e isso foi uma coisa positiva, ou seja, isso significou que a força militar ou militarizada mais preparada para a luta de rua não reagiu, e isso foi essa neutralidade por parte da GNR que se considera uma acção bastante importante para que o 25 de Abril se tenha feito praticamente sem vítimas civis ou militares, excepto as que própria DGS matou no assalto à sede da polícia. Só nesse sentido pode dizer-se que a GNR teve um papel fundamental porque se absteve.

9) A GNR saiu como derrotada do 25 de Abril de 1974? Porquê?

Sim. A GNR saiu seguramente derrotada do 25 de Abril porque o destino, ou seja, a missão que era assinalada pelo ministério do interior à GNR era uma missão de segurança interna consistia basicamente em travar luta militar contra qualquer tentativa de insurreccional na mediada em que não o fez, ainda bem que não o fez, a GNR nesse sentido saiu derrotada, ou seja, saiu derrotada à luz da missão estratégica que assinalava.

10) A GNR soube adaptar-se ao processo que se seguiu ao 25 de Abril de 1974? Porquê?

Sim. A GNR adaptou-se sem dúvida num processo que foi difícil e prolongado, bem se compreende que a GNR concebida como foi ao longo de 48 anos de história do Regime anterior como uma força que era uma das espinhas dorsais dos meios de repressão política quer nos meios rurais, quer em certos nos meios urbanos ou suburbanos, uma GNR habituada a praticar uma violência contra as pessoas e violência arbitrária, em muitas regiões do país vista com ódio pela população nomeadamente no Alentejo e nas zonas onde havia maior agitação social no mundo rural é natural que essa força tenha tido um processo de reconversão ao estado de direito à democracia aos princípios de direitos dos cidadãos com alguma dificuldade e lentidão. Está por fazer a história desse processo adaptativo que é uma história interessante, a GNR foi-se adaptando lentamente com dificuldades e com desvios o que hoje podemos constatar é que o número de queixas em relação ao abuso da GNR contra os cidadãos baixou e sobretudo há diferente formação dos quadros da GNR seja a nível de oficiais, quer sargentos e praças.

A GNR converteu-se numa força de polícia, ou seja, numa força de segurança interna que recentemente com padrões se modernizou como força e mais importante tornou-se numa força para defender os direitos de cada um em vez de uma ser uma força repressiva.

11) Qual a verdadeira razão para a revolta que deu origem ao 25 de Abril de 1974?

Acho que isso é um motivo bastante conhecido, a razão que motiva o 25 de Abril é o cansaço com a Guerra e a incapacidade do poder político encontrar uma solução política para a Guerra, no fundo a filosofia que uma parte das Forças Armadas tinha era travar a Guerra em África dando tempo aos políticos para encontrarem uma solução política para a Guerra, uma solução que passava pela transição para a independência das antigas colónias. O Regime anterior foi incapaz de encontrar uma solução política, o cansaço que se instalou pela Guerra foi interpretado pelos militares que se encontravam no terreno sobretudo pelos capitães que eram comandantes das Companhias, na Guerra Colonial o território estava dividido em quadrículas a cada quadrícula estava atribuída uma Companhia, como tal eles sentiam a injustiça e a mentira da Guerra, Portugal não era louvado em Timor nem as coisas eram como a propaganda a contava, nesse sentido foram os interpretes desse cansaço com a Guerra, a par um Movimento social e político de descontentamento

que se vinha a acumular há muitos anos que a falta de liberdade e democracia não deixava exprimir, mas o Movimento militar e a explosão desse Movimento deram origem à grande transformação revolucionária que se manifestou no 25 de Abril de 1974.

Os militares perceberam no fundo que para acabar com a Guerra e iniciar um processo negocial do fim da Guerra, era preciso instalar um Regime democrático um Regime assente na democracia política e foi essa a origem do Movimento.

12) Qual o motivo do fracasso do 16 de Março de 1974? Qual a acção da GNR?

O motivo do fracasso do 16 de Março, para mim o 16 de Março de 1974 foi uma precipitação não partilho de uma tese conspirativa que diz que o 16 de Março foi uma tentativa do sector spinolista das Forças Armadas se antecipar ao 25 de Abril para tomar conta do Movimento, não tenho muita a certeza disso basta dizer que no 16 de Março o operacional principal era o Otelo Saraiva de Carvalho, ainda que tudo estivesse muito improvisado acho que foi uma reacção emocional e prematura à demissão dos dois oficiais Generais que eram o chapéu e a inspiração do Movimento, que era o chefe do Estado Maior das Forças Armadas o General Costa Gomes e o Vice-chefe que era o General Spínola a sua demissão dias antes do 16 de Março por se recusarem a prestar fidelidade ao Regime, naquilo que ficou conhecido como o juramento da brigada do reumático.

O facto de eles serem demitidos originou uma primeira reacção dos oficiais, uma reacção precipitada, que foi o 16 de Março acho que a GNR pôs-se ao lado do Regime o que mais deu a intuição aos estrategos do Movimento que a GNR era uma força com a qual não se podia contar, quando muito se obtivesse a passividade já não era mau, foi o que dentro dos possíveis se obteve de uma maneira geral.

A GNR pôs tropa na rua tanto na rotunda da Encarnação onde esperavam a coluna vinda das Caldas, como em Monsanto montando um perímetro de segurança para proteger o Presidente do Conselho.

Caracterização da Amostra

Idade: 62 Anos

Sexo: M ☒ F ☐

Função: Professor Catedrático e Chefe do
Departamento de História na Faculdade de
Ciências Sociais e Humanas e Deputado
na Assembleia da República

No 25 de Abril de 1974

Função: Pertencia a uma organização
clandestina

Contexto da Entrevista

Local: Instituto de História

Contemporânea

Data: 02 de Março de 2009

Hora: 11 H 00 M

APÊNDICE M - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 10

Entrevistado: Tenente-Coronel Nuno Romão Saraiva de Carvalho

1) Marcello Caetano no 25 de Abril de 1974 refugiou-se no Quartel do Carmo? Porquê?

O Presidente do Conselho de ministros, o Professor Doutor Marcello Caetano tinha tido já uma experiência muito recente, no dia 16 de Março de 1974, na madrugada do dia 16 de Março, o Marcello Caetano refugiou-se com outros ministros face ao que poderia estar a acontecer no Comando da Região Aérea, concretamente julgo eu, que na messe de oficiais de Monsanto, na aérea de comando da 1ª Região Aérea. Eu julgo que a intenção dele no 25 de Abril pelo menos por uma escuta que nós tivemos a possibilidade de ouvir numa conversa entre ele e o então Director Geral de Segurança o Major Silva Pais, Marcello Caetano terá proposto deslocar-se de novo Monsanto, no entanto foi o próprio Silva Pais que temendo que já se soubesse que Marcello Caetano tivesse estado em Monsanto, a 16 de Março, aconselhou-o no 25 de Abril, vivamente a não ir para Monsanto, mas a deslocar-se para o Comando Geral da Guarda Nacional Republicana, no Largo do Carmo.

Esta conversa foi ouvida pelos nossos camaradas, capitães da Escola Prática de Transmissões, as escutas estavam montadas e imediatamente foi transmitida para o Posto de Comando, que eu tinha montado na Pontinha, no Regimento de Engenharia 1. Portanto eu fiquei a saber que o Professor Marcello Caetano acompanhado com alguns ministros, que eu não sabia quais eram estaria refugiado no Largo do Carmo. Fui apanhado de surpresa, eu estava convencido que ele se ia refugiar em Monsanto, tanto que uma das missões que dou à Escola Prática de Artilharia é sair de Vendas Novas com uma bateria de artilharia que vai montar posição no alto do Cristo Rei em Almada, os únicos elementos que eu dou à bateria são, eh pá vocês ficam ali atentos a uma missão qualquer que possa surgir no decorrer da operação militar, chegando ao alto do Cristo rei montam a bateria em posição e tiram elementos de tiro, direcção e alcance, para Monsanto, exactamente na perspectiva de que o Presidente do Conselho de Ministros fosse, tal como tinha acontecido no 16 de Março, refugiar-se outra vez na messe de oficiais em Monsanto que fica dentro de um perímetro militar, que é o comando da Região Aérea e messe de oficiais. Daí que quando na tarde já do 25 de Abril o Capitão Salgueiro Maia, que comandava a nossa maior força, que era a coluna da Escola Prática de Cavalaria de Santarém, estando no Terreiro do Paço, onde eu tinha ordenado a deslocação dele, me pede para lhe dar uma nova missão, porque a missão dele, ele considerava que estava cumprida, e estava, eu tive a possibilidade de lhe dar ordem para repor outra vez a coluna dele, recolher outra vez as viaturas e os blindados e metendo pela Rua Augusta, subir para a Rua do Carmo e ir cercar então o Quartel do Comando Geral da Guarda Nacional Republicana, já tinha a garantia que o Marcello Caetano estava lá e portanto era a última fase de todo o processo de Movimento

de toda a operação militar que culminaria com a rendição do Governo na pessoa do senhor Presidente do Conselho de Ministros. Portanto foi um posicionamento do próprio Director Geral de Segurança, Major Silva Pais, ouvido isto às 5h30 do dia 25, esta conversa entre eles os dois.

Não teria havido o dramatismo que teve aquela assistência enorme da população em apoio. Monsanto já teria menos gente, já não haveria muita gente a deslocar-se a pé até ao alto de Monsanto, para estar junto das forças do Movimento que fossem cercar o perímetro do Comando da Região Aérea e portanto as coisas poderiam ter sido diferentes. Agora teria havido da minha parte é em vez de ter telefonado para o Coronel Ângelo Ferrari, teria telefonado para o Comandante da Região Aérea de Monsanto a dizer-lhe que, sei que esta aí o Professor Marcello Caetano e se ele não apresentar a rendição às forças do MFA que estão aí a cercar Monsanto, eu começo a disparar sobre a messe de oficiais, os meus camaradas da Escola Prática de Artilharia já tinham a direcção e o alcance, assim que eu desse ordem começavam a meter granadas e a disparar.

2) A GNR esteve desde os primeiros Movimentos do lado do Regime? Porquê?

A GNR tinha sido criada como uma força paramilitar de segurança e de apoio total ao poder, ao poder político vigente, daí que logicamente quando houvesse uma Crise dessas, como aquela que existe no 16 de Março, e depois logo a seguir, 40 dias depois, no 25 de Abril, era natural que a Guarda Nacional Republicana, que tinha sido criada com essa finalidade, estivesse ao lado do Regime vigente, e foi assim que de facto a Guarda Nacional Republicana, desde o seu Comandante que abriu as portas ao professor Marcello Caetano, ao ministro dos negócios estrangeiros, ao ministro de informação e turismo, era natural que assim acontecesse, era uma força criada exactamente para segurança, protecção, além do apoio do interior no país, e posicionamento no interior, onde não havia policia, a Guarda Nacional Republicana tinha essa missão, como por exemplo é a Guarda Nacional Republicana que faz a Guarda de Honra e que protege todo o edifício do palácio de Belém, exactamente essa é um dos seus objectivos, uma das suas finalidades. Portanto era natural que estivesse ao lado do Regime até ele cair. Quando ele caísse logo se veria qual seria o sentido do novo Regime da República.

3) Houve oficiais da GNR no planeamento do Movimento dos capitães? Porquê?

Bem eu quando estive a planear o 25 de Abril, tive que fazer um estudo de situação. Sabia quais eram as nossas forças do MFA, sabia com quem é que podia contar, quais eram os capitães e em que unidades é que estavam, além de capitães outros oficiais, mas tínhamos um conhecimento muito grande do que era o esforço dos opositores, as forças governamentais, entre elas a Guarda Nacional Republicana. Portanto eu tive de saber ali num curto espaço de tempo, que foi talvez da ordem das três semanas, após o 16 de Março,

saber o que é que valia em termos de pessoal, em termos de deslocações, em termos de Movimentos, de operações, de armamento, de equipamento, etc, o que é que valiam a Guarda Nacional Republicana, a Polícia de Segurança Pública, a Direcção Geral de Segurança, a Legião Portuguesa, etc. E portanto tive muito pouco tempo para isso, socorri-me de facto, de um camarada meu, um primo, muito amigo, que estava a desempenhar funções de adjunto de operações no Comando Geral da Guarda Nacional republicana, exactamente onde se refugiou o Professor Marcello Caetano.

E portanto entrei em contacto com ele, já não o via há bastante tempo nessa altura, portanto telefonei-lhe para casa, fui à lista telefónica saber qual era o número de telefone dele marquei um encontro sem dizer qual era a finalidade do encontro, fui ter com ele à residência e expus-lhe exactamente o que é que queria saber sem qualquer ambiguidade, ele ficou extremamente receoso, nem quis acreditar ao princípio naquilo que lhe estava a dizer, eu disse-lhe claramente olha eu venho cá porque vou uma operação militar que tem por finalidade derrubar o Governo e preciso de saber coisas sobre a GNR, portanto tu estás na GNR, sei que desempenhas lá funções a nível do Comando Geral e é junto de ti que venho obter informações, portanto deposito em ti uma total confiança para que me possas fornecer essas informações, pronto ele ficou extremamente receoso, era uma posição delicada para ele, mas acabou por aceitar cumprir essa missão e passados uns dias, ele telefonou-me para ir outra vez a casa dele e recebo das mãos do meu primo, o Bérico Velasco, os elementos todos sobre a GNR que eu lhe tinha solicitado.

Eu sabia vagamente que a GNR tinha recebido recentemente de Inglaterra, do Reino Unido, 55 viaturas *Shorland*, armadas e equipadas com tubos lança granadas, etc., portanto isso para mim era curto precisava de saber muitas mais coisas, movimentações, patrulhas, que pontos é que a GNR patrulhava, portanto para ter uma percepção de qual era a movimentação da GNR, o que ela poderia fazer, como oposição de forças às forças do Movimento. E portanto a colaboração do meu primo foi precisa de facto, quase que é a figura central da GNR, porque é ele que vem ao Largo do Carmo conferenciar com o Salgueiro Maia, solicitar ao Salgueiro Maia para se deslocar para junto do Professor Marcello Caetano, portanto é ele que está de facto em Movimento, é ele que segura um bocado aquele embate de forças, o próprio Salgueiro Maia não o conhecia, ficou um bocado desconfiado dele, mas ele disse-lhe que era meu primo se quiser pergunte-lhe a ele. E de facto foi um grande colaborador para que a acção tivesse êxito e que não houvesse grandes atritos, grandes oposições frontais de armas, camaradas a disparar uns contra os outros, etc., foi um bom elemento de grande contenção.

4) A GNR era temida pelos mentores do Movimento e encontrava-se armada para o contrariar? Porquê?

É natural, a Guarda Nacional Republicana tal com outras forças que eu rotulo de governamentais tinha essa missão. Exactamente uma delas seria impedir que houvesse qualquer acção contrária aos ditames do Regime, do Regime existente, e necessariamente, a Guarda Nacional Republicana, estava ao lado do Regime e portanto estava ao lado do Governo existente e era uma força considerável, era talvez ela e a Legião, mas talvez mais a Guarda Nacional Republicana que era uma força fortemente disciplinada, com grande experiência, grande capacidade de comando hierarquizada, enquanto a Legião Portuguesa, que eu também desconhecia e tive que conhecer, apresentava outro cariz, era uma força mais quase clandestina, embora fosse uma milícia armada também era perigosa, mas numa parte muito restrita do seu todo, na tal força de intervenção da Legião Portuguesa, só a GNR toda ela, oferecia para nós perigo, em termos de contacto, confronto de forças, mais até a GNR do que a própria Polícia de Segurança Pública. Exactamente estava armada para contrariar qualquer acção de Golpe de Estado, ou qualquer intervenção que visasse derrubar o Regime, que ela própria era uma das forças que protegia esse Regime.

Com o Regimento de Cavalaria da Ajuda, com o Regimento de Infantaria de Cabeço de Bola, é possível que pudesse contrariar, porque nós, também tínhamos as nossas próprias fraquezas, nessa altura em 25 de Abril, tinha sido iniciada na primeira semana de Abril, talvez no dia 10 de Abril, a recrutar e o pessoal tinha muita pouca experiência, os oficiais tinham experiência, os sargentos também possivelmente teriam, mas o pessoal que vinha armado era quase a primeira vez que pegava numa arma. Digo que senti essas próprias dificuldades, eu sabia que elas existiam da nossa parte não sabia o que é que iria encontrar, mas sabia que a GNR era uma força paramilitar de grande experiência, com grande capacidade, não eram propriamente jovens de 20/21 anos que estavam ao serviço da GNR, já era gente com outra experiência, com outra capacidade e combate, e portanto capaz de, no terreno, em confronto poder afirmar-se muito mais até do que os soldados que compunham as nossas forças. Agora eu desconhecia na altura, e foi um dos elementos exactamente que pedi ao meu primo, qual era a capacidade de combate e o armamento que disponha a Guarda Nacional Republicana.

5) Houve ordem para os militares da GNR dentro do Quartel do Carmo dispararem? Quem a deu?

Eu desconheço tudo que se passou dentro do Quartel do Carmo. Julgo que não terá havido ordem dada por ninguém a nível do comando da GNR, para dispararem sobre a multidão e sobre a Escola Prática de Cavalaria comandada por Salgueiro Maia. Tenho notícia de que o héli-canhão da base de Tancos terá saído da base de Tancos e que terá sobrevoado o Quartel do Carmo talvez com a missão de disparar sobre a multidão e forças

sitiantes, também terá recuado com essa intenção, não o fez, e ainda bem. Julgo que dentro do Quartel do Carmo não terá havido ordem dada por ninguém no sentido do disparo.

Bem os disparos que nós efectuamos, nós forças do Movimento, pela Escola Prática de Cavalaria, os disparos que foram disparados foram à ordem minha, porque em determinado momento, já estava o cerco formado, o Salgueiro Maia já tinha posto os blindados da Escola Prática a cercarem a sede do Comando Geral da GNR e eu então para acelerar a rendição do Governo, sabendo que o professor Marcello Caetano estava lá dentro. Eu fiz um telefonema para o Comando Geral da GNR e mandei vir ao telefone o Coronel Ângelo Ferrari que era o Chefe do Estado Maior da GNR, que tinha sido meu professor de Geografia Militar na Academia Militar, eu conhecia-o bem, tinha sido meu professor durante um ou dois anos, e quando ele veio ao telefone a preocupação fundamental dele foi tentar saber quem é que estava do outro lado da linha telefónica. Claro que eu não lhe disse, eu só me identifiquei como daqui fala o posto de comando do Movimento das Forças Armadas e tratei-o por o nome, meu Coronel Ângelo Ferrari, sei que estou a falar consigo que é o Chefe do Estado Maior da GNR e eu quero dizer-lhe que sei perfeitamente que o Professor Marcello Caetano está dentro do Quartel do Carmo. Portanto o que eu lhe quero dizer a si é que tem 15 minutos para apresentar a rendição. Dou-vos 15 minutos, findo os quais se isso não acontecer, se não houver a rendição do Professor Marcello Caetano, as forças de Cavalaria que aí se encontram, iniciarão uma acção de destruição do Quartel portanto começarão a disparar sobre o Quartel. Isto era uma ameaça que se por acaso tivesse ido até ao limite, já tinha dado essa ordem ao Salgueiro Maia, o limite que poderia acontecer era encostar um blindado à porta de armas do Comando Geral, derrubar a porta de armas e entrar dentro do Quartel, com o blindado seguido pela tropa que ficaria cá fora para poder reagir a quaisquer disparos que possam ser efectuados pela GNR. Isso seria o limite eu estava convencido que isso não iria acontecer.

Liguei via rádio para o Salgueiro Maia depois de ter dado este ultimato ao Ângelo Ferrari, e disse-lhe eu acabei de fazer este ultimato ao coronel Ferrari, que no entanto, durante todo o telefonema procurou saber quem era, a dizer-me que estava completamente enganado, que o Professor Marcello Caetano não estava lá dentro, eu disse-lhe eu sei que é verdade que de facto ele está aí e portanto estou-lhe a dar este ultimato, dou-lhe 15 minutos, se dentro de 15 minutos nada acontecer começo a disparar se mesmo assim nada acontecer iremos mais longe, logo se nada acontecer dentro de 15 minutos se ninguém se apresentar cá fora a mandar-te entrar para receberes a rendição do Professor Marcello Caetano, dispara contra os vidros das janelas do primeiro andar, os vidros superiores só para assustar o pessoal que está lá dentro, o Comandante da GNR, o Marcelo Caetano, os ministros, para acelerar a rendição, e os Salgueiro Maia ficou com essa missão. Depois mantive o rádio aberto e comecei a contar os minutos, ao fim de 15 minutos nada tinha acontecido, eu entrei em contacto com o Salgueiro Maia, então? Não apareceu ninguém,

não há rendição? Não, não apareceu ninguém. Então manda disparar, parte os vidros das janelas superiores, houve ali uma hesitação do Salgueiro Maia havia muita gente e os disparos das armas a estralejarem poderiam provocar pânico, de maneira que o Salgueiro Maia demorou ali uns 2 ou 3 minutos e eu insisti com ele, não estou a ouvir nada Salgueiro Maia, manda disparar, manda uma rajada, parte os vidros, até que finalmente eu ouvi pelo rádio os vidros a serem partidos, os disparos das G3, esses disparos foram decisivos para a rendição do Professor Marcello Caetano, porque exactamente gera-se o pânico no interior do Comando Geral, só as esposas dos oficiais, do próprio Comandante Geral, que obriga o marido, num pânico terrível, exigir ao Marcelo Caetano a rendição. Está tudo acabado, acabou pá, e julgo que depois é isso que acontece, que é o próprio Comandante Geral da GNR que vai junto de Marcello Caetano e diz-lhe você tem de se demitir, tem de se render porque se não temos aqui uma situação gravíssima, estão aqui famílias de oficiais, crianças, senhoras, etc, não podemos suportar a situação.

Portanto foi uma aceleração grande para a rendição, que logo a seguir se vai dar com o Professor Marcello Caetano a telefonar para a residência do General António Spínola, o General António Spínola depois desse telefonema telefona para o Posto de Comando da Pontinha, falo com ele e o General Spínola diz-me Otelo eu acabo de receber aqui em minha casa uma chamada telefónica do Professor Marcello Caetano que está no Largo do Carmo, e ele pede-me para eu ir ao Largo do Carmo para receber o poder das mãos dele a fim de impedir que o poder caia na rua. O que é que o Otelo diz, vai o Otelo receber o poder, junto do Professor Marcello Caetano, manda lá alguém ou quer que eu cumpra essa missão? E eu disse-lhe meu General considere-se mandatado pelo MFA e desloque-se ao Largo do Carmo, com os seus amigos, para receber o poder das mãos do Professor Marcello Caetano. Entretanto o professor Marcello Caetano depois de ter feito este telefonema para o General Spínola manda alguém da GNR, e é o meu primo que cumpre essa missão, ir abrir as portas e ir ao Largo do Carmo falar com o Salgueiro Maia, comandante da força sitiante, o meu primo vai lá e pede ao Salgueiro Maia para se deslocar então ao primeiro andar para falar com o Professor Marcello Caetano.

E aí há uma conversa curiosíssima é que o Professor Marcello Caetano que vai informar ao Salgueiro Maia de que não há Generais no Posto de Comando, porque Salgueiro Maia estava convencido que o General Spínola e o General Costa Gomes estavam no Posto de Comando, tinha sido ludibriado por mim, quando eu dou a missão ao Salgueiro Maia em minha casa, eu morava em Oeiras na altura, chamo o Salgueiro Maia a minha casa porque ele vinha a comandar uma força importante, era a força mais importante do Movimento embora não tivesse nenhuma missão operacional de conquista de objectivos, a minha ideia de manobra era com a maior força que nós tivéssemos concentrá-la num espaço amplo, aberto, que era o Terreiro do Paço, a fim de atrair todas as forças paramilitares e as forças civis, a DGS, essa gente toda. Eu disse ao Salgueiro Maia, a única missão que tu tens a

fazer é, levas as tuas forças, vens por aí fora, saís da Escola Prática de madrugada, às três da manhã, aí pelas 5, 5h30 podes chegar a Lisboa, ao Terreiro do Paço, de maneira que vens por aí fora a artoar os motores todos dos blindados, entras pelo Campo Grande, não havia a 2ª circular então, Campo Pequeno, Avenida da República, Saldanha, Fontes Pereira de Melo, Marquês, Avenida da Liberdade, Restauradores, Rossio, Rua do Ouro, chegas ao Terreiro do Paço e instalas os blindados todos com os tubos montados para fora e ficas ali, ele fico ali a fazer o quê? Não fazes nada, vão lá ter contigo, GNR, PSP, DGS, Legião Portuguesa, vai lá tudo ter contigo, não te preocupes, Lanceiros 2, Cavalaria 7, as forças governamentais, militares e paramilitares e outras, vão lá todas ter contigo, e tu ficas ali a aguardar. Mandas um Pelotão guarnecer a segurança ao Banco de Portugal, a Marconi e ficas ali à espera. E foi isso que aconteceu, o Salgueiro Maia cumpriu, e disse-lhe ainda, olha se por acaso o ministro do Exército estiver no gabinete dele, no Terreiro do Paço, vais lá prendê-lo.

Aconteceu outra coisa curiosíssima porque o ministro estava mesmo no gabinete dele às 5h da manhã, a escrever discursos que ia fazer durante o dia, porque ia a Vendas Novas, e até Beja, para fazer discursos depois do 16 de Março. O ministro do Exército fica convencido que aquela força que cerca ali o Terreiro do Paço, é uma força amiga porque nessa altura ele já tinha indicação precisa de que está uma revolução em marcha o Movimento das Forças Armadas, com uma operação militar. E ele está convencido que essa força vem proteger os ministérios e fica surpreso quando afinal não era assim. O Salgueiro Maia telefona-me via rádio, chama pela rádio o Posto de Comando e qual não é a minha surpresa quando ele me diz, Óscar peço-lhe que venha imediatamente para o Terreiro do Paço um oficial superior, mas para que é que queres um oficial superior? Por acaso tinha ali oficiais superiores nessa altura comigo, mas para que é que tu queres oficiais superiores? É o que o ministro do Exército está lá no gabinete dele, e eu disse eh pá ótimo então faz o que te disse vai lá prendê-lo, mas não pode ser, porque segundo o regulamento, ele é General e o General só pode ser preso por um oficial superior e eu só sou capitão. Oh pá mas tu estás numa revolução e diz ele mas tem que ser, é o regulamento. Mandeí para lá, estavam comigo no Posto de Comando da Pontinha o Tenente-Coronel Correia de Campos de Cavalaria, que eu tinha designado para ir comandar Cavalaria 7, e estava o Major Jaime Neves, e então foram os dois para o Terreiro do Paço, quando lá chegaram já o ministro do Exército se tinha escapulado através da biblioteca do ministério da Marinha, portanto não foi cumprida a missão supérflua que eu tinha dado ao Salgueiro Maia, a meio da tarde como já disse mando o Salgueiro Maia para cercar o Largo do Carmo.

O Salgueiro Maia quando recebeu a missão em minha casa, quando eu lhe dei a missão eu disse-lhe, eh pá ao Salgueiro Maia não vais tomar apontamento de nada tudo aquilo que eu for ler é a minha ordem de operações, leio a parte geral e depois a parte que interessa como missão à Escola Prática, não tomas apontamento de nada, fixas tudo, se tiveres

dúvidas no fim quando eu acabar esta leitura, tu pões-me as tuas questões, pronto assim fiz, ele ouviu atentamente, no fim eu perguntei-lhe então tens questões a pôr? Eh pá tenho, duas questões que são, primeira temos base de sustentação política se a operação militar tiver êxito? Eu disse, temos sim senhor, o programa já está delineado, temos bases para a problemática do poder político do MFA, o programa está concluído, podemos apresentá-lo ao país logo a seguir. Então segunda questão, temos Generais no Posto de Comando? Eu disse temos com certeza, não faltam Generais no Posto de Comando por isso está lá tranquilo. Portanto ele saiu de minha casa com a missão e convencido de que há Generais no Posto de Comando, e porque é que eu fiz isto? Porque exactamente quando foi a altura do 16 de Março, no dia 13 de Março de manhã eu tinha ido a Santarém tentar regimentar a Escola Prática de Cavalaria, os Pára-quedistas para uma acção qualquer, uma acção maluca que visasse impedir a chamada brigada do reumático, os Generais que foram apresentar-se à Assembleia diante do Marcello Caetano, referir que as Forças Armadas estavam com o país e com a sua excelência o senhor Presidente, e com o Governo, para impedir essa brigada do reumático teria como consequência imediata a exoneração do Spínola e do Costa Gomes, das funções, quisemos organizar ali uma coisa rapidamente eu e mais 2 ou 3 camaradas que se juntaram outros da comissão do MFA, acabou-se por dar o 16 de Março que para mim foi proveitosa, porque acabei de recolher a ideia de manobra que eu depois apliquei no 25 de Abril.

Mas nessa altura quando fui a Santarém, reuni-me lá em casa do Capitão Bernardo, que era da Escola Prática, estavam quase todos da Escola Prática e Subalternos, e não estava o Salgueiro Maia, porque estava em trabalhos de campo, nessa residência do Capitão Bernardo, eu fiz a leitura de um papelinho que seria uma eventual ordem de operações e quando eu acabei a leitura o Capitão Morgado da Escola Prática de Cavalaria levanta-se e diz, oh meu Major eu queria perguntar o seguinte, essa ordem de operações vem assinada por um oficial superior? Eu disse não, é claro que não vem, nós estamos a impedir que se verifique o exoneração do General Spínola, estávamos aqui a tentar uma aventura no sentido de fazer qualquer coisa que impeça exactamente a brigada do reumático que vai ter lugar amanhã, então nós Escola Prática, não entramos. E quando eu distribuí 40 dias depois, quando distribui a missão ao Salgueiro Maia, quando ele me faz essa pergunta se temos Generais no Posto de Comando, eu lembrei-me exactamente daquilo que tinha sido 40 dias antes, a pergunta que tinha sido feita pelo Capitão Morgado, de maneira que disse-lhe que tínhamos Generais no Posto de Comando, porque se eu tivesse dito ao Salgueiro Maia que não havia Generais no Posto de Comando, que éramos só nós, o Movimento, o Salgueiro Maia era capaz de me dizer, então nós Escola Prática não entramos nessa operação. E eu precisava daquela força, precisava da força dos blindados para porém em choque e aflição as forças governamentais. Foi isto que aconteceu.

6) Os militares da GNR reagiram aos disparos sobre o Quartel do Carmo? Porquê?

Não reagiram. Exactamente porque a força que se lhes oponha com os blindados apontados para o Quartel era de tal maneira impressionante, imponente, que era suicídio tentar disparar contra quem quer que fosse. Qualquer disparo poderia levar à loucura de rebentar com o edifício, tiros de canhão de um carro blindado. Portanto não houve reacção nenhuma de disparo, não houve nenhum disparo realizado por militares da GNR sobre as forças ou sobre a multidão que se encontrava à frente no Largo do Carmo.

7) Existiam civis e crianças no interior do Quartel do Carmo? Porquê?

Sim. Eu não sabia que estavam lá civis. Portanto era um dia de serviço normal, não sabia que havia residências, o meu primo não me tinha informado disso, que havia residentes, senhoras e crianças no interior do Comando Geral. Eu estava convencido que o Comando Geral era um Quartel-General, portanto só haveria lá dentro militares, não fazia ideia que houvesse também ali residentes senhoras e crianças. Mas julgo que sim, soube mais tarde que havia lá. Julgo que a própria esposa do Comandante Geral da GNR se encontrava no interior do Quartel, e tinha lá residência, o que para mim foi um espanto, estava convencido que aquilo funcionava exclusivamente como Quartel-General e daí que eu tivesse, inclusive, mandado disparar, se eu conhecesse a existência de residências onde moravam familiares talvez não tivesse mandado o Salgueiro Maia fazer aqueles disparos que foram feitos contra os vidros e as paredes superiores do Quartel. Mas ao fim e ao cabo acabou por ser se útil porque não tendo ferido ninguém, foram esses disparos que aceleraram a rendição do Quartel do Carmo e do Marcello Caetano.

8) A GNR teve um papel fundamental na resolução do 25 de Abril de 1974? Porquê?

Teve exactamente por isto. Porque sendo o Quartel do Carmo, onde se acolheu o Presidente do Conselho de Ministros perante a acção das forças sitiadas vai levar a que o próprio Comandante da GNR acabe por obrigar praticamente o Presidente do Conselho de Ministros e os ministros a apresentarem a sua rendição perante as forças do MFA.

9) A GNR saiu como derrotada do 25 de Abril de 1974? Porquê?

A nossa intenção aqui não era de facto derrotar qualquer outra força, era impor a nossa força e perante ela, as outras forças reagiriam de uma forma ou de outra, cumprindo a sua missão, e a missão da GNR era a protecção, defesa, segurança da república, do Regime que vigorava na república, e foi isso que a GNR fez, até a um ponto em que chegou à conclusão que aquele Governo já não existia, estava rendido, tinha que apresentar a sua rendição e portanto a partir daí tudo se iria alterar. Não saiu como derrotada do 25 de Abril,

a GNR. Quem de facto saiu derrotado é um Governo que persistia num tipo de política que não interessava rigorosamente nada ao povo do nosso país. A GNR é uma força que tem a sua missão, que a cumpre cabalmente e não sai derrotada, nem a GNR, nem a Polícia de Segurança Pública. Quem sai derrotada são as forças pró fascistas, que é essencialmente a DGS e a Legião Portuguesa, essas saem francamente derrotadas. Tanto que nós logo a seguir ao 25 de Abril salvamos toda a perspectiva de extinção da GNR ou da Polícia, não está minimamente na nossa perspectiva mas liquidamos a existência de DGS e da Legião Portuguesa, essas forças é que são liquidadas. Também não extinguímos Cavalaria 7, nem os Lanceiros 2, mantêm-se nas unidades, tendo sido francamente opositoras do Movimento no 25 de Abril. Portanto nunca consideramos aqui vencedores e derrotados. Derrotados sim, derrotadas foram as forças fascistas, foi o fascismo, portanto aquilo que representava organizações mecanismo de poder para o fascismo como essencialmente eram a DGS e a Legião portuguesa.

**10) A GNR soube adaptar-se ao processo que se seguiu ao 25 de Abril de 1974?
Porquê?**

Soube, porque a GNR é uma força isenta, estava ao serviço da República do Presidente da República, da República enquanto Regime. Logicamente manteve-se a República, não houve aqui regresso à monarquia como tal a Guarda Nacional Republicana mantém-se ao serviço da mesma. Houve aqui só uma mudança de sistema político, passou-se para uma democracia parlamentarista, abandonou-se portanto a ditadura e a GNR está perfeitamente integrada no âmbito dos caminhos da República, neste caso nos caminhos da segunda República.

11) Qual a verdadeira razão para a revolta que deu origem ao 25 de Abril de 1974?

A verdadeira razão, fundamentalmente o fundo da questão é este, tínhamos já a percepção muito clara, o conhecimento total de que o Governo que assistia no país, era a continuação da ditadura salazarista, era um Governo que não era querido, longe disso, pela esmagadora maioria do povo português. As condições de vida do povo português pioraram quando se deu início a Guerra Colonial. O avanço da Guerra Colonial permitiu-nos ir tendo a percepção de que era uma Guerra que poderia ter sido perfeitamente evitada, mas que por teimosia e por uma perspectiva histórica errada por parte de Salazar, não só teve início como teve continuidade. Foi uma Guerra que durou 13 anos uma Guerra que podendo ter sido evitada, não o foi por culpa do ditador, mas que depois após a morte deste teve continuidade, que fazia já parte da política colonial do Governo ditatorial. Ora bem o agravamento era de tal ordem que mais de 40% do orçamento de estado era destinado às Forças Armadas e à continuidade da Guerra. Portanto havia uma pobreza muito grande no povo, uma angústia muito grande, a situação de Guerra nunca se sabia quando é que lá

vinha a notícia de mais uns não sei quantos soldados, uns quantos cabos, oficiais que morreriam em combate de uma forma perfeitamente desnecessária. Até que tomamos consciência de que era necessário acabar com aquilo tudo, era necessário acabar com o Governo acabar com a ditadura, o país estava completamente isolado a nível europeu, a nível ocidental, e nós queríamos integrar o país no espaço europeu, sabíamos que iríamos correr o risco de ficarmos sem aquilo que era a nossa despesa, que eram as Colónias, onde nós poderíamos retirar matérias-primas a preços muito reduzidos e alimentar aqui a indústria transformando-as aqui em Portugal. Mas era um risco que tínhamos de correr, eram 4 séculos de história, não sei quantos de descobrimentos, mas era um risco que tínhamos de correr.

É assim os Movimentos de libertação tinham a sua vitória porque alcançavam finalmente a independência para os seus povos, o que era perfeitamente justo, e nós ficávamos sem essas matérias-primas, sem esses bens que eram representados pelas Colónias, mas reintegrávamos o espaço europeu e teríamos com certeza o apoio para essa reintegração. Isto desde que conseguíssemos reinstalar a democracia representativa em Portugal, portanto para isso era necessário eliminar a ditadura acabar com ela, como se tinha chegado à conclusão que ela não acabaria por si, não se extinguiria, então tinha de ser por uma acção de força, foi essa a nossa conclusão, portanto temos de ir para uma acção de força para uma operação militar, que vise derrubar o Governo para reinstalarmos a democracia tendo como consequências várias, que é o desenvolvimento do país através de apoios que vamos receber da OCDE, da Comunidade Europeia e vamos descolonizar, com certeza é o que vai acontecer porque a tese do General Spínola, expressa no livro dele, publicado em 22 de Fevereiro de 1974, já não tinha cabimento na altura, isto é já se tinha avançado tanto na Guerra que aquela proposta de fazer uma federação de estados independentes, que era a proposta do General Spínola, para dar um espaço, chamado a portugalidade, países em que se falava a língua portuguesa, todos federados em estados independentes mas subordinados, subordinados não, mas com o poder político central em Lisboa, já não tinha cabimento. Os povos queriam ser de facto independentes, os Movimentos de libertação apontavam apara aí, já não havia esta subordinação tal como fazem os países de língua inglesa em relação à Rainha de Inglaterra, ela é que é a soberana. Já não tinha cabimento nessa altura para o nosso país.

12) Qual o motivo do fracasso do 16 de Março de 1974? Qual a acção da GNR?

O 16 de Março, como já lhe disse há pouco, foi uma coisa organizada à pressa, muito rapidamente e só com a perspectiva de impedir que se realizasse a brigada do reumático. Isto é que os Generais dos três ramos das forças armadas fossem à Assembleia Nacional junto do Marcello Caetano, presidente do conselho de ministros, assegurar-lhe fidelidade das Forças Armadas portuguesas e o voto de continuidade da política colonial seguida pelo

Governo. Ora esses Generais já não representavam de facto o sentimento das camaradas jovens do Exército de Majores, de Capitães e Tenentes, que já não se viam representados por aqueles Generais, para evitar que essa brigada do reumático se realizasse na Assembleia Nacional tendo como consequência imediata, e era o argumento que o Marcello Caetano precisava para demitir Costa Gomes e Spínola das funções de Chefe Estado Maior das Forças Armadas e Vice Chefe de Estado Maior das Forças Armadas, porque se tinham oposto praticamente, o Spínola com o livro e o Costa Gomes porque como Chefe de Estado Maior tinha dado luz verde para a publicação do livro do General Spínola, isto contrariando aquilo que o Marcello Caetano disse ao Costa Gomes, que não aceitava a publicação do livro, e os Generais mesmo assim publicaram. A exoneração era obviamente o que seguiria à brigada do reumático. Portanto foi para evitar a brigada do reumático, consequentemente a exoneração dos Generais, que nós quisemos fazer qualquer coisa.

Era para se fazer dia 13 de Março, na madrugada de 13 para 14 porque em 14 era a brigada do reumático, e nós para evitar que isso acontecesse íamos lançar Golpe Militar. Mas aquilo não tinha estrutura nenhuma, a malta queria fazer, os Tenentes, as Escolas Práticas e Capitães das Escolas Práticas, que estavam disponíveis mas não havia nada estruturado, nem sequer pensamos, de maneira que foi assim. São coisas do acaso. No dia 13 de manhã fui lá a Santarém, tentar aliciar. No dia 11 eu recebi um telefonema do ajudante do General Spínola que era o Capitão António Ramos, que era Pára-quedista, já falecido, encontrei-me com ele almoçamos juntos e ele entretanto trazia um pedido do General se nós, nós Movimento, não fazíamos qualquer coisa para impedir a exoneração deles, porque já se sabia que isso ia acontecer. Eu disse que realmente não tínhamos previsto fazer nada, e ele dizia mas é que assim o nosso General e o Costa Gomes vão ser exonerados, e eu disse-lhe paciência, mas nós não temos nada estruturado. Mas qual era a ideia do General, perguntei-lhe eu e o Ramos disse-me o General manda-me dizer que vocês podiam fardar-se de uniforme nº 1 com as condecorações todas, espada, ir para a frente do Terreiro do Paço, para a frente do mistério do Exército fazer uma manifestação. Disse-lhe isso pá não tem cabimento estas a ver o que são 40, 60, ou até 100 oficiais que sejam, ir fazer uma manifestação, com as suas condecorações, fardados de nº 1 à frente do ministério do Exército a reclamar que não haja brigada do reumático. Eh pá está lá a DGS, tira fotografias a todos depois processa uns, processa outros, desmancha isto tudo e o Movimento dissolve-se, eu não quero que isso aconteça. Bem esta conversa transmito a um camarada meu que era Major na altura Casanova Ferreira, que tinha acabado de regressar da Guiné, ele e o outro o Manuel Monge, que era um spinolista tramado, que é hoje governador civil no distrito de Beja, transmito esta conversa e o Casanova diz o nosso General tem de meter não tem de meter o bedelho, tu é que organizas aí o Movimento, faz aí uma reunião com o pessoal, juntas Escolas Práticas, Tenentes, Capitães que eu quero falar com eles, faz alguma coisa mas não é nada disso, nada de manifestações. Bem

contactei com os Tenentes e Capitães das Escolas Práticas para uma reunião no dia 12 de manhã, na casa do Casanova Ferreira, ali em Rio de Mouro, nas Mercês, de maneira que contactei o Casanova, o Monge e membros do MFA, e o Casanova que era muito querido entre os Capitães, tinha sido instrutor deles na Academia Militar, e o Casanova expõe ali que há a necessidade de fazer qualquer coisa, e os Capitães das Escolas Práticas, disseram sim senhor nós estamos aqui, vamos embora. E eu via aquela coisa mal parada, estava preocupado, mas estava metido no meio daquilo por isso disse vamos embora eu alinho. No dia 12 à tarde fizemos outra reunião, agora mais restrita, sem os Capitães das Escolas Práticas, mas sabendo já que eles já estavam disponíveis para entrar, e então reunimos aqui na calçada da ajuda, na residência do Casanova, outra vez, e então ali o Casanova esboçou um pequeno esquema, um papelinho, que visava uma entrada em operações de malta a entrar em acção e cada um tinha as suas missões a cumprir, as Escolas Práticas iam actuar, vinham de Santarém a Escola Prática de Cavalaria depois logo saberia o que é que haviam de fazer, a Escola Prática de Artilharia logo sabia o que é que haveria de fazer, enfim havia ali uma dispersão muito grande de atenção, o que interessava era fazer alguma coisa e nesse sentido, que eu para tentar aliciar com aquela ordem de operações a Escola Prática de Cavalaria e os Pára-quedistas de Tancos, fui a Santarém no dia 13 de manhã, para uma acção que iria ser desencadeada de 13 para 14. Portanto levei um nega da Escola Prática de Cavalaria, foi a tal coisa que eu já relatei, lá em casa do capitão bernardo ainda fui almoçar com outro Alferes que era da comissão coordenador executiva, fui almoçar com ele a Almeirim, depois do almoço regressei outra vez a Santarém porque tinha pedido aos camaradas da Escola Prática de Cavalaria para me contactarem os Pára-quedistas de Tancos para eu ter uma reunião com eles em Santarém, depois do almoço em Almeirim fui outra vez para Santarém e então consegui-me reunir com 4 Pára-quedistas que vieram de Tancos para falar comigo. Expus-lhes o que pretendia, eles não mostraram vontade também, mas então disse, vamos lá ver hoje à tarde, dia 13 às 18h vamos fazer uma reunião numa residência que eu já tinha conseguido no Dafundo de maneira que peço lá a um representante vosso, lá vai estar o Casanova, e ali vamos ver se vai ser preciso fazer alguma coisa e o que é que se pode fazer. Essa reunião fez-se, e veio o Avelar de Sousa, Capitão Pára-quedista. O Casanova Ferreira, eu, o Monge, o Garcia dos Santos uma malta da comissão executiva e outra vez o pessoal das Escolas Práticas para distribuir missões, à Escola Prática de Artilharia, Infantaria e Cavalaria. Quando eu faço a leitura outra vez do papelinho que tinha lido em Santarém nesse mesmo dia, o Avelar de Sousa que vinha a representar os Pára-quedistas e a Escola Prática de Cavalaria, pediu a palavra e disse ao meu Major desculpe mas eu quero afirmar que perante isso, isso que aí está não é nada, nós não vemos porque é que se há-de empenhar o Movimento numa acção de aventura que corre sérios riscos de fracasso, só para tentar impedir a exoneração do General Spínola e do General Costa Gomes, se eles forem exonerados de funções, o

Movimento acaba, termina? Eu disse-lhe não, nem pensar nisso. O Movimento é uma coisa, os Generais são outra. Então qual é o problema? É que nós não entramos nessa aventura, Pára-quedistas e Escola Prática de Cavalaria. Eu fiquei aliviadíssimo, pensei eh pá, tens toda a razão, eu também discordo. Casanova desculpa lá mas eu já tinha dito isto, é uma aventura sem pés nem cabeça, isto não vai conduzir a sítio nenhum, isto não é nada, não há comunicações, não há ordens concretas, não há uma cadeia de comando prevista, isto não é nada, portanto ele tem razão, o Movimento determina através de mim que não acção nenhuma, fica tudo sem efeito, portanto vocês regressem às escolas práticas, acabou. Então o Avelar Sousa dos Pára-quedistas ficou de me entregar dia 23 de Março, a ordem de operações para eu a ver e estudar.

Nesse mesmo dia 13 há um tipo, há um famoso Capitão Vergílio Varela que era um daqueles capitães e oficiais que tinham entrado no ano anterior em 73 no quadro permanente, ao abrigo dos decretos que lhe disse que originou o Movimento dos Capitães, que tinha entrado já no quadro permanente e que tinha no General Spínola um apoio considerável, porque o próprio Capitão António Ramos, ajudante do General Spínola também era oriundo de miliciano. Logo que o General Spínola tomou posse como Vice-Chefe Geral das Forças Armadas, este grupo de antigos oficiais milicianos que cobertos pelos decretos de Julho e Agosto de 73 iam entrar já no quadro permanente estavam em confronto connosco MFA, porque estavam a ver que corriam o risco de ser chutados outra vez do quadro permanente, porque os decretos já tinham ficado sem efeito devido à pressão que o Movimento dos Capitães, fez entre Junho e Outubro de 73, em finais de Outubro de 73 o Marcello Caetano foi anular os decretos que tinham levado à formação do Movimento dos Capitães, isto é a força do Movimento dos capitães tinha sido de tal ordem que o Marcello rasgou os decretos. Entretanto já tinham entrado nessa altura uma série de antigos oficiais milicianos, que estavam na vida civil, entraram no Quadro Permanente assim de repente e o Regimento de Infantaria da Caldas tinha lá, não posso precisar, mas talvez de 6 a 10 oficiais milicianos, que quando o General Spínola tomou posse como Vice-Chefe do Estado Maior, tinham obtido através do Ramos uma audiência com o General Spínola e o Spínola tinha-lhes garantido que ele como Vice-Chefe ia tratar disso e que eles não iriam nada saltar do Quadro Permanente, iam manter-se. Agora prevendo a exoneração do Spínola em virtude da brigada do reumático esses camaradas antigos oficiais milicianos, já agora no Quadro Permanente que estavam agora no Regimento de Infantaria das Caldas viram-se órfãos. No dia 13 terminada esta reunião no Dafundo, eu vou para casa, acabou tudo, o Casanova quando está em casa às 2h da manhã de dia 14 recebe a visita inesperada de o Capitão Vergílio Varela que estava no Regimento de Infantaria das Caldas da Rainha e que veio dizer ao Casanova que já tomou conhecimento de que não vai haver nenhuma acção, mas que não aceitaram essa minha determinação em nome do Movimento e vão para a rua, vão fazer uma marcha sobre Lisboa. Diz que vai estar a representar o Movimento das Caldas da

Rainha, o MFA nas Caldas. Isto acontece na madrugada de 14 para 15. No dia 13 foi a reunião do Dafundo, no dia 14 é a brigada do reumático, eu assisto pela televisão à questão da brigada do reumático, com o Casanova, na sala de oficiais da Academia Militar, ficamos chateados com aquilo, no dia 15 era oficiada a exoneração do General Spínola e do General Costa Gomes.

Eu e o Casanova estávamos na Academia Militar, vamos para casa do Monge, que era ali em Mira Flores, Algés. Isto foi anunciado no jornal da 20h da RTP, estávamos a discutir isto, que chatice, pronto os Generais lá foram exonerados, quando entretanto, às 21h do dia 15, o Monge recebe uma chamada telefónica de Lamego, do Centro de Instrução de Operações Especiais de Lamego, do Capitão Manuel Ferreira da Silva, Capitão Comando, que era muito amigo do Monge, a dizer que tinham acabado de ver na televisão os Generais e a brigada do reumático e a exoneração do Spínola e que não tinham aceitado, nem a brigada do reumático, nem a exoneração dos Generais e então iam marchar de Lamego para o Porto para tentar exonerar o General Comandante da Região Militar do Porto. Afinal de tudo aquilo que eu tinha determinado no dia 13 ia ficar sem efeito, o Casanova entusiasmadíssimo, quando o Monge lhe conta do telefonema, pergunta-me se eu ainda tenho papelinho de dois dias antes, eu tenho ali o papel e rapidamente ali, o Casanova, o Monge, eu e um capitão antigo miliciano que vinha dizer que as Caldas estava sobre rodas e estava pronta para sair, também se tinha juntado a nós em casa do Monge, nós os 4 resolvemos ali rapidamente remontar tudo que tinha ficado sem efeito e é assim que isso acontece. O Casanova Ferreira propõe-se a ir a Santarém para trazer de lá o esquadrão de carros de combate, o Monge fica em casa a aguardar os nossos telefonemas para acompanhar o que é que vai acontecendo e outras unidades, eu sou nomeado para ir à Escola Prática de Infantaria de Mafra para trazer de lá uma Companhia de atiradores, e à Escola Prática de Artilharia de vendas novas trazer de lá uma bateria de artilharia, o Capitão Ramos, o tal antigo Pára-quedista que se tinha juntado a nós em casa do Monge, disse logo então eu vou às Caldas dizer ao pessoal que está tudo em marcha e que sim senhor podem avançar. E então eu telefono para Vendas Novas e falo com o oficial do dia de Vendas Novas que é o Capitão Duarte Mendes. Era o Duarte Mendes que estava de serviço, eu digo, prepara aí uma bateria de artilharia, manda isso para a ponte de Salazar, que eu depois lá farei chegar alguma indicação. Ele disse logo oh meu Major, isto é fim-de-semana não está cá ninguém, estou eu, está o sargento de dia, está o piquete de intervenção, mas não temos ninguém na unidade, é fim-de-semana o pessoal foi todo para casa. Aí fiquei logo tramado, eh pá de facto é. Mesmo assim fui à Escola Prática de Infantaria, telefonei para lá a avisar que ia, cheguei lá às três da manhã a Mafra, um nevoeiro monstruoso e lá estava um Capitão envolvido num capote à porta da Escola Prática de Infantaria, eu parei o carro, chamei-o e disse, eh pá então sempre é possível arranjar aí uma Companhia de atiradores para ir para Lisboa, ele disse oh meu Major, não está cá ninguém é fim-de-semana, o meu

Major disse anteontem que tinha ficado sem efeito portanto está tudo desarmado, foi toda a malta de fim-de-semana, não temos cá ninguém está o pessoal de serviço. Regressei a Lisboa, e a minha aflição depois foi saber o que é que estava a acontecer, quando estava a chegar a casa do Monge, às 5h30 da manhã, em Miraflores vejo parado à minha frente um carro, aí a uns 50 metros de mim, o carro estaciona, abrem-se as 4 portas, saem de lá 5 indivíduos de gabardine, chapéu a esfregar as mãos, um deles a apontar para o prédio e para o andar do Monge, eu vi que era a DGS que estava no terreno.

A DGS já tinha estado em casa do Almeida Bruno, prenderam o Almeida Bruno, que estava na Academia Militar era o comandante do Batalhão do Corpo de Alunos, a festejar os touros com a malta de Engenharia, prenderam estupidamente o Almeida Bruno porque não tinha nada a ver com aquilo, e eu fiquei aflito. Pensei a PIDE está no terreno, vou a casa do Monge, nem parei subi por ali fora e pensei e agora o que é que vou fazer, o que é que está aqui a acontecer, não havia comunicações, não havia telemóveis, não havia nada, de maneira que fui para a rotunda da Encarnação a pensar, virá de facto o Casanova com um Esquadrão de Blindados da Escola Prática de Cavalaria, virá o Ramos com a coluna das Caldas da Rainha? A Escola Prática de Artilharia não vem a de Infantaria também não vem, essas que ficaram por minha conta não vêm, o que é que acontecerá, e fiquei ali aflito. Estando ali vi que a partir das 6h 6h30 da manhã carros parados com indivíduos cá fora a fumar a sua cigarrada à paisana, carros civis, era a malta da DGS que havia no terreno, à espera já de colunas que viessem do Norte. Telefonei para casa do Monge, para saber se ainda lá estava a DGS, atendeu-me a mulher dele, a DGS já se tinha ido embora mas tinham feito busca à casa do Monge, busca total, mas que o Monge não estava lá, o Casanova tinha chegado de Santarém, tinha ido a casa do Monge, aquilo que eu tinha feito também, e disse que não veio ninguém com ele de Santarém e então foram os dois para as Caldas da Rainha para ver se conseguiam travar a coluna das Caldas, porque esta vinha a caminho e eu fiquei ali sem saber o que fazer, fiquei ali a ver a movimentação das forças governamentais. Entretanto ali no alto da Encarnação, vi além da DGS que já lá estavam, vi chegar uns indivíduos de uniforme negro, boina negra, facto macaco negro, da Legião Portuguesa, Força de Intervenção, GNR, Cavalaria 7, Lanceiros 2. Eu pensei, por causa de uma coluna, nessa altura já sabem que é uma coluna que vem em Movimento, está aqui esta malta toda, se eu agarrar uma força e a puser num espaço amplo em que possa acorrer muita gente, tipo Terreiro do Paço, esta malta vai toda para lá e entretanto eu posso conquistar objectivos perifericamente, e foi isso que se fez no 25 de Abril. Eu tive ali a topar e ajuizar a minha ideia de manobra, nessa altura. Esta batalha está perdida, e bem.

Depois ainda tentei furar por ali mas um elemento da DGS, com uma pistola-metralhadora, um jornal enrolado no braço, veio ter comigo a perguntar-me onde é que ia, eu disse-lhe que queria ir para o Norte, ele responde que está tudo bloqueado, mandou-me desviar. De maneira que andei por ali, depois lá consegui regressar, depois começou a ficar

tudo desbloqueado, já que a coluna tinha sido parada. Foi parada pelo Casanova e pelo Monge, e tinha regressado às Caldas, onde tinha foi cercada pela Escola Prática de Cavalaria. Aquilo foi uma aventura. Julgo que a coluna das Caldas vinha a caminho de Lisboa, a coluna é avistada pelo Monge e pelo Casanova Ferreira, que iam de carro, avistam-na, param o carro, passam para o outro lado, são reconhecidos, mandam parar a coluna, dizem o que é que se está a passar, que ninguém entrou em acção, não há mais coluna nenhuma e que eles estão isolados, e portanto que toda aquela coluna passa outra vez para a faixa contrária e regressa às Caldas. Depois a mando do 2º Comandante da Região é que forças da Escola Prática de Cavalaria vão cercar as Caldas da Rainha e vão obrigar à sua rendição. A Escola Prática de Cavalaria não entra naquela aventura e vai fazer o cerco aos revoltosos das Caldas, logo ganha mais confiança das forças governamentais. Agora quem é preso, além do Monge e do Casanova, é o Tenente-Coronel Almeida Bruno. O Marcello Caetano ficou convencido que a batalha, aquela batalha contra o Spínola, que era um General prestigiado, que afronta a política seguida pelo Governo, do Marcello Caetano, que o Spínola fica isolado, não prendem o Spínola, porque são-lhe retirados apoios dos seus militares, dos seus camaradas e que portanto aquilo fica sem efeito.

No 16 de Março, eu julgo que a GNR vai ter uma acção muito limitada. Eu vi elementos da GNR na rotunda da Encarnação, foi o Governo que os mandou para lá. Foi tudo para lá, vieram forças fieis, incluindo o BC5, que nós tínhamos lá Capitães e que depois tiveram uma acção altamente maioritária no 25 de Abril, mas o 2º Comandante do BC5 que era o Tenente-Coronel Vinhas, que eu tinha conhecido na Guiné, ali comandar forças do BC5 e está lá ele um dos elementos mais activos para o Regime que está em campo. Os nossos Capitães de lá mantêm-se fiéis ao Movimento e depois eu volto lá no 25 de Abril, de forma altamente meritória.

As forças da GNR, no 16 de Março vi-os na rotunda da encarnação e soube depois que fizeram a protecção do Marcello Caetano em Monsanto.

Caracterização da Amostra

Idade: 72 Anos

Sexo: M ☒ F ☐

Posto: Tenente-Coronel

Função: Reforma

No 25 de Abril de 1974

Posto: Major

Função: Adjunto 3ª Repartição

Contexto da Entrevista

Local: Residência Carnaxide

Data: 05 de Março de 2009

Hora: 16 H 00 M

ANEXOS

ANEXO N - RELATÓRIO DA OPERAÇÃO “FIM-REGIME”

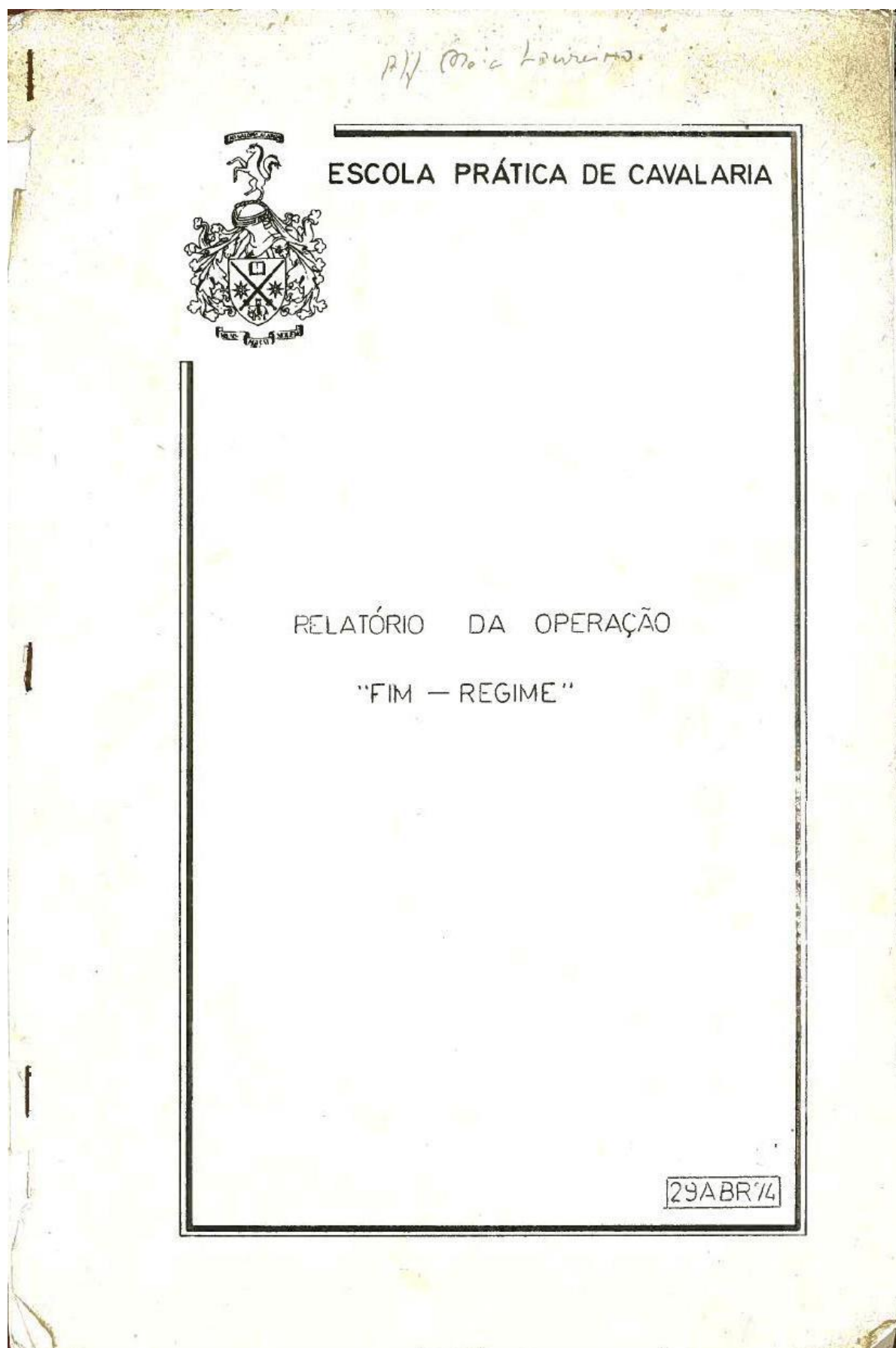


Figura N.1: Relatório da Operação “Fim – Regime”

Fonte: Relatório da Operação “Fim - Regime”

CONFIDENCIAL

OPERAÇÃO FIM REGIME

Referências : Carta Topográfica de Lisboa
Escala aprox. 1/25.000

Exemplar Nº.
R.M.T.
E.P.C.
291600ABR74
M A 1

1. SITUAÇÃO

a. Forças IN

- Conforme ordem de operações MOFA 2312ABR74

b. FORÇAS amigas

- Idem

c. Reforços

- Nada

2. MISSÃO

- Instalar em Lisboa controlando os acessos ao Banco de Portugal, Companhia Portuguesa Rádio Marconi e Terreiro do Paço estabelecer ligação com o PC na sede de ligação FOX TROT 2.

3. EXECUÇÃO

a. Conceito da Operação

- Deslocar na madrugada de 25ABR74 um Esq.Rec. a 10 Viaturas Blindadas e um Esq. de Atiradores a 160 homens com 12 Viaturas de transporte pessoal, 2 Ambulâncias e 1 Jeep. Estas forças deviam iniciar o movimento pelas 03H00 e deslocar-se o mais rapidamente possível afim de entrar em posição ainda de noite.

b. Constituição da Força

COMANDANTE - CAP.CAV^o. Salgueiro Maia

CMDT Esq. Atir.Auto Transportado - CAP.CAV^o. Tavares de Almeida

CMDT Esq. Rec. - TEN.CAV^o. Santos Silva

1º.PEL.ATIR. - Alf.GRAD. CAV^o. Marcelino

- 1º.Cabo Mil^o.Azevedo 4 COM

- 1º.Cabo Mil^o.Mata 8 CSM

- 1º.Cabo Mil^o. Tomás 4 Praças

2º.PEL.ATIR. - ALF.MIL^o.CAV^o. David

- Furriel Mil^o. Oliveira 4 COM

- Furriel Mil^o. L.Carvalho 8 CSM

- Furriel Mil^o. S.Sousa 4 Praças

3º. PEL.ATIR.- ALF.MIL.CAV^o. - Ribeiro

- Furriel Mil^o. Costa

- Furriel Mil^o. Sena 4 COM

- Furriel Mil^o. Duarte 12 CSM

CONFIDENCIAL

...//...

Figura N.2: Relatório da Operação “Fim – Regime”

Fonte: Relatório da Operação “Fim – Regime”

CONFIDENCIAL		14.2
...//...		
4º.PEL.ATIR.	- ALF.GRAD.CAVª. Medeiros	
	- Furriel Milº Marques	4 COM
	- Furriel Milº. Neto	8 CSM
	- 1º.Cabo Milº. Simões	4 Praças
5º.PEL.ATIR.	- ALF.QBO CAVª. Graça	
	- Furriel Milº. Santos	4 COM
	- Furriel Milº. Mendes	8 CSM
	- Furriel Milº. C.Rodrigues	4 Praças
6º.PEL.ATIR.	- ALF.MILº.CAVª. Beato	
	- Furriel Milº. Rodrigues	4 COM
	- Furriel Milº. N.Cardoso	8 CSM
	- 1º.Cabo Milº. Alexandre	4 Praças
7º.PEL.ATIR.	- ALF.GRAD.CAVª. Rodrigues	
	- Furriel Milº. Guerreiro	4 COM
	- 1º.Cabo Milº. Vasconcelos	13 CSM
8º.PEL.ATIR.	- TEN.MILº.CAVª. Sousa e Silva	
	- Furriel Milº. Correia	4 COM
	- Furriel Milº. Constantino	8 CSM
	- Furriel Milº. R.Carvalho	4 Praças
1º.PEL.REC.- EBR. 1ª.-	Alf.Milº.CavªMaia Loureiro	
	- Furriel Milº. Lutas	1 Praça
	- 1º.Cabo Milº. Rolo	
	2ª.- ALF.MILº.CAVª.Climaco Pereira	
	- Furriel Milº. Gonçalves	2 Praças
	3ª.- ASP.MILº.CAVª. Sampaio	
	- Furriel Milº. Henrique Silva	2 Praças
ETT.	- Furriel Milº. Sebastião Silva	4 Cabos
		5 Praças
2º.PEL.REC.AML - CHAIMITE		
1ª. - TEN.CAVª. Santos Silva		
	- Furriel Milº. Carmona	1 Praça
2ª. - ALF.CAVª. Cardoso		2 Praças
1ª. - ASP.Ricciardi		
	- Furriel Milº. Correia da Silva	9 Praças
2ª. - Furriel Milº. Cabral		
	- Furriel Milº. Raposeiro	8 Praças
CONFIDENCIAL		...//...

Figura N.3: Relatório da Operação “Fim – Regime”

Fonte: Relatório da Operação “Fim – Regime”

CONFIDENCIAL

Pag. 3

...//...

3º.PEL.REC.MISTO

HUMBER	- ALF.MILº.CAVº. Pedrosa de Oliveira	
	- Furriel Milº. Pimenta	1 Praça
FOX	- Furriel Milº. O.Matos	1 Praça

COMANDO

- TEN.CAVº. Correia Assunção	
- Furriel Milº. Ilharco	
- 1º.Cabo Milº. Lebreiro	1 Praça

Em Viatura Civil à frente da Coluna

- ASP.MILº.CAVº Laranjeira
- ASP.MILº.CAVº.Calado de Oliveira
- ASP.MILº.CAVº.Mota de Oliveira

c. Desenrolar da Acção

Pelas 233023ABR74, fui informado pelos SENº.CAVº. Santos Silva e Sardinha que um contacto de movimento se encontrava na Pastelaria Bijou, tendo-me deslocado ao referido local encontrei o Sr.Capitão CAVº. Valente e ADM.MIL.Torres que conduzi ao meu carro, tendo posteriormente estacionado em frente ao portão Chaimite na Rua que conduz ao Liceu. Nessa altura recebi a Ordem de operações assim como outras directivas. Durante o espaço de tempo que durou o contacto, fui vigiado e posteriormente seguido por 2 homens que se deslocavam num Toyota Corola novo, de cor amarela e matrícula LA - 90-83.

No dia 24 pela manhã, foram contactados os primeiros Furrieis Mils.visto que a ideia de manobra era só de conhecimento de cerca de 6 Oficiais do Q.P. e 3 Oficiais Mils. Os Furrieis Mils. contactados mostraram-se totalmente colaboradores e prontos a contactar outro pessoal.

A adesão dos graduados Milicianos foi total e dedicaram-se todo o dia com afinco a organizar e a aprontar o material.

Como a Escola estava vigiada pela D.C.S. e afim de não se notar algo diferente no movimento normal os Graduados aliciados entraram no Quartel à civil e individualmente até ao fechar da Porta de Armas pelas 21H30, dirigindo-se imediatamente aos quartos onde se combinaram em pormenor as operações a desenrolar e o dispositivo a adoptar ao mesmo tempo que escutavam as Emissões dos EAL. e Rádio Renascença afim de ouvir o sinal de execução.

Pelas 00H45 o Ex.mo Major CAVº. Costa Ferreira, Capitão CAVº. Garcia Correia, Bernardo e Aguiar tentaram aliciar o 2º. Comandante da E.P.C. TEN.COR.Sanches, único Oficial superior que permanecia no Quartel.

Posteriormente foram ao Gabinete todos os Oficiais para informar que o apoio ao Movimento era total, mas não houve adesão do 2º.Comandante. Pelas 01H30 deu-se ordem para acordar todo o pessoal e formarem na Parada onde cada Comandante de Esquadrão pôs ao corrente a situação o pessoal sob as suas ordens e da parte destes a adesão foi total.

Figura N.4: Relatório da Operação “Fim – Regime”

Fonte: Relatório da Operação “Fim – Regime”

CONFIDENCIAL

...//...

ao ponto de a quase totalidade quererem marchar sobre Lisboa.

Pelas 03H20 o pessoal encontrava-se equipado, armado e municiado e com 2 rações de combate por homem.

Pelas 03H30 saiu-se da E.P.C. com destino ao Terreiro do Paço que foi alcançado sem dificuldades de maior.

Pelas 05H30. No itinerário para o Terreiro do Paço passamos por viaturas da Polícia Segurança Pública no Campo Grande e Polícia de Choque na Avenida Fontes Pereira de Melo. As referidas forças não se manifestaram. Antes de alcançar Entrecampos fomos contactados pelo Ex.mo Major Arruda que se deslocava num Austin Mini Creme. Na altura da entrada em dispositivo no Terreiro do Paço a P.S.P. que cercava a zona não interferiu na nossa acção e colaborou no isolar da mesma para com a população. Ao mesmo tempo entrava na zona um pelotão reforçado AML/Chaimite do R.C.7 comandado pelo Alferes Mil^o. David e Silva que aderiu de imediato ao Movimento. O Ministério do Exército era guardado por 2 Pelotões P.M. comandados pelos Aspirantes Saldida e que também de imediato se colocaram sob as minhas ordens e foram ocupar o lado oposto do Edifício do Ministério, conforme lhes ordenei. Deste pessoal 7 homens permaneceram dentro do Ministério por as portas se encontrarem fechadas tendo sido a estes homens que o Ministro do Exército deu ordens para abrir um buraco na parede de ligação com o Ministério da Marinha por onde fugiu.

Pelas 07H00 da manhã surgiu do lado da Ribeira das Naus um Pelotão de Rec. Panhard do R.C.7 comandada pelo Ex.mo TEN. CRR^F Ferraud de Almeida que posto perante o dilema de ter que disparar ou se render optou pelo segundo.

A prisão do referido Oficial foi efectuada debaixo da janela do Ministério com os Ex-ministros a assistirem, tendo um deles várias vezes chamado o referido Oficial que lhes respondeu não poder ir por se encontrar preso. Pouco depois surgiram forças da G.N.R. do lado do Campo das Cebolas. Tendo chegado à fala com o Comando destas forças aconselhei-o a abandonar a zona visto não ter potencial para se bater comigo, no que fui obedecido pouco depois de ocupar posições na zona apresentou-se-me às ordens o CMDT. da 1^a. Divisão da P.S.P. Cap. Maltez Soares a quem ordenei que o pessoal da referida corporação não se devia manifestar mas sim contribuir para des congestionar o trânsito na zona.

Entretanto pelas 09H00 foi pedido um reforço pelo B.C.5 para o Q.G./RML. pelo qual eu mandei seguir para o local uma AML e uma ETI comandadas respectivamente pelo Alferes Graduado de Cavalaria Marcelino e Asp. Mil^o. Cav^o. Ricciardi, chegados ao Q.G. a força apresentou-se ao Sr. Cap. Inf. Biche Beatriz CMDT da C.C.A.Ç que ocupava a zona.

Por ordem do CMDT da CCAÇ foi colocada a AML no cruzamento da Avenida António Augusto de Aguiar com a Avenida Marquês da Fronteira e a ETI no cruzamento da Avenida Duque D'Avila com a Rua Marquês Sá da Bandeira mantendo-se nessas posições até às 19H00 hora a que foi mandada regressar para junto do meu Comando.

Pelas 10H00 surgiu uma força comandada pelo Brigadeiro Junqueira Reis e constituída por 4 C.C.M/47, 1 Companhia de Caç. do R.I.1 e alguns Pelotões de P.M.

CONFIDENCIAL

...//...

Figura N.5: Relatório da Operação “Fim – Regime”

Fonte: Relatório da Operação “Fim – Regime”

...//...

CONFIDENCIAL

O referido Brigadheiro dividia as suas forças em 2 núcleos que progrediam respectivamente pela Rua Ribeira das Naus e Rua do Arsenal. No 1º. Junto às viaturas Blindadas comandadas pelo Alferes Milº. Souto Mayor acompanhado pela Major de CAVª. Pato Anselmo que depois de várias negociações se considerou prisioneiro antes disso tentei dialogar com o referido Brigadheiro no lado da Ribeira das Naus mas o mesmo exigia que eu fosse ter com ele atrás das forças que comandava e eu que ele viesse a meio do espaço que nos separava. Ordenou ao Alferes Milº. de CAVª. Souto Mayor para abrir fogo sobre mim com as peças do CC M/47 mas não foi obedecido tendo de imediato ordenado a prisão do referido Oficial declarando-lhe que: "você já estragou a sua vida". Deu ordem aos apontadores dos CC M/47 e aos atiradores que progrediam atrás dos Blindados também para abrir fogo, mas não foi obedecido nesta altura o referido Oficial General disparou alguns tiros para o ar tentando que as NT lnes respondessem. Não houve troca de tiros.

As negociações com a Major Pato Anselmo foram orientadas pela Major INFª.COM. Neves, Cap.Cavª. Tavares de Almeida e Alferes Milº.Cavª. Maia Loureiro. Logo que o Major Pato Anselmo se rendeu mandou-se voltar as torres dos CC M/47 e avançar na nossa Direcção no que fomos obedecidos. Os AT. e PM. que progrediam atrás dos CC M/47 e outros que se encontravam no mirante antes de Cais do Sodré vieram entregar-se.

Na rua do Arsenal as negociações foram feitas pelos TENs.CAVª.Santos Silva e Assunção e Furriel Milº.Cavª. J.Nunes do RC 7 que se tinha passado para o nosso lado. O furriel Milº.J.Nunes iniciou um movimento até junto dos CC M/47 afim de informar o Brigadheiro Reis de que devia vir a meio caminho estabelecer conversações. Tendo andado cerca de 5 metros precedido pelo TEN.CAVª. Santos Silva o Brigadheiro Reis abriu fogo na nossa direcção pelo que ambos se viram na contingência de ocupar as anteriores posições de defesa. Nessa altura o TEN.CAVª. Santos Silva voltou à Praça do Comércio informando os acontecimentos. Na mesma altura em que o TEN. Santos Silva regressava à Praça do Comércio o TEN.CAVª. Assunção alheio aos incidentes verificados dirigiu-se à Rua do Arsenal e procurou entabolar conversações tendo-se dirigido ao outro lado pedindo a vinda ao meio do caminho do Brig. Reis o que não lhe foi concedido, prosseguindo por isso até junto dos CC M/47. Nessa altura o BRIG.Reis mandou abrir fogo sobre o TEN.CAVª.Assunção não tendo sido obedecido pelos soldados tendo-se o Ex.no COR.Romeiras interposto entre as armas e o referido Tenente aconselhando calma ao Brig.Reis que nessa altura agrediu o TEN.Assunção com 3 muros. Devido ao insucesso das conversações o TEN Assunção voltou às suas linhas. Depois das 09H00 começou a circular na nossa frente a fragata F-743. Dei ordem para que o 1º. Oficial Superior da Marinha que chegasse junto ao cerco fosse conduzido à minha presença. Tendo-me surgido um Oficial Superior da Marinha cuja identificação não recorro ao corrente da situação pois necessitava de saber se devia abrir fogo contra o barco ou não pois que isso obrigava a alterar o dispositivo e a colocar as EBR em frente ao referido barco; O Oficial da Marinha declarou-me que ia saber o que se passava e posteriormente fui informado de que o barco se encontrava ali por ordem do Governo mas que não disparava contra nós.

CONFIDENCIAL

...//...

Figura N.6: Relatório da Operação “Fim – Regime”

Fonte: Relatório da Operação “Fim – Regime”

CONFIDENCIAL

...//...

Pelas 10h00 horas surgiu um grupo de Comandos comandado pelo Exmº. Major Neves levando sob as suas ordens vários oficiais alguns dos quais é civil. Major Neves entrou no Ministério a fim de prender os Ministros e passou revista aos mesmos. Também por esta altura surgiu o Exmº. Ten. Cor. Cavª. Correia de Campos que passou a comandar as operações no Terreiro do Paço.

Posteriormente chegou é civil á Zona de Operações o Exmº. Cor. Cavª. Francisco de Moraes que manifestou a sua total adesão ao Movimento e nos deu os parabéns. Tendo-se constatado a fuga dos Ministros e a não existência da Zona ocupada de objetivos remuneradores o Exmº. Coronel Correia de Campos propôs ao P.C. a escolha de outros objetivos no que foi atendido. Propus a divisão do nosso efectivo em duas forças, sendo uma formada pelo pessoal da E.F.C. e outra pelos aderentes RC 7, RL 2, e RI 1 comandadas pelos Tenentes de Cavalaria Cadete e Balula Cid., tendo -se estes dirigido para o Q.G. da Legião Portuguesa na Penha de França. A minha coluna progrediu pelo Rua Augusta em direcção ao Rossio sendo aclamada em apoteóse pela população durante todo o trajecto até ao Carmo.

Ao chegar ao largo do Rossio encontrei uma coluna auto transportando uma companhia de atiradores do RI 1 cujo Comandante Capº. Inf. Fernandes me declarou estar ali por ordem do Governo para me não deixar passar mas estava ás minhas ordens. Disse-lhe para seguir atrás de minha coluna até ao Carmo, no que fui obedecido.

Pelo meio dia e trinta cerquei o quartel da G.N.R. do Carmo. Foi bastante importante o apoio dado pela população nos realizar destas operações pois que além de me indicarem todos os locais que dominavam o Quartel e as portas de saída deste, abriram portas varandas e acessos a telhados para que a nossa posição fosse mais dominante e eficaz. Também nesta altura começaram a surgir populares com alimentos e comida que distribuíram pelos soldados.

Passei novamente a comandar as forças pela ausência do Exmº. Coronel Correia de Campos que foi receber ordens ao P.C. .

Pouco depois populares vieram-me informar que estávamos a ser cercados por 2 Companhias da G.N.R. e outra da polícia de choque, como não tinham viaturas blindadas não me preocupei com o assunto. Posteriormente fui informado que o Brigadeiro Junqueira dos Reis comandando viaturas blindadas e outra companhia do RI 2 se encontrava também a cercar as N.T.. Pelas 11h00 horas surgiu-me um sargento do RI 1 a dizer que o pessoal se encontrava disposto a passar para o nosso lado. Respondi-lhe que poderiam vir e indiquei-lhe o caminho. O pessoal do RI 1 pôs a arma em bandoleira, misturou-se com a população e passou-se para o nosso lado. Tive também notícias que a tripulação de um C.C. tinha abandonado o mesmo.

Para complicar mais a situação das tropas fieis ao Governo surgiu um esquadrão do RC 3 comandado pelo Capº. Cavª. Ferreira que cercou o que restava das tropas do Brig. J. Re. Entretanto recebi ordem para obrigar á rendição do Quartel do Carmo. A ordem foi escrita pelo Exmº. Major Oteão Saraiva de Carvalho e transportada pelo Capº. Art. Rosado da Luz e dizia.

SARGENTO MAIA:

Tentámos fazer um ultimato ao QG/GNR para entrega do Presidente do Conselho sem grandes resultados. Os tipos desligam o telefone ou retardam a chamada dizendo que vão ver se as pessoas estão.

Com o megafone tenta entrar em comunicações e fazer um aviso - ultimato para a rendição. Eu já ameacei o Cor. Ferrari mas ele parece não ter acreditado. Com auto-metralhadora rebenta fechaduras do portão para verem que é a sério. Julgo que não reagirão. Felicidades. Um abraço.

CONFIDENCIAL

OTELO

...//...

Figura N.7: Relatório da Operação “Fim – Regime”

Fonte: Relatório da Operação “Fim – Regime”

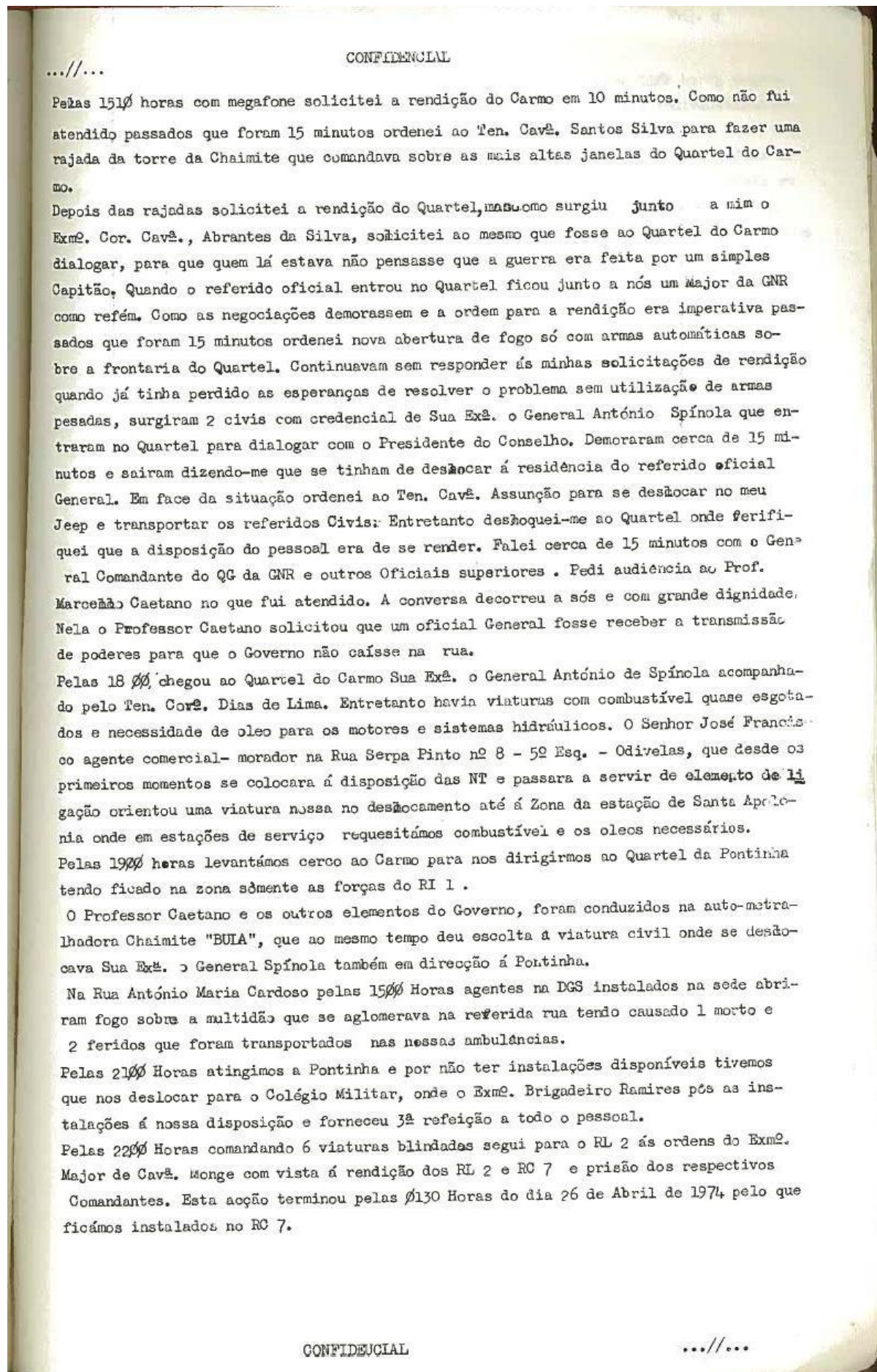


Figura N.8: Relatório da Operação “Fim – Regime”

Fonte: Relatório da Operação “Fim – Regime”

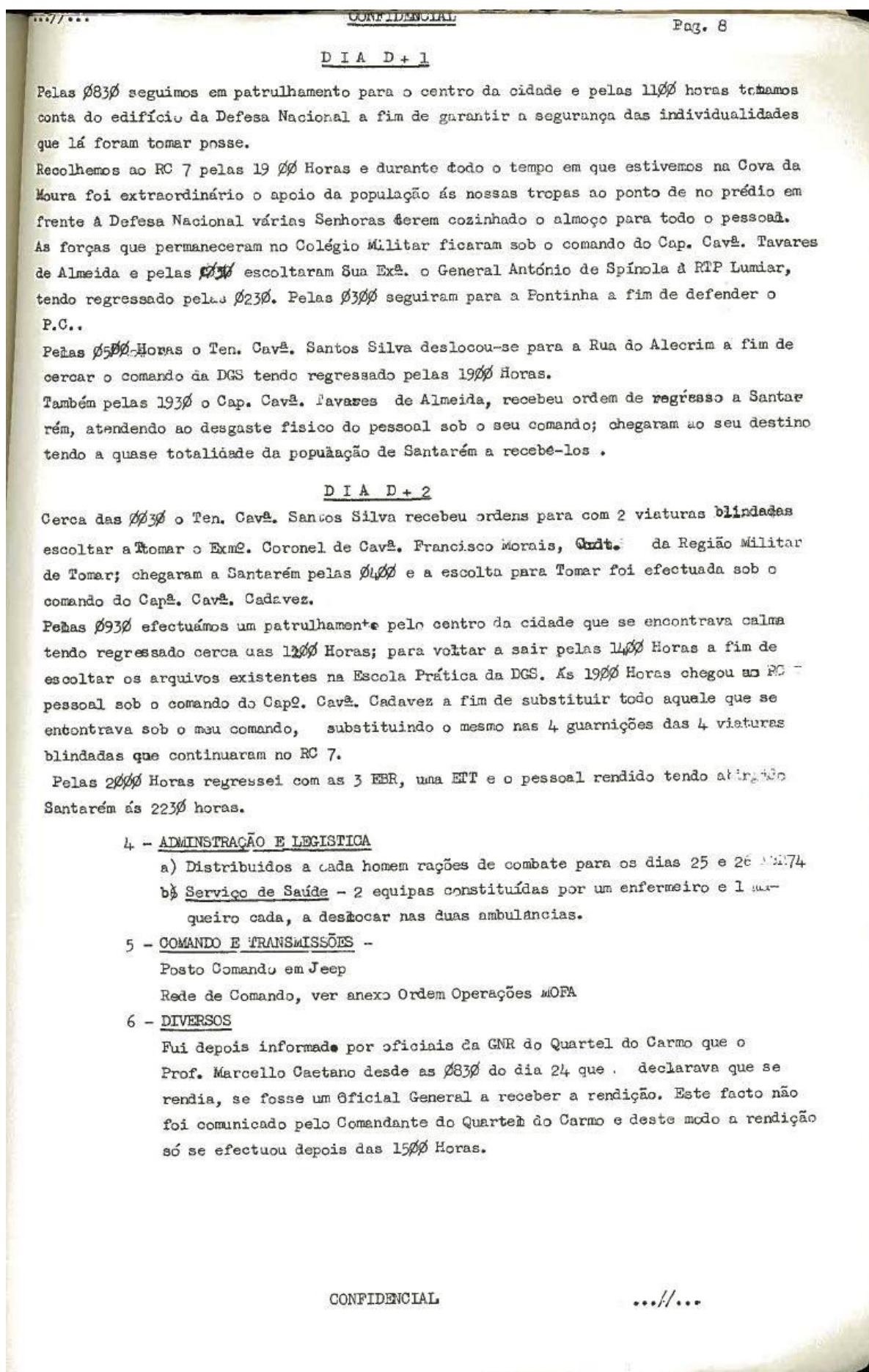


Figura N.9: Relatório da Operação “Fim – Regime”

Fonte: Relatório da Operação “Fim – Regime”

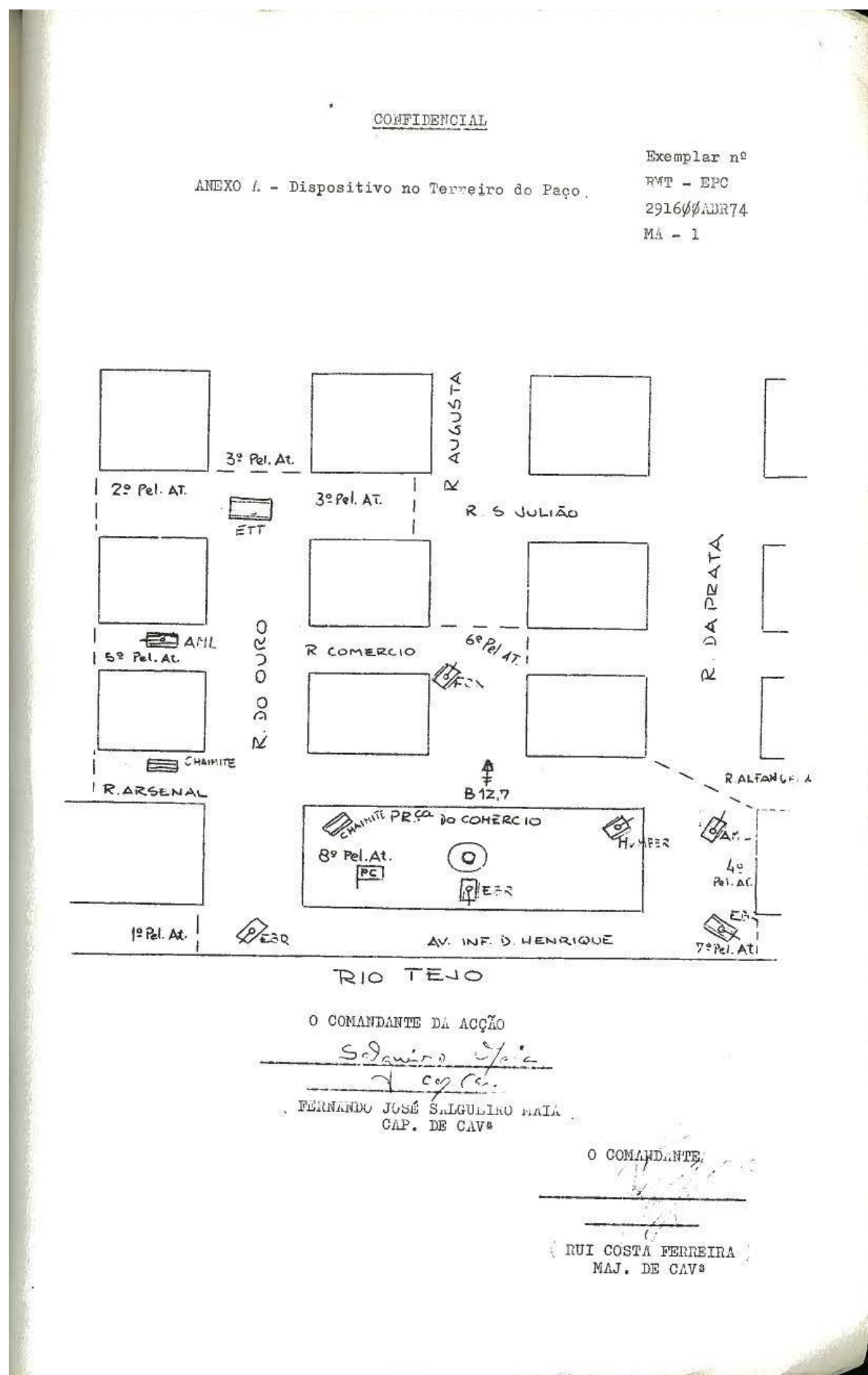


Figura N.11: Relatório da Operação “Fim – Regime”

Fonte: Relatório da Operação “Fim – Regime”

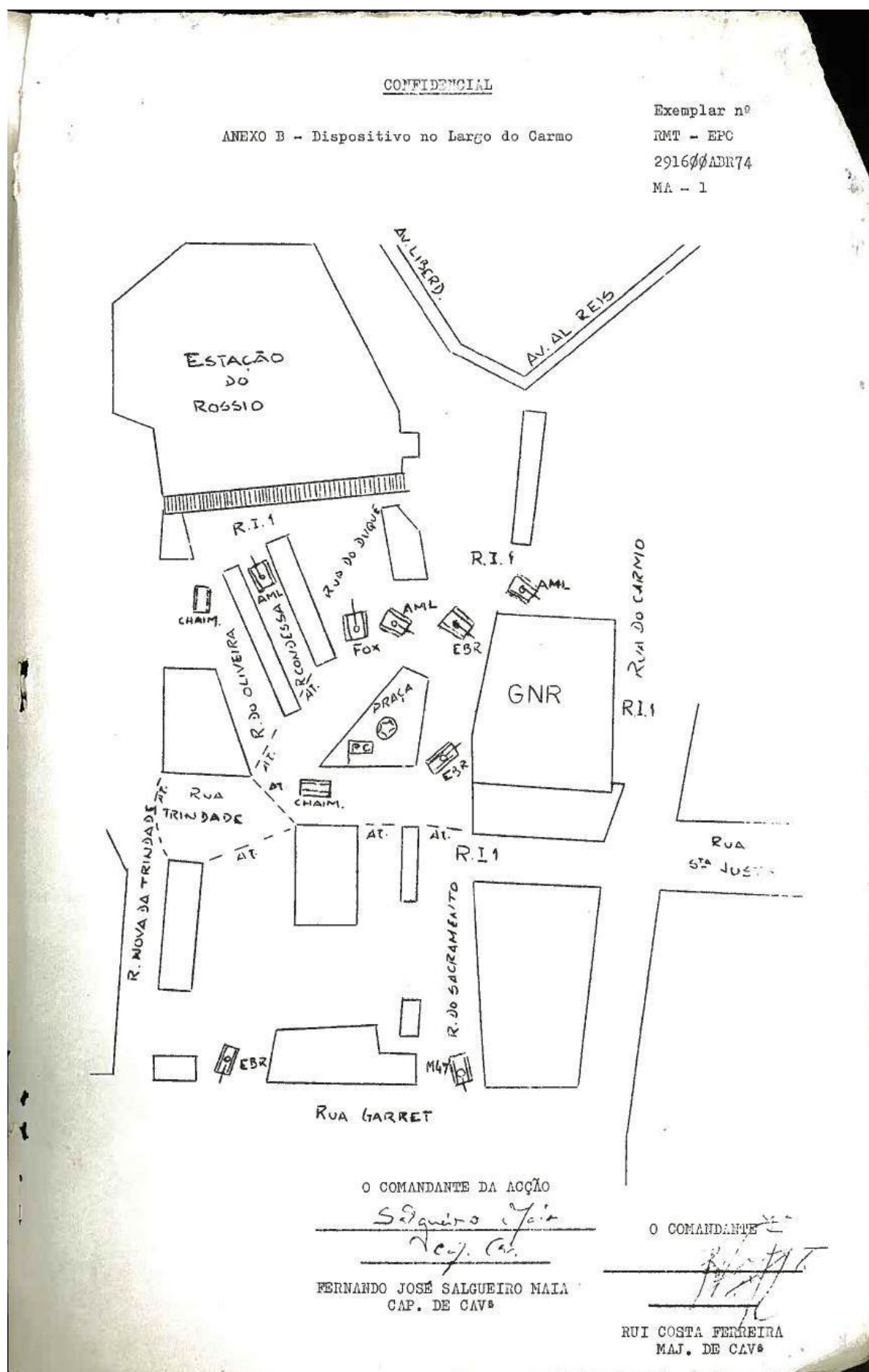


Figura N.12: Relatório da Operação “Fim – Regime”

Fonte: Relatório da Operação “Fim – Regime”

ANEXO O - PERCURSO DA EPC ATÉ AO LARGO DO CARMO

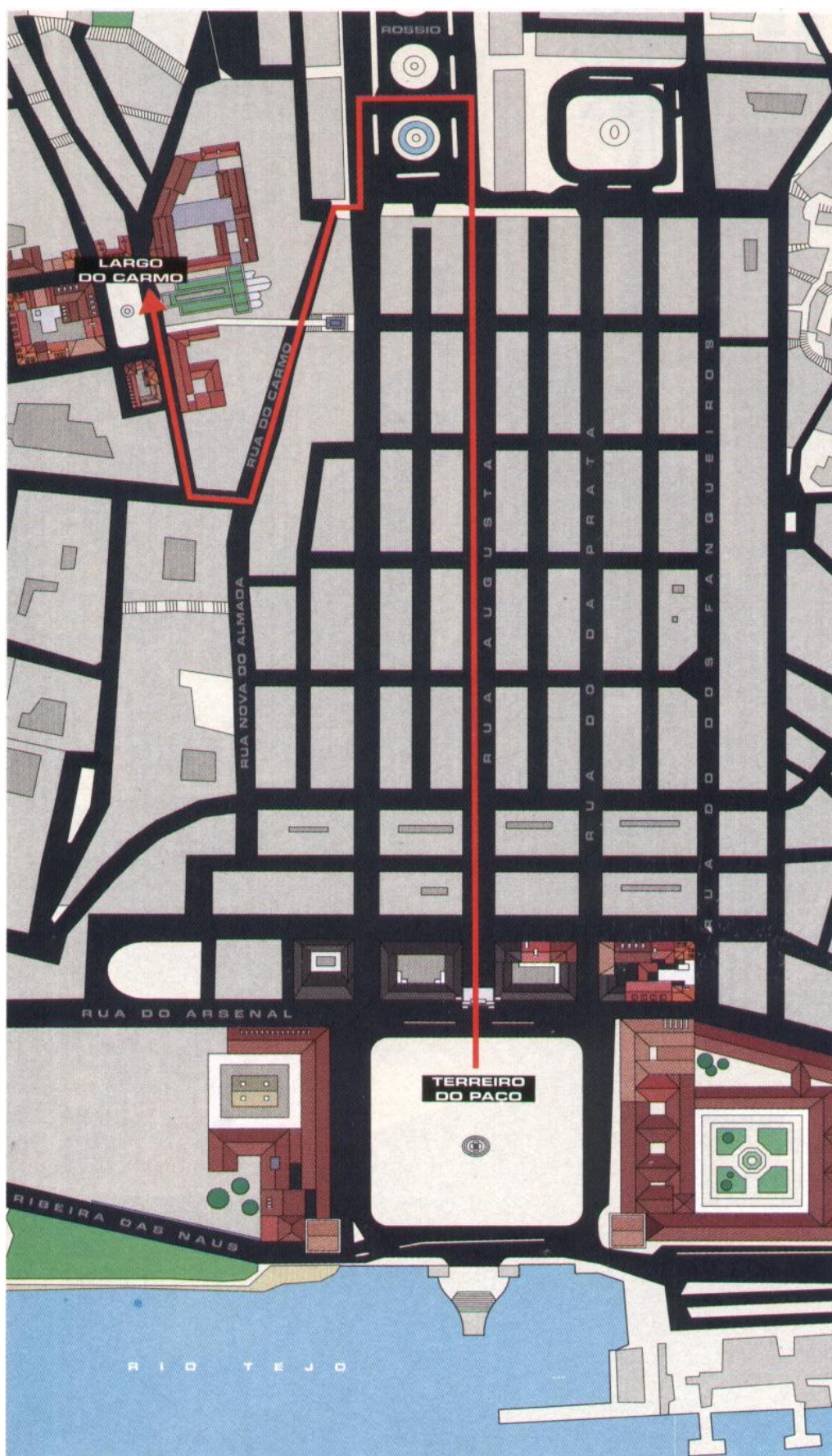


Figura O.1: Percurso da EPC até ao Largo do Carmo

Fonte: Revista Público, 25 de Abril de 1999: 76